



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

KAREN PRISCILA LIMA DOS ANJOS

**CARTOGRAFANDO LESBIANIDADES: JOGOS PERFORMATIVOS DE
GÊNERO E SUBJETIVAÇÃO NAS EXPERIÊNCIAS DE/ENTRE MULHERES**

Belém – PA

2016

KAREN PRISCILA LIMA DOS ANJOS

**CARTOGRAFANDO LESBIANIDADES: JOGOS PERFORMATIVOS DE
GÊNERO E SUBJETIVAÇÃO NAS EXPERIÊNCIAS DE/ENTRE MULHERES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará, na Linha de Pesquisa: Psicologia, Sociedade e Saúde, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia. Orientada pela Prof^a. Dr^a. Maria Lúcia Chaves Lima.

Belém – PA

2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação
(CIP) Sistema de Bibliotecas da UFPA

Anjos, Karen Priscila Lima dos, 1988-
Cartografando lesbianidades: jogos performativos de
gênero e subjetivação nas experiências de/entre
mulheres
/ Karen Priscila Lima dos Anjos. - 2016.

Orientadora: Maria Lúcia Chaves
Lima. Dissertação (Mestrado) -
Universidade Federal do Pará, Instituto
de Filosofia e
Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação
em Psicologia, Belém, 2016.

1. Lésbicas - identidade. 2. Lésbicas -
performances. 3. Lesbianismo. 4. Mulheres.

I

. Título.

CDD 22. ed. 301.4157

KAREN PRISCILA LIMA DOS ANJOS

**CARTOGRAFANDO LESBIANIDADES: JOGOS PERFORMATIVOS DE
GÊNERO E SUBJETIVAÇÃO NAS EXPERIÊNCIAS DE/ENTRE MULHERES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará, na Linha de Pesquisa: Psicologia, Sociedade e Saúde, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Maria Lúcia Chaves Lima (Orientadora)

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Prof.^o Dr.^o Benedito Medrado (Membro externo)

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Prof. Dr.^a Flávia Cristina Silveira Lemos (Membro interno)

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Prof.^o Dr.^o Leandro Passarinho Reis Júnior (Membro interno)

Universidade Federal do Pará (UFPA)

A todas as pessoas que ousam fazer de suas vidas microfissuras
nas fronteiras aprisionadoras de gênero e sexualidade.

AGRADECIMENTOS

Curiosamente, na escrita de trabalhos acadêmicos, esta sessão costuma ser uma das últimas a ser elaborada e, em contrapartida, uma das primeiras a ser lida. Neste texto que mistura temporalidades e afetos, seguem meus agradecimentos às pessoas que estiveram presentes em diferentes momentos desse percurso:

À Prof.^a Dr.^a Maria Lúcia Chaves Lima, esta orientadora-amiga a quem muitos já me ouviram referir, em um trocadilho carinhosamente elaborado, como “Lúcia Linda”. Agradeço pelos inúmeros ensinamentos nos debates em sala de aula, no aprender da profissão no estágio em docência e em outros espaços, nas orientações de diálogo sincero e horizontal; agradeço por sempre estimular e encorajar todos os meus “delírios” acadêmicos e por depositar em mim uma confiança que por vezes eu não tinha. Agradeço imensamente ao acaso cósmico pela beleza e generosidade deste encontro. As palavras não são suficientes para traduzir meu sentimento de gratidão por todos os afetos compartilhados nesta primeira jornada de ambas as partes na pós-graduação, orientadora e orientanda;

Ao Prof. Dr. Benedito Medrado, pelas valiosas contribuições recebidas na qualificação do projeto de pesquisa e também nos debates em sala de aula e outros contextos de formação que pude vivenciar no semestre cursado como discente visitante no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco. Pela generosidade e carinho com os quais me recebeu neste período e por contribuir para reafirmar a crença em uma forma de fazer acadêmico crítico, que busca articular ao máximo a produção teórica às outras práticas macro e micropolíticas que a esta se conectam;

À Prof.^a Dr.^a Flávia Cristina Silveira Lemos, por ter me apresentado, na disciplina de Análise Institucional do curso de graduação em Psicologia da UFPA, os primeiros vislumbres sobre uma forma de psicologia radicalmente problematizadora a respeito dos temas sociais contemporâneos. Por ter acompanhado este processo, em alguns momentos de forma mais direta e outros indireta, fosse na orientação do trabalho de conclusão de curso, nos debates em sala de aula, no exame de qualificação do projeto de pesquisa e agora como avaliadora do texto final da dissertação. Pelo trabalho altamente compromissado e rigoroso que representa uma ruptura tanto em minha maneira pessoal de pensar a psicologia quanto na história mais recente do curso de graduação e do Programa de Pós- Graduação em Psicologia da UFPA;

A todas as mulheres com quem pude cruzar o caminho no percurso desta pesquisa, nos espaços de sociabilidade GLS e, em especial, às sete mulheres que aceitaram conversar sobre suas experiências de lesbianidades em entrevistas e colaborar generosamente para esta construção *compartilhada* de conhecimento.

Ao Grupo InquietAÇÕES: arte, saúde e educação, pelos momentos agradáveis de debates teóricos e questionamentos. Por nossos divertidos momentos de experimentações corporais e artísticas nas aulas de expressão corporal, bem como pela coragem e vontade de articular todas estas formas de expressão e intervir para a construção de uma realidade crítica do presente por meio das aulas-teatro;

Ao Grupo de Estudos Foucaultianos (GEF), o grupo autogestionado, regado a muito afeto e café, composto por amigas e amigos que me acompanharam em todos os momentos deste curso de mestrado. Pelos debates teóricos e momentos de lamentações e alegrias coletivas que foram fundamentais para este processo, agradeço fortemente ao Arthur Santos, à Bruna Cruz, à Fernanda Neta, ao Igor Santos e à Thaís Nogueira.

Ao Núcleo Feminista de Pesquisas em Gênero e Masculinidades (GEMA/UFPE), por toda a hospitalidade com a qual fui recebida e pelas trocas estabelecidas nos meses em que participei de suas atividades acadêmicas, políticas e festivas (afinal, o carnaval também é político). Agradecimentos especiais a Aida Carneiro e Luíz Braúna, pelas provocações pertinentes em nossos debates a respeito de nossas pesquisas, pelos laços de amizade criados e pelas companhias essenciais nos momentos finais de escrita da dissertação.

A Juliana Gaioso por sua imensa hospitalidade e afeto, por compartilhar as ladeiras de Olinda e por sua generosidade nas ajudas necessárias quanto à língua inglesa;

Aos amigos e amigas de luta que fiz no Movimento Universitário em Defesa da Diversidade Sexual – Grupo Orquídeas, cujos debates e vivências de uma militância acadêmica fomentaram em mim as primeiras experiências e esperanças sobre uma produção de conhecimento comprometida com a conquista de direitos para a comunidade LGBT e ruptura das normas aprisionadoras de gênero e sexualidade. Agradeço especialmente aos amigos Milton Ribeiro Filho e Ramon Reis;

Às amigas da academia e da vida Adriana Macedo, Fernanda Bengio e Hevellyn Corrêa, pelas conversas animadas nas quais dividiram suas experiências acadêmicas oficiais e não-oficiais e por me ensinarem a lidar com os momentos de tensão e alegria cantando;

À minha amada amiga-irmã Kátia Carvalho Faro, por todos os momentos de suporte acadêmico, psicológico e “místico”; pelo apoio constante e incondicional a todas as minhas escolhas pessoais e profissionais e por ser a revisora oficial de meus textos desde a graduação;

À Amanda Spacca, por me fazer refletir sobre termos essenciais para este trabalho a partir do diálogo com o teatro e por suportar com carinho as minhas variações de humor ao final deste processo;

À minha família, minha mãe Izanete Lima, minha irmã Karene dos Anjos e meu sobrinho Paulo Victor Monteiro (o sol de meus dias), por todo o afeto, compreensão sobre os momentos de isolamento necessários e pelo suporte sem o qual não teria sido possível chegar até este momento.

“Um mapa tem múltiplas entradas contrariamente ao decalque que volta sempre ‘ao mesmo’. Um mapa é uma questão de performance, enquanto que o decalque remete sempre a uma presumida ‘competência’.”

(Deleuze e Guattari)

RESUMO

A presente pesquisa se insere no bojo daquelas que buscam questionar noções como sexo, gênero, identidade e sujeito enquanto naturais e estáveis, admitindo que estas noções sofrem interseções e variam de acordo com contextos históricos, econômicos, políticos e culturais. A partir desta perspectiva, também existe um forte questionamento de binarismos que marcam a forma majoritária de produção de conhecimento no contexto acadêmico como, por exemplo, os binarismos sujeito/objeto ou subjetividade/objetividade em pesquisa. De acordo com tais pressupostos assumidos, o presente trabalho elegeu como objetivo cartografar as nuances do jogo performativo de gênero, no qual mulheres com múltiplas experiências de lesbianidade, simultaneamente, fazem uso e também são afetadas por construções discursivas de gênero e sexualidade em seus processos de subjetivação, buscando identificar elementos e fragmentos que constituíssem possíveis resistências, ressignificações ou desesquematisações em relação aos padrões heteronormativos de gênero e sexualidade. O método da cartografia foi utilizado por se apresentar como aquele que mais se adequa ao objetivo de analisar processos de subjetivação em curso, pois possui como uma de suas principais características a construção de conhecimento a partir da lógica da processualidade. Deste modo, o trabalho de pesquisa se tornou flexível em relação às peculiaridades que ocorreram ao longo do percurso e em decorrência das reavaliações constantes dos efeitos produzidos, fator que constitui a principal característica da análise em uma pesquisa cartográfica. Esta orientação se fez presente na fase de pesquisa empreendida em alguns espaços de sociabilidade GLS do município de Belém, na utilização do diário de pesquisa em encontros intersubjetivos realizados por meio de entrevistas com mulheres que possuem seus processos de subjetivação atravessados por diferentes experiências de lesbianidade e performances de gênero. Com igual nível de relevância, este ethos analítico cartográfico esteve presente no momento da escrita do texto final da dissertação, pois este buscou colocar em prática um questionamento sobre a política de narratividade vigente no meio acadêmico. Deste modo, ao final da produção dos dados foi possível traçar um plano relativo à experiência *comum* (de comunhão ou comunicação) construída. Neste, admite-se que no jogo performativo de gênero efetuado por mulheres, cujos processos de subjetivação são atravessados por experiências de lesbianidade, o plano comum é a desestabilização da matriz heterossexual a partir de formas singulares. Neste plano, tornou-se visível que as performances de gênero nas experiências de lesbianidade compõem, mesmo em suas estilizações corporais que aparentam fronteiras mais rígidas, um potencial subversivo parodístico que não diz respeito, necessária ou exclusivamente, a ação de vontade das mulheres que atuam tais performances. Nesta pesquisa, experimentou-se fazer rizoma, experimentou-se inventar rizos.

Palavras – chave: Lesbianidade. Performatividade de gênero. Sexualidade. Subjetivação.

ABSTRACT

This research is inserted in the midst of those who seek to question notions of sex, gender, identity and subject as natural and stable, assuming that these notions are intersected and vary according to historical, economic, political and cultural contexts. From this perspective, there is also a strong questioning binaries that make the majority form of knowledge production in the academic context, for example, binarisms subject / object or subjectivity / objectivity in research. Under these assumptions made, this paper chose aimed to map different forms of gender performance that women with multiple lesbianity experiences lay hold on their subjective processes in order to identify elements and fragments that constitute possible resistance, reinterpretation or disorganization relative the normative standards of sexuality and gender. The method of mapping was used to present itself as the one that fits the purpose of analyzing subjective processes in progress, as it has as one of its main features the construction of knowledge from the processuality logic. Thus thus research is flexible in relation to the characteristics that have occurred along the route and due to the constant review of the effects produced factor that is the main feature of the analysis in a cartographic search. This orientation was present during investigation undertaken in some GLS sociability spaces in the city of Belém, in the use of daily research and intersubjective meetings through interviews with women who have their subjective processes crossed by different experiences of lesbianity and gender performances. With equal importance, this cartographic analytical ethos was present at the time of writing the final text of the dissertation, as it sought to put in place a question on the current narrative politics in academia. Thus, at the end of production of the data it was possible to draw a plan on the common experience (communion or communication) built. In this, it is assumed that the gender performances acted out by women whose subjective processes are crossed by experiences of lesbianity common plan is the destabilization of the heterosexual matrix from singular forms. In this plan, it became apparent that the gender performances in lesbianity experiences make up, even in his bodily stylizations that appear more rigid boundaries, a potential parodic subversive not respect necessary or exclusively the will of action of women who work such performances. In this research, we tried it do rhizome, tried to invent rizos.

Key - words: Lesbianity. Performativity of gender. Sexuality. Subjectivation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: criando um problema (de pesquisa)	12
CAPÍTULO I - Pesquisa: uma viagem que se faz sozinha ou acompanhada?	19
1.1 Você vem sempre aqui? Sobre alguns pressupostos de pesquisa	26
1.2 Deslocamentos de pesquisa: deslizando (caindo e levantando) no plano cartográfico	34
1.3 Da frustração e dos passos desviantes: relatos do diário de pesquisa	42
1.4 Por que a entrevista?	50
1.4.1 Roteiro de entre – vistas	53
CAPÍTULO II – Hetero? Lésbica? Bi? Sapatão? Entendida? Ou o <i>queer</i> você quer?	57
2. 1 Considerações ético-políticas sobre a análise de entrevistas	57
2.2 Lésbicas são mulheres?	61
2.3 Mudança de performance e autoconfiança	64
2.4 Espaços, performatividade e diferenças	69
2.5 O policiamento da sexualidade	73
CAPÍTULO III – Confusões, encrencas e anedotas	80
3.1 Sobre cópias e paródias	82
3.1.1 Espaços, performances e estratégias de gênero	82
3.1.2 De “caco” em “caco”, do riso ao “rizo”	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS: Mas por que acabou?	95
REFERÊNCIAS	102

INTRODUÇÃO: criando um problema (de pesquisa)

Como se escreve a história de uma pesquisa? Do começo? Qual seria seu começo? Como saber onde foi que começou? Como delimitar? Como saber onde teve início este processo turbulento? Confuso em muitos momentos?

Escolhi fazer o oposto do “recomendado”. Vamos começar pelo final. A parte final de um processo de pesquisa de mestrado, em geral, é designada pela descrição do processo de pesquisa. Em síntese, pela narração de uma história. Então, seguimos aqui com algumas questões a respeito do que entendo como narração e história. Ao se enveredar pelo debate relacionado a temas como gênero, sexualidade e subjetividade, percebe-se rapidamente que perguntas e problemas não nos faltam. Entretanto, torna-se necessário circunscrever o problema específico desta pesquisa.

Em nossa sociedade ocidental, encontramos uma proliferação discursiva sobre a temática da sexualidade e do gênero. De acordo com Foucault (2011), a partir do século XVI, as sociedades ocidentais viram surgir e se reforçar uma vontade de verdade que formulou e inscreveu no sexo toda verdade sobre os sujeitos. Em seu projeto genealógico, o autor argumenta que, ao contrário da hipótese de repressão do sexo do século XVI ao século XIX, o que surge no interior das sociedades ocidentais industriais é um tipo de dispositivo chamado sexualidade. Este seria um emaranhado de redes discursivas que, ao invés de reprimir, atuaria principalmente a partir de procedimentos de produção discursiva e prática de corpos, sujeitos e do próprio sexo. Desta forma, foi produzido um saber sobre a sexualidade, os corpos, as populações e, de forma conjunta, a normalização destes elementos.

Deste modo, Foucault (2011) realiza uma série de análises que invertem a lógica a partir da qual geralmente é formulada a temática da sexualidade. Ao invés de tomar esta sexualidade como um dado prévio e natural, o referido filósofo incorre em pesquisas que buscam mostrar quais relações de poder e estratégias políticas foram postas em prática e tiveram como efeito esta sexualidade.

Foucault (2011) localiza na confissão, primeiramente como obrigação no cristianismo e posteriormente codificada dentro de uma linguagem científica, o principal mecanismo por meio do qual a sociedade ocidental vinculou o tema da

sexualidade ao tema da verdade. Contudo, não se trata de qualquer verdade, mas a verdade sobre o sujeito, ou seja, dizer a verdade sobre seu sexo passou a ser tomado como sinônimo de dizer a verdade sobre si. Deste modo, surge todo um jogo de esquadramento e incitação dos corpos ao nível dos pensamentos, dos gestos, dos comportamentos e do desejo. Para Foucault (2011), o dispositivo de sexualidade foi se constituindo, desde o século XVIII, como um ponto crucial da grande rede discursiva que age sobre e através dos sujeitos; estes últimos tomados em seu duplo sentido: como elemento ativo incitado a participar de seu processo de elaboração e como “assujeitado” às normas que limitam suas possibilidades de existência.

Historicamente, as mulheres lésbicas foram tratadas como seres mitológicos, invisíveis, desvalorizadas socialmente, seres “impossíveis de existir”, pecadoras, doentes, prostitutas, assexuadas, mal-amadas e uma série de outros estereótipos e estigmas (TOLEDO, 2008), ou seja, narradas a partir da posição do sujeito universal que se encontra impregnado pela parcialidade dos parâmetros heteronormativos. Dentre esses estigmas, um dos mais difundidos diz respeito à ideia de obrigatoriedade de “masculinização” de mulheres que sentem desejo sexual por outras mulheres. A famigerada figura da “sapatão” aparece no cenário de representação das mulheres com experiências de lesbianidade como uma personagem ininteligível dentro da ótica de mundo falocentrada e da rigidez de gênero binários e opostos da heteronormatividade. Isto porque, de acordo com estas visões, a única forma possível de compreender as sexualidades seria a partir do esquema pressuposto de sexo/gênero/desejo/práticas sexuais (BUTLER, 2012). Logo, para melhor se adequar a esse sistema, ao menos ao nível da performance, uma mulher que não direcione seu desejo sexual para o presumível gênero “oposto” (o masculino) e sim para outro sujeito do “mesmo” gênero, deveria procurar meios de manter este esquema prévio e formular uma performance de gênero para si que confirme a oposição binária, ou seja, masculinizando-se.

Talvez, exatamente por figurar, ao menos nos termos do feminismo emancipacionista, como uma figura que retoma os preceitos da sociedade machista e do viriarcado, a “sapatão” foi duramente discriminada, tanto dentro do movimento social feminista quanto no interior do movimento LGBT brasileiro. Chegou a ser comparada a uma “pedra no sapato das feministas e das bichas” (FRY; MACRAE, 1985). Além disto, a estilização do corpo na performance de mulher “masculinizada” encontra certa “desvalorização” dentro das redes de sociabilidade e da economia sexual estabelecida

em espaços de sociabilidade de Gays, Lésbicas e Simpatizantes (GLS), ao menos no segmento das chamadas “camadas médias urbanas” (MEINERZ, 2008).

Por outro lado, uma forma de discriminação inversa acomete aquelas mulheres que atuam em sua performance de gênero de maneira mais próxima aos padrões reconhecidos como femininos. Os casais de mulheres “femininas” sofrem da desconfiança da existência de uma sexualidade (sexo, neste caso), devido ao fato de não haver um signo evidente da hierarquia de gênero fundamental para as relações heterossexuais. Além disto, são por vezes criticadas por supostamente não oferecerem resistência ao padrão hegemônico de gênero ou, ainda, tidas como meras “caricaturas” da “verdadeira” feminilidade heterossexual (MEINERZ, 2008).

Neste sentido, por meio dos exemplos citados, podemos reconhecer que encontramos em nossa realidade uma variedade de discursos e práticas que ora assumem e destacam lésbicas dentro de sua relação de submissão em um padrão de sociedade regida por uma hierarquia de gênero (salários menores de mulheres comparativamente aos homens, dificuldades de acesso a instâncias de resolução política na esfera pública, dentre outros), ou seja, que as reconhecem enquanto “mulheres”. Em contrapartida, existe outra ordem de discursos que deslocam mulheres com múltiplas experiências de lesbianidades para fora desta categoria de “mulheres”, devido ao fato de não satisfazerem os postulados primordiais de uma sociedade heteronormativa. Ou seja, não existem para satisfazer o prazer dos homens, nem sua sexualidade está destinada à reprodução.

Além destas discriminações decorrentes dos padrões heteronormativos em parâmetro mais amplo, muitas vezes mulheres que não se encaixam nestes padrões são discriminadas em seu cotidiano por apresentarem atuações incompatíveis com as rígidas fronteiras entre gêneros em nossa sociedade. Sinalizadas por comportamentos interpretados como “masculinos”, são empurradas para as margens ou para fora (o abjeto) deste esquema moldado de compatibilidade e continuidade entre sexo/gênero/desejo/práticas sexuais, vide a clássica frase de Monique Wittig: “lésbicas não são mulheres” (BUTLER, 2012). Diante desta profusão de discursos e de suas diferenças de direções e perspectivas, cabe a seguinte questão: Como mulheres com diferentes experiências de lesbianidade performam seu gênero frente aos discursos normalizadores de gênero e sexualidade e, desta forma, produzem seus modos de subjetivação?

A importância da presente pergunta (ou problema) está em interrogar o cerne da questão a respeito dos moldes de sociedade que vivenciamos, entendendo esta como uma sociedade na qual o controle sobre o corpo e a sexualidade se traduzem na produção de identidades estanques que buscam engessar as possibilidades de singularidades outras dentro de um padrão de conduta pré-fixado. Simultaneamente, estes padrões relegam as resistências a esse padrão heteronormativo para uma localização marginal e tida como abjeta na sociedade, ocasionando preconceito, discriminação e decorrente sofrimento psíquico.

Em suma, esta pesquisa realiza o questionamento que busca conduzir a uma maior compreensão sobre as formas mais capilarizadas de controle e produção exercidas pelas relações de poder em nossa sociedade, ou seja, as normalizações sobre o corpo e a subjetividade. Portanto, questionar estes padrões é também questionar a forma como as relações de poder ocorrem em nossa atualidade.

Desta forma, tomado em sua radicalidade crítica, o questionamento a respeito das noções estáveis de sexo e gênero introduz um movimento ulterior, de crítica a alguns conceitos e noções que constituem pilares da formação do discurso psicológico. Os problemas de gênero de Judith Butler(2012) nos desafiam a formular alguns “problemas psicológicos”: como repensar as categorias de sujeito, eu, indivíduo e pessoa a partir de uma crítica feminista de gênero sobre as teorias psicológicas? Deveriam os conceitos derivados por estas teorias ter seu status de validade científica redimensionados ou ressignificados ao se considerar a ruína de suas noções fundamentais? Até que ponto a psicologia e suas correntes teóricas mais difundidas se encontram comprometidas com uma perspectiva normativa e heterossexualizada de gênero? Haveria possibilidade e/ou condição de existência para uma psicologia que não fosse binária e oposicionalmente generificada?

Certamente, responder a estas perguntas extrapola os limites constituídos pelos objetivos elaborados para este trabalho. Entretanto, a simples plausibilidade lógica de sua formulação e a atual impossibilidade de respondê-las a contento por meio de alguma das “grandes teorias” *psi* coloca este saber em xeque. Deste modo, revela-se a importância da emergência, no interior do discurso psicológico, de um debate mais aprofundado e politicamente crítico sobre as funções exercidas pela lógica normativa de gênero em nossa sociedade, bem como das consequências de uma utilização acrítica destas normas pelo discurso psicológico.

Nesse sentido, o objetivo geral da presente pesquisa, como descrito, foi cartografar as nuances do jogo performativo de gênero, no qual mulheres com múltiplas experiências de lesbianidade, simultaneamente, fazem uso e também são afetadas por construções discursivas de gênero e sexualidade que fazem parte de seus processos de subjetivação, buscando identificar elementos e fragmentos que constituíssem possíveis resistências, ressignificações ou desesquematisações em relação aos padrões normativos de sexualidade e gênero. Para dar conta de tal objetivo geral, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: 1) observar e acompanhar as formas de sociabilidade de mulheres com experiências de lesbianidade em suas conexões com suas performances de gênero, em alguns espaços de sociabilidade GLS de Belém; 2) compreender os sentidos atribuídos por estas performances de gênero em suas experiências de vida e 3) identificar possíveis momentos de singularizações, ressignificações e resistências às normas de gênero binário e oposicional.

Em relação aos próximos capítulos, prefiro pensar nestes como textos que não buscam atingir um ideal de representação da realidade pré-existente, aliás, gostaria de pensar desta forma a respeito de todo este texto final de pesquisa, pois não existe um “antes” localizável relativo aos dados produzidos pela pesquisa. A pesquisa acontece pelo meio. Pois, como apresentado nas primeiras páginas, torna-se difícil neste momento da trajetória demarcar onde terminam os preceitos teóricos e onde começam as orientações metodológicas, quais ideias já estavam presentes no início e quais outras foram sendo incorporadas. Acredito que tentar estabelecer esta fronteira seria tão frutífero e glorioso quanto aquela velha questão de quem veio antes: o ovo ou a galinha? Costumo falar em tom jocoso que esta última questão se assemelha bastante àquela que indaga se são as formas de sociabilidade LGBT que produzem sujeitos identificados com estas siglas ou se são os sujeitos identificados com estas siglas que produzem formas de sociabilidade específica. Eis um tipo de lógica circular paralisante. Acredita-se que a presente pesquisa, a partir da definição de seus objetivos, escolha metodológica e orientações éticas e políticas decorrentes destas escolhas, mostra-se como uma tentativa de estabelecer uma linha de fuga em relação a esta circularidade com a qual identifico certa parcela de pesquisas realizadas atualmente sobre temas envolvendo o campo de pesquisa da diversidade sexual.

A partir desta perspectiva, o ato em si de pesquisar, em especial quando orientado por conceitos e noções que se aproximam do ato criativo, passa a constituir também um processo de subjetivação. Neste processo eminentemente dinâmico,

algumas mudanças importantes de posicionamento ocorreram, decorrentes de leituras, conversas, observações e de uma constante avaliação em relação aos efeitos do percurso que se traçava. Dito isto, apresento uma descrição breve dos capítulos.

Em relação ao primeiro capítulo, apresentam-se algumas perspectivas da cartografia como uma pesquisa que se interessa pelo acompanhamento de processos, coemergência entre sujeito e objeto, a noção de plano cartográfico como coletivo de forças e outras noções que fornecem elementos para iniciar o debate a respeito de construtos teórico-metodológicos considerados relevantes para o objetivo desta pesquisa. Desta forma, exponho brevemente os conceitos de gênero performativo, sexualidade e subjetivação, inserindo alguns pequenos exemplos de conexões estabelecidas no processo da pesquisa. Todos os seus subtópicos dizem respeito ao processo de construção do diagrama de forças (mais especificamente nos espaços GLS de Belém) e dizem respeito a diferentes momentos deste processo que foram registrados no diário de pesquisa, ocorridos ou não no contexto de “pesquisa de campo”¹. A intenção desta estratégia narrativa é inserir alguns conceitos que serão utilizados de forma mais intensa e também de dar relevância a outros elementos do processo de pesquisa, para além das entrevistas. Assim, aponto os sucessivos deslocamentos e problematizações ocorridas, bem como seus efeitos sobre meu posicionamento como pesquisadora, os objetivos de pesquisa e a produção de conhecimento. Esta estratégia narrativa também surge a partir de uma provocação sobre o conceito de performatividade, que seria mais abrangente que a performance (esta se remetendo ao sujeito que atua), pois seria constituído por uma multiplicidade de linhas e conexões que extrapolam as ações de sujeitos específicos (VALE DE ALMEIDA, 2008).

O segundo capítulo é dedicado ao debate envolvendo as diferentes formas de construção de mulheres lésbicas encontradas a partir do levantamento de literatura realizado e seus tensionamentos. Em confronto com esta forma instituída, serão realizadas problematizações, visando deslocar a fixidez da identidade lésbica a partir de fragmentos das entrevistas realizadas. O terceiro capítulo é dedicado a acontecimentos relatados pelas mulheres entrevistadas para a pesquisa, ocorridos na frequência aos estabelecimentos GLS ou outras conexões, afetações e problematizações produzidas por

¹Coaduno com o argumento de Kastrup e Passos (2013) quanto à problematização da ideia de “campo” de pesquisa como uma área ou lugar específico que limitaria as possibilidades de realização da pesquisa, bem como da ideia de “campo” como o momento eminentemente empírico no qual a pesquisa se consumaria. Portanto, a palavra “campo” e expressões correlatas aparecem sempre entre aspas para indicar graficamente tal problematização.

mim (ou de forma compartilhada) no processo de pesquisa. Neste último capítulo, busco explorar de forma majoritária o que venho chamando, a partir dos objetivos estabelecidos para a pesquisa, de “momentos de ressignificação, desestabilização ou desesquematização das normas hegemônicas de gênero e sexualidade”. Deste modo, não recorrerei a uma narrativa linear das histórias contadas e dos encontros intersubjetivos empreendidos, tampouco pretendo apresentar as mulheres com quem conversei como se fossem um sujeito uno ou como se as experiências surgissem no campo histórico a partir de um foco individual.

Para finalizar este momento introdutório, é necessário que se acrescente a este “guia de leitura” que as chamadas questões referentes à teoria ou metodologia, “resultados” e análises estão diluídas e articuladas ao longo de todo o trabalho. De modo que não existe um capítulo exclusivamente dedicado para cada uma destas questões, consideradas de forma isolada e dentro de margens rígidas, pois são imanentes e não se pode estabelecer uma delimitação restrita destas.

Capítulo I – Pesquisa: uma viagem que se faz sozinha ou acompanhada?

Certamente, comparar o processo de pesquisa a uma viagem não é uma metáfora que se possa dizer nova, muitos autores já a utilizaram, inclusive fora do âmbito acadêmico. Esta metáfora também possui certa frequência em trabalhos empreendidos sob as orientações da cartografia. Aliás, o próprio nome deste “método”, apropriado da geografia, nos remete ao tema das viagens. Assim, acredito que seja conveniente “entrar na onda” e explorar um pouco mais o tema da viagem em pesquisa.

Ao longo do período de dois anos, o curso de mestrado parece muitas vezes solitário; nas madrugadas em claro estudando e escrevendo, nas longas conversas consigo a respeito de problemas de pesquisa, nos sonhos ou pesadelos de não conclusão... Entretanto, é também um período bastante povoado. De ideias, de dúvidas, de surpresas, de encontros. Ideias que nos rondam e nos acompanham, apagando-se e retornando vez por outra, o mesmo ocorrendo com as dúvidas. Surpresas? Ah, que motor potente! Tanto quanto os encontros. Professoras/es, colegas de turma, pessoas conhecidas em congressos, em outras viagens não-acadêmicas, amigas/os reencontradas/os em função da pesquisa, as mulheres que entrevistei, com quem conversei rapidamente em algum dos espaços frequentados, encontros com várias “Priscilas” ao longo deste processo.

Louro (2013) também utiliza a metáfora da viagem, e seus desdobramentos, para falar sobre sexualidade e teoria *queer*. Em seu ensaio, explora alguns dos desdobramentos recorrentes da viagem como metáfora e como experiência concreta, apresentando as figuras de “viajantes pós-modernos”. Diferentemente das viagens empreendidas pelos heróis nas novelas de formação, nas quais gradativamente se adquire “consciência” ou “posse sobre si”; viajantes pós-modernos são sujeitos fragmentados e cambiantes (p. 13). Assim como a autora, gosto da noção de deslocamento trazida pela metáfora da viagem, gosto do percurso, de aproveitar a vista, seus encontros e descaminhos. Gostoda afirmação de Louro (2013): “A imprevisibilidade é inerente ao percurso. Tal como numa viagem, pode ser instigante sair da rota fixada e experimentar as surpresas do incerto e do inesperado” (p. 16). Embora a autora esteja aqui se referindo a normas de gênero e sexualidade, creio que podemos usar o trecho para falar sobre a viagem empreendida na pesquisa cartográfica.

Outro elemento comum nas viagens (literais, de gênero ou em pesquisa cartográfica), e também citado por Louro (2013), é o atravessamento de fronteiras. Em

relação às normas de gênero e sexualidade, a autora nos trás a ressalva de que os sujeitos, mesmo quando buscam se distanciar destas fronteiras, não conseguem ignorá-las. Pois, paradoxalmente, o próprio deslocamento desviante faz realçar a existência destes limites. Louro (2013) retoma a mesma metáfora em questão, desta vez fazendo referência à sua utilização por James Clifford, para afirmar que:

A fronteira é lugar de relação, região de encontro, cruzamento e confronto. Ela separa e, ao mesmo tempo, põe em contato culturas e grupos. Zona de policiamento é também zona de transgressão e subversão. O ilícito circula ao longo da fronteira. Ali os enfrentamentos costumam ser constantes, não apenas e tão somente através da luta ou do conflito cruento, mas também sob a forma da crítica, do contraste, da paródia (p. 20).

Este espaço do “entre”, o espaço da fronteira, mostra-se produto e produtor de diferenças. Simultaneamente, contraste e contato, conflito e contrato. Pode-se dizer da fronteira tanto que limita regiões distintas, quanto que prolifera múltiplas formas de vivenciá-la. E isto não se deve apenas a uma atitude de escolha deliberada, intencional. Como nos adverte Louro (2013), não são todos que podem atravessar as fronteiras de gênero livremente. Como em qualquer outra viagem, diversas marcas de gênero, raça, classe, dentre outras, fazem variar a liberdade de ir e vir. Em muitos casos, a viagem pode significar uma travessia forçada, exílio. Para a autora, viajantes pós-modernos talvez sejam como a figura do “nômade”, aquela figura que habita o transitório, que “muitas vezes, extraem mais prazer da mobilidade e da ‘passagem’ do que propriamente da ‘chegada’ a outro lugar ou ao lugar do ‘outro’” (p. 22).

A metáfora da viagem utilizada no texto sobre os “Viajantes pós-modernos”, escrito por Guacira Lopes Louro, foi e permanece uma referência interessante para minhas “viagens” acadêmicas, as viagens que fazemos em nossos pensamentos e esforços de produção de conhecimento. Entretanto, para esta viagem-pesquisa intitulada “Cartografando lesbianidades: jogos performativos de gênero e subjetivação nas experiências de/entre mulheres”, um ponto comentado por Guacira em seu texto não aparenta estar mais tão próximo das minhas concepções sobre esta viagem. Louro (2013) afirma que viajantes pós-modernos estão “à deriva”. Creio que tenha estado assim por algum momento, especialmente no início, mas a prática foi produzindo em mim a habilidade de reconhecer algumas pistas que me orientaram ao longo deste processo.

Em relação à pesquisa, concordava com as noções de sujeitos cambiantes, fragmentados, quedelocama si mesmos no período do deslocamento empreendido na viagem; concordava com a noção da imprevisibilidade do percurso, do aproveitamento dos encontros proporcionados por este; com a ideia de atravessar ou de estar no espaço do “entre” fronteiras e das marcas inscritas nos corpos dos/as viajantes. Entretanto, o sentimento de “estar à deriva”, como algo que causa medo e insegurança, foi aos poucos sendo substituído por uma confiança que não dizia respeito necessariamente a mim como pesquisadora ou à “validade” da pesquisa, mas confiança no percurso, no caminho e no ato de caminhar.

Um barco “à deriva” não dispõe de âncora, nem vela, nem leme. Não pode se fixar nem escolher deliberadamente seu percurso. Mas nem por isto se pode dizer que sua/seu viajante se encontra totalmente perdida/o ou sem referências. Viajantes podem se dispor de forma sensível: podem sentir no rosto o toque do vento, escutar para onde ele sopra; podem ver para onde as aves voam e, talvez (com sorte), pegar carona em alguma corrente marítima e se perceber, por acaso ou não, seguindo o fluxo. Embora muitos possam dizer que se encontram sozinhos, solitários, uma atenção sensível faz notar que existem multiplicidades de elementos que lhes cercam. E além destes, viajantes podem contar consigo. Viajantes também podem contar com sua intuição, com seus corpos e com sua capacidade de improvisar. Sem âncora, nem vela, nem leme, pode-se ainda estar sensível aos sinais do mundo ao seu redor, pode-se contar com a sorte, pode-se usar os pés e braços para sair do lugar, pode-se tirar as roupas e improvisar uma vela.

Ao longo do processo da pesquisa, consigo perceber que não estava completamente “à deriva”, ou, ao menos, que pude dar outro significado para esta expressão. Estar “à deriva” não significava mais ter medo ou insegurança, mas sim confiar em ferramentas e sinalizações menos formatadas e ter coragem para acreditar na força do acaso.

Sujeitos cambiantes? Fragmentados? A Priscila que agora escreve esse texto não é a mesma que iniciou um curso de mestrado em 2014. Ela também não é a mesma Priscila que reformulou seu problema de pesquisa, muito menos a Priscila que sofreu desamores neste mesmo ano; para alguns meses depois descobrir e se apaixonar por ideias de cartografia. A Priscila que submeteu um projeto para qualificação com uma estrutura de texto acadêmico formal (introdução, capítulo teórico, capítulo

metodológico, etc.) não é a mesma que se arrisca agora em uma política de narratividade que tenta subverter tal ordem instituída.

Alguma Priscila se viu paralisada ao perceber que ler sobre cartografia não era suficiente para “ir a campo”. Esta estava “à deriva”. Sentia-se solitária. Teve de jogar ao mar uma garrafa com um pedido de socorro dentro. Para sua surpresa, a garrafa retornou com outro bilhete que dizia: “se joga!”. Era uma orientadora-amiga quem respondia. Priscila se deslocava. Perguntava-se: “como é que se joga?”, “onde?”, “como?”, “por quais motivos?”, “em quais direções?”. Uma experiência de deslocamento e um desafio lhe rodearam de dúvidas (problemas). Eis que já não se sentia tão solitária. Seria necessário estar atenta a tais experiências para ir descobrindo caminhos. Agora, esta Priscila (a mesma ou outra?) entendia a inversão metodológica da qual trata o método da cartografia.

Entendi que seria caminhando que conseguiria responder tais perguntas, ou encontrar outras mais pelo caminho. Experimentando o trânsito e o deslocamento, no caso, por entre alguns espaços de sociabilidade GLS de Belém, usando meu corpo, produzindo conhecimento fora do espaço da universidade. Experimentando a imprevisibilidade do percurso, de não saber como agir, de encontrar lugares fechados, de ser convidada para ir a lugares que não estavam previstos. Experimentando os encontros do caminho, com as mulheres com as quais tive uma breve conversa para pegar um número de telefone e aqueles encontros que tive com as mulheres que entrevistei. Encontrando novas ideias no meio do caminho, mudando de rota em função destas. Experimentando estar entre as fronteiras que demarcam sujeito e objeto de pesquisa, objetividade e subjetividade na produção do conhecimento. Experimentando questionar a própria pesquisa, as escolhas realizadas e os efeitos produzidos.

Confesso que não entendo muito sobre “estar à deriva” e outras metáforas marítimas. As viagens que realizo se aproximam muito mais do estilo “mochilão”. Nestas, geralmente realizadas por um viajante solitário ou em pequenos grupos, também estão presentes os deslocamentos, imprevistos, mudanças de rota, encontros, fronteiras e marcas. Além destes elementos, também estão presentes decepções ou encantamentos, partidas, estadas (passagens) e retornos. Nas viagens estilo mochilão, dadas a certeza quanto aos percalços da estrada e à indefinição da rota que lhe são características, não se deve levar muita coisa, muitos objetos são desnecessários, apenas o fundamental. Apenas o que possa caber na mochila. Em decorrência disto, deve-se saber dosar o peso, cada viajante deve aprender quanto consegue carregar de forma confortável; e eleger

aquilo que considera importante transportar consigo. Nos “mochilões”, o objetivo da viagem não é comprar ou coletar coisas, não é uma viagem com objetivo de acúmulo. Na verdade, o objetivo varia de acordo com o viajante e pode mudar ao longo do percurso, mas, em geral, o que se deseja é aproveitar a experiência deste tipo peculiar de viagem.

Creio que esta viagem-pesquisa da qual trato nesta dissertação pode ser aproximada de uma viagem estilo “mochilão”. Neste percurso, que agora compartilho, percebia-me andando sem uma rota muito bem definida, com uma mochila nas costas e disposta a aproveitar o trajeto. Nesta “pesquisa-mochilão”, como em algumas outras viagens que fiz, devido a algumas características curiosas da viagem, havia a sensação de estar ao mesmo tempo *sozinha e acompanhada*.

No início, o trajeto sempre parece ser mais difícil e solitário. Quando me joguei do barco à deriva e decidi continuar a viagem a pé, senti-me pequena frente ao desafio de cartografar. No mapa, alguns lugares aos quais gostaria de ir; na mochila, alguns conceitos, pistas e uma garrafa; na viajante, um corpo aberto e sensível. Apesar do sentimento inicial de confusão e medo, afinal, em última instância a responsabilidade por traçar o caminho seria apenas minha (mesmo que exista mais de uma Priscila, este texto é escrito por duas mãos apenas); a pesquisa-mochilão pouco a pouco foi revelando companhias. Formas diferentes de companhias, formas diferentes de “estar com”.

Nesta pesquisa-mochilão as companhias não eram aquelas constantes, que vão conosco a todos os lugares e estão ao nosso lado em todas as horas. As companhias da pesquisa- mochilão aparentavam para mim ter maior fluidez. Eram companhias que se constituíam a partir de encontros ocasionais no meio do caminho, por outros encontros agendados previamente; algumas outras companhias que não estavam lá, mas que eu poderia acionar se algo “desse errado”. Havia minha própria companhia. Além disto, durante a “pesquisa-viagem-mochilão”, fui cruzando caminhos, de viajante para viajantes.

Assim, pude desfrutar das vantagens de viajar ao mesmo tempo *sozinha e acompanhada*. Viajar *sozinha* pode ser muito interessante para refletir, pensar em formas mais abstratas, divagar, pensar em si e no próprio trajeto; viajar *sozinha* também lhe garante maior autonomia para decidir sobre o caminho a ser trilhado, sobre o tempo de estada em cada lugar, sobre os lugares onde não se deseja ir. Além disto, este tipo de viagem nos força a ativar habilidades de sociabilidade: tendo ou não a intenção, acabamos por conhecer pessoas, pois somos forçados a interagir com quem está por

perto. Entretanto, viajar sozinha pode se tornar chato a partir de um determinado momento.

Viajar em companhia, por outro lado, nos predispõe ao compartilhamento e ao diálogo. “Estar com” remete-nos ao cuidado com o outro, com suas opiniões, ideias, crenças, desejos. Quando se viaja em companhia, perde-se um pouco da autonomia sobre o caminho e outras escolhas da viagem. Entretanto, pode-se surpreender e de repente se encantar com as escolhas resultantes do diálogo (que em alguns momentos pode tomar ares de conflito), pode-se desfrutar da própria sensação de compartilhamento. Além disto, quando viajamos em companhia a sensação de segurança se amplia, podemos inclusive arriscar mais por não estarmos sós. Desse modo, viajando ao mesmo tempo sozinha e acompanhada em uma viagem- pesquisa-mochilão, fui traçando as linhas e pontos de conexões que constituem esta cartografia sobre lesbianidades.

Ao longo deste processo, encontrei com viajantes mais experientes com os quais foi possível pegar algumas dicas sobre rotas e ferramentas, escutar conselhos, trocar ideias. Estes eram viajantes do ar, do mar e da terra. Mas tudo bem, umas das vantagens da viagem estilo mochilão é exatamente poder variar o meio de transporte. Medrado e Lyra (2015), por exemplo, admitem que suas “pesquisas-viagens” partem:

[...] do pressuposto de que o rigor metodológico de uma pesquisa, como bem afirmam Mary Jane Spink e Vera Menegon (1999), não está na aplicação exata do método, mas, sobretudo, na explicitação argumentada das escolhas, dos limites e possibilidades que caracterizam os procedimentos adotados em uma pesquisa. Ou seja, tão importante quanto os resultados e análises apresentados, são os caminhos percorridos (p. 3).

Assim, aumentava a importância de estar atenta ao percurso traçado nesta pesquisa-mochilão e, por outro lado, diminuía o receio compartilhado por muitas/os pesquisadoras/es de “primeira viagem” de não estar seguindo o método (ou caminho) à risca. Neste sentido, Medrado e Lyra (2015) argumentam que em tais pesquisas-viagens o que produzimos são orientações que não são tão exatas e fixas quanto as bússolas, e sim orientações do tipo “biruta”. Os autores argumentam que o instrumento, muito usado na aviação, pressupõe a possibilidade de escolha, pois não indica a direção correta a seguir. A biruta indica apenas os momentos nos quais se corre mais ou menos risco, quando o vento está mais favorável ou não para seguir caminho.

Assim, achei que seria interessante ter uma biruta em minha mochila. Embora tenha tido contato com este instrumento tardiamente (após a “ida a campo”), comecei a questionar se talvez ela não estivesse perdida em algum bolso, afinal, mochilas não costumam ser um tipo de bagagem muito organizada. Eis que quando fui vasculhar mais de perto, retirar tudo o que havia dentro e colocar de volta, encontrei sim uma biruta. Nesta viagem-mochilão, o instrumento a indicar a direção de sopro do vento foi a própria atitude cartográfica. Como nos indicam Barros e Barros (2013), o que caracteriza uma cartografia, mais do que o aprendizado de conceitos, é um *ethos analítico* que deve estar presente em todo o percurso da pesquisa. Questionar cada passo, cada escolha, rever os pressupostos, o problema elaborado, indagar-se sobre os efeitos produzidos; estas são atitudes de análise em cartografia que, creio eu, foram postas em prática.

Além dos viajantes já citados, é preciso mencionar outros/as que também se arriscam e desfrutam de pesquisas-viagens cartográficas, cuja experiência de viagem pode nos trazer outras ferramentas/instrumentos de auxílio. Barros e Passos (2014) também viajam – e muito, atravessam o Atlântico – para produzir a experiência de uma pesquisa- intervenção. Tais viajantes escrevem sobre a importância do registro do processo da pesquisa/viagem. Esta prática não teria o fim determinado de apresentar resultados de pesquisas, mas sim de funcionar como um dispositivo “disparador de desdobramentos da pesquisa” (p. 173). Em uma atitude embasada pelo princípio da inseparabilidade entre sujeito e objeto em uma pesquisa cartográfica, compartilham um “diário de bordo” construído por meio de troca de correspondência eletrônica entre um pesquisador e uma pesquisadora quando da ocasião de uma viagem para Moçambique. Esta viagem foi feita com a finalidade de realizar um trabalho de formação junto a grupos de conselheiros/as atuantes nos Gabinetes de Aconselhamento e Testagem Voluntária (GATV), formas de centros responsáveis pela prevenção do HIV/AIDS em Moçambique.

Deste “diário de bordo” ou “diário entre-dois”, do qual tomamos conhecimento por meio de tal compartilhamento de Barros e Passos (2014), alguns pontos nos chamaram mais atenção e foram tomados como “dicas de viagem”. Além disto, vislumbramos também semelhanças de percurso que fortaleceram a segurança de estar em companhia. Algo presente a todo momento, as dúvidas (sempre elas!) mostram que mesmo viajantes mais experientes não se furtam de deslocamentos de si, de seus conhecimentos prévios e de problematizar cada passo dado, no momento mesmo em

que é dado (produzido). Muitas dúvidas, formuladas sobre um problema tão diverso da performatividade de gênero nas experiências de lesbianidade, reverberaram em minha pesquisa-viagem-mochilão, por exemplo: “como trabalhar com o que nos distingue sem necessariamente nos separar?” (p. 180); “como abrir bifurcações, como deixar passar os devires minoritários onde vigoram políticas subjetivas tão molares?” (p. 186). Estas perguntas foram traduzidas em outras mais locais: como trabalhar com diferentes performances de gênero entre mulheres sem usar de classificações e categorias identitárias estanques? Como descobrir/produzir fissuras, desesquematisações das normas de gênero e sexualidade que aparentam tamanha naturalidade e universalidade?

A leitura do “diário entre-dois” de Barros e Passos (2014) deixa transparecer que os problemas e dúvidas não devem ser paralisantes, como em pesquisas que buscam o caminho “certo”. Na cartografia são exatamente as dúvidas que nos movem, que nos fazem seguir a viagem e, através de sua processualidade, encontrar elementos que não estavam “dados” logo de início. Aprendemos a reconhecer e valorizar os afetos produzidos nos encontros de nossa viagem. Assim, também aprendemos a transportar um diário em nossa mochila. Eis que ganhava mais uma companhia.

Ao final, se por acaso alguém perguntar se, em minha viagem, estive “sozinha ou acompanhada?”, não saberia responder. Faria, mais uma vez, as mesmas perguntas que Barros e Passos (2014): “De quem foi essa experiência? Quem vive tal viagem?” (p. 200). A indagação de estar sozinha ou acompanhada, que não por acaso também pode ser entendida como uma cantada ou paquera, é uma pergunta que busca saber qual a situação da pessoa perguntada com a finalidade de ajudar a decidir se aproximar ou não desta. Não saber responder esta pergunta pode causar confusão, estranheza, mas também curiosidade, vontade de seguir em frente. Caso tenha sido esta a “primeira impressão”, gostaria de lhe convidar a me acompanhar nesta viagem.

1.1 Você vem sempre aqui? Sobre alguns pressupostos de pesquisa

Apresento neste tópico, de forma breve, alguns pressupostos que orientaram (segundo o exemplo da biruta) o processo de pesquisa e sem os quais, acredito, não seria possível sequer ter formulado seu problema principal. Assumir claramente estes pressupostos também constitui uma atitude de crítica ético-política no contexto de produção de conhecimento. Pois, em uma pesquisa cartográfica um dos fatores que indicam seu rigor consiste em colocar em análise estes pressupostos, problematizar algo por vezes tomado como fixo em outras formas de fazer pesquisa. Estes pressupostos nos

acompanharam ao longo do processo de pesquisa, funcionando como espécies de “pontos de referência”. Mas também foram estranhados, tomados como novos a cada nova guinada do percurso. A pergunta “você vem sempre aqui?” nos remete a este jogo (de sedução?) no qual uma pergunta de algum modo tornada clássica, dado sua repetição, torna-se pretexto para a aproximação do novo. Outra possibilidade assumida também seria tomar esta pergunta como uma aproximação divertida, diluindo a ansiedade e solenidade dos primeiros encontros. Neste sentido, segue uma breve articulação de conceitos a serem aprofundados ao longo dos próximos capítulos, quando tivermos um pouco mais de intimidade.

Sexualidade. O grande tabu? O grande interdito fundador das relações sociais? O bem precioso cuja guarda adequada garantiria a salvação eterna? Ou o paraíso em vida, o suprasumo do prazer terreno, que se existe é justamente para fins de desfrute e deleite? Nada se pode afirmar com certeza. Pois há quase tantos enunciados a respeito da sexualidade quanto saberes inventados pela humanidade. Medicina, religião, moral, biologia, arquitetura; de lado a lado onde se busque emergem feixes de discursos que incidem sobre e, imanentemente, compõem a sexualidade.

Em *História da Sexualidade: a vontade de saber*, publicado originalmente em 1976, Michel Foucault (2011) propõe um “jogo” a respeito da história da sexualidade que funciona a partir de uma inversão fundamental: ao invés de tomar esta sexualidade como um dado prévio e natural, o autor incorre em pesquisas que buscam mostrar que relações de poder foram postas em prática e tiveram como efeito esta sexualidade. Portanto, em sua análise, não existe um apelo ao “biológico como destino”. Este apelo é invertido por uma argumentação que pode ser expressa pela afirmação de que “o destino do biológico é historicamente forjado”.

E, neste processo de “forjamento” histórico, foi constituído um mecanismo da maior importância à sociedade ocidental desde o século XVI, o acoplamento entre sexo e verdade. É precisamente este acoplamento que enseja o subtítulo do livro em questão: a vontade de saber. Ao historicizar a sexualidade, Foucault (2011) questiona um elemento ulterior que diz respeito à formação dos discursos em nossa sociedade, a vontade de saber ou a vontade de verdade, que dirige nossas formulações aceitas socialmente e aquelas que são excluídas a respeito de diversos temas, dentre elas o tema da sexualidade.

Ao partir do princípio de que “a menor eclosão de verdade é condicionada politicamente” (p. 11), Foucault (2011) insere o sexo e a sexualidade em outro tipo de

lógica de análise, aquela que toma estes dois elementos em sua constituição e modificação histórica. Ou seja, no livro em questão, o autor insere a sexualidade em uma análise de poder que desconstrói seu caráter naturalizado e lhe coloca dentro de uma ordem política dos discursos aceitos como verdade. Questionar a naturalidade de categorias como sexo e sexualidade e articulá-las a uma análise política, encarando estas categorias em sua dimensão discursiva, produz em seu bojo uma série de outras questões: que vontade de saber incitou a sociedade ocidental industrial à obstinada tarefa de dizer a verdade sobre seu sexo? Por meio de quais mecanismos esta verdade foi construída, legitimada e mantida? Que efeitos políticos tal processo histórico produziu?

No texto “Sexualidade e poder”, Foucault (2012a) também coloca de forma bastante clara o objetivo de seu projeto de estudo e as perguntas que o norteiam. Neste sentido, estabelece as bases sobre as quais pretendia escrever esta história e a diferença desta em relação a outras formas de estudar o saber sobre a sexualidade como, por exemplo, a psicanálise. O principal está em não aceitar apenas a formulação geral sobre a sexualidade gerada a partir do século XIX com o fenômeno amplo da histeria; ou seja, não formular a sexualidade apenas como o “desconhecimento pelo sujeito de seu próprio desejo” (p. 57), que seria ainda uma dimensão individual de análise. Mas ir além nesta investigação sobre o saber sobre a sexualidade e ponderar a própria superprodução social e cultural sobre a sexualidade que se instaurou desde – e mesmo antes – deste período histórico.

Ao analisar a constituição do dispositivo de sexualidade, Foucault (2011) destaca duas formas muito distintas de relação entre sexualidade, saber e poder: a *ars erótica* e a *scientia sexualis*. Na primeira, a arte erótica, o saber sobre a sexualidade é produzido a partir de uma relação empírica de exploração, intensificação, prolongamento do prazer sexual; e seus efeitos serão desfrutados pelo próprio sujeito que se empenha nesta produção. Por outro lado, na ciência sexual, o sujeito é incitado a produzir um discurso sobre seu sexo que será destinado a outrem, uma vez que este saber será utilizado para fins de submissão deste sujeito às normas sexuais elaboradas a partir desta ciência. A arte erótica teria sido desenvolvida principalmente em algumas sociedades orientais, enquanto a ciência sexual seria uma forma eminentemente ocidental de lidar com o saber sobre sexualidade.

Foucault (2012a) assinala a importância do cristianismo neste processo de “colocação do sexo em discurso” e para o surgimento de um dispositivo complexo e

refinado de controle e vigilância por meio da sexualidade. Para o autor, esta contribuição não se formularia fundamentalmente em termos de uma moral sexual que, segundo a história tradicional convencionou apontar, teria como alicerces os princípios da monogamia, atividade sexual voltada unicamente para a reprodução e desqualificação do prazer sexual. Ao contrário, citando os trabalhos de pesquisas realizadas pelo historiador da Antiguidade Paul Veyne, Foucault afirma que estes princípios de moral sexual já existiam e eram aceitos pela maioria dos habitantes do Império Romano antes do surgimento do cristianismo. Deste modo, o autor assenta sobre a base dos mecanismos de poder a grande contribuição do cristianismo para a sua História da Sexualidade, uma sexualidade ocidental e europeia.

De acordo com Foucault (2012a), a partir do surgimento e difusão do cristianismo no mundo romano, simultaneamente, foi instaurado um tipo novo de poder na história desta sociedade: o poder pastoral. Inicialmente, o tema do pastor e do poder pastoral aparece com maior frequência em algumas sociedades da região mediterrânea e de tradição hebraica. A partir da expansão do Império Romano e também do cristianismo para estas regiões, este tema do pastorado será desenvolvido e reforçado pela articulação com outros temas relacionados ao ascetismo. O autor expõe algumas das principais características do poder pastoral: Não se exerce sobre um território, mas sobre uma multiplicidade em deslocamento para a qual tem por função garantir a subsistência; Possui como característica moral a capacidade de sacrificar-se por suas ovelhas; Além de ser um poder individualista, no sentido de que deve ser capaz de cuidar não apenas do rebanho enquanto um grupo, mas também dos indivíduos tomados um a um.

Foucault destaca algumas consequências das características do poder pastoral para o indivíduo: salvação obrigatória; vigilância e controle contínuos; obediência absoluta; procedimentos de produção de verdade subjetiva. Estas características se relacionam com os objetivos deste tipo de poder, pois a existência de um pastor que irá guiar o rebanho exige que cada um se empenhe para sua salvação, não existindo a alternativa de dizer não a esta salvação. Isto confere ao pastor a necessidade de uma vigilância e controle contínuos de seu rebanho e, em contrapartida, este rebanho tem por obrigação ser obediente àquele que guia para o bem de todos e conhece o caminho a ser trilhado. Deste modo: “no cristianismo o mérito absoluto é precisamente ser obediente. A obediência deve conduzir ao estado de obediência. Manter-se obediente é a condição fundamental de todas as outras virtudes” (FOUCAULT, 2012a, p. 67).

Finalmente, para exercer seu poder sobre o rebanho, torna-se fundamental no pastorado cristão que o pastor conheça também o que se passa no interior dos indivíduos, ou seja, para melhor guiar o rebanho à salvação é necessário conhecer o que se passa no interior de suas ovelhas. Foi precisamente neste ponto que Foucault assinalou a interligação deste pastorado cristão com a sua forma de analisar a história da sexualidade. Eis que para conhecer o interior dos indivíduos o pastor disporá de uma série de mecanismos de análise e o indivíduo será obrigado a dizer tudo o que se passa em sua alma, no “âmago de seu ser”. Nesta relação, o principal procedimento utilizado foi o da confissão, exaustiva e permanente, por meio da qual foi produzida uma verdade que “não era certamente conhecida pelo pastor, mas tampouco era conhecida pelo próprio sujeito” (FOUCAULT, 2012a, p. 68).

Foucault (2011) assinala a importância da confissão nesse processo de surgimento do dispositivo de sexualidade, afirmando que ela é o principal instrumento por meio do qual se vai procurar estabelecer a ligação entre sexo e verdade. Nas palavras do autor: “por confissão entendo todos os procedimentos pelos quais se incita o sujeito a produzir sobre sua sexualidade um discurso de verdade que é capaz de ter efeitos sobre o próprio sujeito” (FOUCAULT, 2012b, p. 390). Primeiramente, como injunção no cristianismo, por meio da qual a atenção foi deslocada do ato pecaminoso e passou a ser difundida a tudo aquilo que de algum modo pudesse ter alguma relação com o sexo: pensamentos, sensações corporais involuntárias, imagens lentamente expulsas e o cuidado com os mínimos contatos entre os corpos. Deste modo, por meio da confissão, e posteriormente de outras formas, foi estabelecida uma conexão fundamental entre o saber sobre o sexo e a produção de sua verdade. Em outras palavras, um tipo específico de produção de verdade que possui como ponto de apoio crucial o conhecimento sobre si mesmo, uma produção que incita a falar cada vez mais e de forma quanto mais pormenorizada possível de tudo o que se passa em seu corpo e sua alma.

Posteriormente, no século XIX, Foucault (2011) afirma que a confissão será codificada em uma linguagem científica e assinala os seguintes mecanismos de poder-saber utilizados neste sentido: 1) Codificação clínica do “fazer falar”: “combinar a confissão com o exame, a narração de si mesmo com um conjunto de sinais e sintomas decifráveis” (p. 74); 2) Postulado de causalidade geral e difusa: no século XIX o sexo poderia ser apontado como causa de uma infinidade de doenças. Tal prática justificava o poder de escrutinar a vida das pessoas e de intensificar o alcance da confissão; 3)

Princípio de uma latência intrínseca à sexualidade: é atribuída uma natureza obscura à sexualidade, que tende a se esconder. Deste modo, de acordo com Foucault: “O século XIX desloca a confissão ao integrá-la a um projeto de discurso científico; ela não tende mais a tratar somente daquilo que o sujeito gostaria de esconder, porém daquilo que se esconde ao próprio sujeito (...)” (p. 75).

Este tom de segredo profundo atribuído ao sexo está intimamente ligado ao mecanismo seguinte: 4) Método da interpretação: para que a confissão seja codificada nos padrões de uma regularidade científica, faz-se necessário que a verdade que será produzida seja validada na relação entre o sujeito que fala e aquele que o escuta; “é preciso duplicar a revelação da confissão pela decifração daquilo que ela diz” (p. 76). Finalmente, 5) Procedimento de medicalização dos efeitos da confissão: o próprio ato de confessar será revestido de uma justificativa terapêutica e, portanto, indispensável ao diagnóstico e intervenções médicas.

Desta forma, Foucault (2011) assinala como a sociedade ocidental europeia industrial formulou em termos de uma regularidade científica um mecanismo de saber-poder-subjetivação que possui como ponto de surgimento a ascensão do cristianismo. Portanto, para o autor, “a ‘sexualidade’ é o correlato dessa prática discursiva desenvolvida lentamente que é a *scientia sexualis*” (p. 78).

Percebe-se neste ponto como a análise de Foucault demonstra a sexualidade desalojada de um caráter substancial e essencialista, pois não existe uma “coisa em si” relativa à sexualidade que determinaria nossos pensamentos, comportamentos ou desejos. A sexualidade não estava lá como um objeto a ser descoberto por algum tipo de intencionalidade. A sexualidade, para Foucault, surge em um jogo de ordem discursiva. Por outro lado, admite-se que esses discursos sobre o sexo não se encontram regidos unicamente por um tipo de regime pautado na evolução lógica dos conceitos empenhados para falar sobre o sexo. Entre as palavras utilizadas para representar a sexualidade como coisa natural e os efeitos de se assumir um sujeito que ao falar revela a verdade da sexualidade existem feixes de relações mais amplas. Essas outras relações corresponderiam àquelas que Foucault denomina propriamente “discursivas”, que são aquelas que se pode estabelecer entre as relações de formação de um objeto e as relações que estabelecem o que, quem, quando, de que forma se pode falar e o que não se pode falar a respeito deste objeto (FOUCAULT, 2014).

Desta forma, analisar a sexualidade como um dispositivo significa, além de considerá-la como produto de uma formação discursiva, também inserir neste estudo os

efeitos políticos desta formação e as estratégias de poder-saber que a sustentam, modificam e reforçam. Ou seja, significa ampliar o raio de análise para as práticas. Nas palavras de Foucault (2012b, p. 364, 365), o dispositivo seria:

[...] em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos. [...] Em segundo lugar, gostaria de demarcar a natureza da relação que pode existir entre esses elementos heterogêneos. Sendo assim, tal discurso pode aparecer como programa de uma instituição ou, ao contrário, como elemento que permite justificar e mascarar uma prática que permanece muda; pode ainda funcionar como reinterpretação dessa prática, dando-lhe acesso a um novo campo de racionalidade. Em suma, entre esses elementos, discursivos ou não, existe um tipo de jogo, ou seja, mudanças de posição, modificações de funções, que também podem ser muito diferentes. Em terceiro lugar, entendo dispositivo como um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante.

Certamente, a sexualidade não é o único meio de discutir e desvendar as estratégias de poder-saber em nossa atualidade, contudo, permanece um local privilegiado de visualização e análise destas estratégias. Isto porque a sexualidade se constituiu em um ponto extremamente denso de articulação de elementos, partindo dos mais diversos pontos, desta grande rede de discursos e práticas que atravessa o cotidiano de nossas relações. É também um dispositivo estratégico valioso para efeitos de controle tanto ao nível individual e disciplinar, quanto em um nível mais abrangente como o dos fenômenos de população. Portanto, longe de representar uma realidade alheia aos jogos de poder econômicos, sociais, culturais, políticos existentes em nossa sociedade, a sexualidade é um dos principais pontos de articulação destas relações de poder dispersas. Simultaneamente efeito e causa desta vontade de saber que nos obriga à tarefa ininterrupta de falar a verdade sobre nosso sexo.

Desta forma, para Foucault (2011) a questão principal não estaria em buscar formas de “liberar” nossa sexualidade de sua suposta repressão, pois enquanto estivermos presos à obrigação de manter a ideia de sexo como verdade, ainda estaremos nas tramas do dispositivo de sexualidade. De acordo com o autor: “contra o dispositivo de sexualidade, o ponto de apoio do contra-ataque não deve ser o sexo-desejo, mas os corpos e os prazeres” (p. 171).

Judith Butler (2012), partindo desta visão de sexualidade enquanto um dispositivo discursivamente constituído e politicamente condicionado por meio das relações de poder, insere-se no debate feminista que realiza a crítica sobre o sujeito e questiona as bases e mecanismos que limitam desde o princípio as condições de emergência deste sob o signo da representação. Além disto, a autora também argumenta que, de fato, não existe em nossa sociedade um sujeito que não sofra desde o início a marca do gênero, ou seja, que não seja generificado, tal existência seria da ordem do irrepresentável.

A partir da adoção desta forma de inversão da perspectiva, Butler (2012) também se insere na corrente de teóricas feministas que propõem a inversão epistemológica a respeito do debate feminista sobre as categorias de gênero, empreendendo questionamentos e problematizações. Ao invés de tomar a divisão binária e oposicional existente entre gêneros feminino e masculino como um dado prévio, a autora busca realizar uma genealogia feminista da categoria de gênero com a finalidade de expor e desconstruir sua suposta naturalidade. Neste sentido, lança mão de um conceito de gênero performativo, ou seja, não entende o gênero como um conjunto de elementos essencialmente ligados à natureza dos corpos nem apenas como um conjunto de características culturalmente impostas. Para Butler (2012), o gênero e sua divisão binária e oposicional, enquanto constructos universais e estáveis, são performativamente constituídos, no sentido em que só existem a partir do momento mesmo de sua expressão em atos. Deste modo, o gênero não estaria ligado a uma essência atemporal de um determinado corpo ou alma, mas é construído à todo momento pela repetição de uma performance estilizada de feminilidade e/ou masculinidade.

Partindo deste pressuposto epistemológico, os estudos *queer* seriam algo como a “explosão” ou “implosão” da equivocada interpretação da análise de Foucault sobre os movimentos de liberação: “você quer que sejamos homossexuais, pois bem, nós somos” (FOUCAULT, 2012b, p. 396). Pois, não procede, simplesmente, mera recusa da identidade normalizada de sua sexualidade, tampouco executa um movimento de retorno espelhado (no qual se introduzem boa parte dos *gay and lesbian studies*), baseado no processo de individuação que faz pulular uma série de subidentidades (fancha, *lady*, entendida), porém, remetidas ao mesmo centro de referência heteronormativo. Antes, envereda pela subversão mesma daquilo que vem a ser um indivíduo e questiona seus processos de (com) formação (PRECIADO, 2007). Ao

destacar a singularidade frente à identidade, age estrategicamente na fabricação e utilização de táticas peculiares, a exemplo das identidades estratégicas, que são aquelas formuladas e praticadas a partir da valorização da pluralidade de vivências possíveis, sem a possibilidade de enclausuramento dentro de um mesmo centro de referência sexo/gênero/desejo/prática sexual (PRECIADO, 2011).

Diante da breve exposição, os conceitos e noções de sexualidade, gênero e sujeito são apresentados a partir dos referenciais teóricos e metodológicos que orientam esta pesquisa. Ou seja, partindo da leitura principal de Michel Foucault e Judith Butler, sexualidade é apresentada como um dispositivo histórico, político e estratégico; gênero é afirmado enquanto performance estilizada do corpo, e sujeito é tido como um processo constante, ao mesmo tempo aberto a interseções e curvado sobre si mesmo.

1.2 Deslocamentos de pesquisa: deslizando (caindo e levantando) no plano cartográfico

Ao tratar de temas de pesquisa em psicologia social, especialmente a partir de teorias que fornecem críticas ao modelo epistemológico cartesiano, não raro existe a sensação de nos encontrarmos em um terreno fértil para “piruetas metodológicas”. Algumas críticas dirigidas a estes modelos de pesquisa argumentam que não existe possibilidade de estabelecer parâmetros de fidedignidade e cientificidade em contextos de pesquisas nas quais a capacidade inventiva de quem pesquisa se torna um dos instrumentos principais.

Em contrapartida, a cartografia é orientada por critérios de cientificidade que primam muito mais pela consideração de questões éticas e políticas envolvidas na atitude de produção de conhecimento. Talvez por este motivo, a ênfase colocada nos estudos cartográficos em debates envolvendo a crítica a representações estáticas de sujeito. Deste modo, entende-se que o método ou as orientações da cartografia são aquelas que mais se adéquam aos objetivos da pesquisa.

A cartografia parte de problematizações originadas no trabalho da Análise Institucional, nos quais a noção de campo foi utilizada, primeiramente, para designar o campo de intervenção e o campo de análise como momentos interligados, porém distintos da intervenção. Entretanto, a partir de várias experiências de intervenção em diferentes contextos, nota-se cada vez mais a inseparabilidade entre um campo e outro, bem como a atenção se volta para a exploração de outro elemento atuante no contexto

de intervenção, a implicação. Gradativamente, o trabalho da Análise Institucional se volta para a articulação entre saber e fazer. Neste sentido, o trabalho passa a tomar a análise do campo implicacional como o próprio motor da intervenção. A intervenção é o método (PASSOS; BARROS, 2009).

Na cartografia se lança mão de uma reversão do sentido comumente delegado à metodologia, pois não se trata aqui de estar preso a metas pré-estabelecidas para o direcionamento da pesquisa, como indica a etimologia da palavra: *méta-hodos*. O caminho (*hodos*) cartográfico é que pretende fazer emergir as metas (*méta*). Desta forma, esta reversão metodológica da cartografia consiste em uma “aposta na experimentação do pensamento”, mas que não ocorre sem direcionamento ou comprometimento com os resultados (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2014). Ocorre que os parâmetros de avaliação são outros, pois não se trata de um comprometimento rígido em relação aos objetivos, mas o comprometimento com o processo de pesquisar, com a experiência de produção de conhecimento e todos os arranjos e rearranjos que ocorrem durante este processo. Neste sentido, tem-se que o rigor da pesquisa é aumentado em sua potencialidade, pois não faz referência a modelos abstratos e sim a uma atitude de pesquisa.

Neste sentido, a cartografia é apresentada prioritariamente como uma forma de acompanhar processos. Para além de uma noção de pesquisa ou de produção de conhecimento como representação de uma realidade factual de objetos pré-existentes, busca uma aproximação maior junto à noção de criação e coemergência entre sujeito e objeto. Para além de uma divisão rígida entre pesquisa qualitativa e quantitativa, coloca-se de forma mais relevante a questão da “adequação entre a natureza do problema investigado e as exigências do método” (p. 8). Deste modo, o que se deseja não é a unidade; ao contrário, a matéria de formação deste método são os abalos sísmicos provocados pelo movimento da diversidade constituída por *mil platôs* ou mais (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2014).

A partir desta perspectiva, o próprio sentido do ato de conhecer é ressignificado, pois não se traduz como representação de uma realidade pré-existente e apartada, mas assume que tanto sujeito quanto objeto são produzidos a partir deste ato. Portanto, a noção da criação se torna inseparável do ato de conhecer, bem como da ideia de que por meio deste produzimos a realidade e também nossa subjetividade. Dito isto, torna-se premente a questão do compromisso ético e político implicados no processo de produção do conhecimento, o que nos remonta ao direcionamento e rigor da pesquisa;

esta não pode ocorrer à revelia da análise das implicações inerentes à todo processo e traz consigo a tarefa contínua de reorientação deste caminho em consonância com as novas coordenadas que vão sendo traçadas. O compromisso não remete apenas ao primeiro passo, ou à meta, mas a cada passo dado neste trajeto.

Partindo da noção de pesquisa como produção ou coemergência entre sujeito e objeto, não há sentido em ancorar a pesquisa em suposições a respeito da realidade que se pretende conhecer. A aposta em traçar o plano da experiência da pesquisa é que irá fazer emergir um saber a partir do fazer da pesquisa, a partir da intervenção.

Neste método de trabalho de intervenção-pesquisa, dada a afirmação da inseparabilidade entre saber e fazer, torna-se possível uma maior aproximação junto a processos em curso e não apenas a formas instituídas. Na cartografia, esta orientação epistemológica é utilizada em consonância com a produção de outros autores, como Félix Guatarri, para se pensar a atuação não mais a respeito de um “campo”. Este conceito conserva ainda a ideia da possibilidade de uma demarcação entre o que se encontra dentro ou fora do campo, bem como a referência a uma lógica dual e a uma forma instituída. Portanto, na cartografia se adota a ideia de um “plano” sobre o qual acontece a intervenção.

Um operador metodológico importante ao se considerar o plano a ser traçado na pesquisa cartográfica é o conceito de transversalidade, definido como “um aumento dos *quanta* comunicacionais intra e intergrupos em uma instituição” (PASSOS; BARROS, 2009). Este conceito nos remete a uma perspectiva a partir da qual se considera que a realidade toda se comunica, formando redes, ou rizomas, que interligam uma multiplicidade de linhas de força que se mostram ora mais condensadas, ora mais dispersas.

A cartografia se aproxima da etnografia a partir do momento no qual se admite que quando se inicia a pesquisa de campo já existe um processo em curso. Assim, faz-se necessário se deixar levar por este movimento, no sentido de se deixar afetar por todos os elementos que contribuem para este processo e ser capaz de habitar um território existencial, até então não habitado. Mesmo que se trate de um território familiar, é necessário estranhar tudo aquilo que se supõe saber de antemão a respeito do processo que se deseja conhecer ou acompanhar. Barros e Kastrup (2009) comentam que este “deixar-se afetar”, sem a pretensão de enquadrar as observações realizadas em uma espécie de aprisionamento teórico à priori, constitui uma atitude de pesquisa que só se aprende no próprio exercício desta atitude e não por meio de livros. Trata-se de uma

atitude difícil de ser conciliada, de estar junto e utilizar um tipo de atenção ao mesmo tempo concentrada e aberta.

O processo do qual se trata na cartografia não tem a conotação advinda da noção de processamento de informação, mas sim de uma processualidade que não pode ser capturada ou representada em formas definidas e estanques. Neste sentido, na cartografia não se fala em coleta de dados, mas sim em produção de dados. Isto se mostra relevante ao considerar a atitude ético-política que embasa tal diferenciação, uma vez que na cartografia não se visa uma informação para corroborar ou não uma hipótese inicial nem as pessoas que participam são tomadas como meras fornecedoras de informação. Na pesquisa realizada sob as orientações da cartografia, todas as pessoas entrevistadas são tomadas como co-produtoras da experiência de pesquisa, de modo que esta se mostra sempre como uma produção coletiva. Neste sentido, questionava-me: qual seria a melhor forma de acompanhar o processo de produção de subjetividade em suas relações com as performances de gênero das mulheres que se quer entrevistar?

Assim, foi realizada uma etapa de levantamento de literatura a respeito dos principais temas da pesquisa, sejam eles: processo de subjetivação, performatividade de gênero, lesbianidades. Posteriormente, realizou-se pesquisa “de campo”, a fim de observar o deslocar destes corpos e sua performance de gênero nos espaços de sociabilidade GLS no município de Belém. Este foi o trabalho de se deixar afetar por todos os elementos constituintes deste território existencial e começar a conhecer as linhas de força que atravessam e constituem este plano no qual sexualidade, gênero e subjetividade se interconectam. A partir deste momento, pretendia-se também estabelecer os primeiros contatos para a criação de uma rede de comunicação, bem como suscitar as primeiras questões que seriam norteadoras para o trabalho de entrevistas.

Posteriormente, a partir dos contatos estabelecidos em “campo”, bem como da minha rede de relações pessoais, algumas pessoas foram convidadas para fornecer entrevistas na perspectiva da cartografia a respeito de elementos levantados na literatura. As pistas seguidas na “pesquisa de campo” sobre as realidades específicas de mulheres atravessadas em seus processos de subjetivação por múltiplas experiências de lesbianidade, nos espaços de sociabilidade GLS de Belém (PA), também seriam

material de suporte para a realização de entrevistas. As entrevistas foram gravadas e realizadas a partir de um roteiro de perguntas previamente elaboradas².

Uma das primeiras questões a que se deve dar relevância no tema da análise em cartografia é a afirmação de que “[...] em cartografia, não há como separar a análise das demais fases da pesquisa” (BARROS; BARROS, 2013, p. 378). Isto significa dizer que a análise se faz presente desde o momento da escolha de um tema, formulação de um problema de pesquisa, escolha de procedimentos e descrição dos resultados da pesquisa. Todas estas etapas, consagradas em pesquisas que possuem como princípio epistemológico o ideal de representatividade e o apelo à separação sujeito-objeto, ganham contornos menos restritos e conotações muito diferentes na pesquisa cartográfica. Pois, para a cartografia não existem “dados” que estão dados de antemão como uma objetividade que independe da realização da pesquisa.

Outro ponto fundamental é o reconhecimento de que “o que move a análise em cartografia, portanto, são problemas.” (BARROS; BARROS, 2013, p. 375). Neste sentido, cabe retomar o objetivo geral e os objetivos específicos da presente pesquisa: “cartografar as nuances do jogo performativo de gênero no qual mulheres com múltiplas experiências de lesbianidade, simultaneamente, fazem uso e também são afetadas por construções discursivas de gênero e sexualidade que fazem parte de seus processos de subjetivação, buscando identificar elementos e fragmentos que constituíssem possíveis resistências, ressignificações ou desesquematisações em relação aos padrões normativos de sexualidade e gênero. Para dar conta de tal objetivo, realizou-se o acompanhamento junto as formas de sociabilidade de mulheres com múltiplas experiência de lesbianidade em suas conexões com suas performances de gênero, em alguns espaços de sociabilidade GLS de Belém. Objetivou-se também compreender os sentidos atribuídos por estas performances de gênero em suas experiências de vidas e identificar possíveis singularizações, ressignificações e resistências às normas de gênero binário e oposicional.” Estes problemas foram os propulsores das análises empreendidas nesta pesquisa. Porém, é necessário que se diga que estes passaram por modulações ao longo deste processo.

Um exemplo de modulação, que à princípio pode parecer uma mudança muito pequena, foi a ampliação do foco de análise das performances para a performatividade. Este movimento, partido de uma provocação bastante positiva empreendida pelo Prof.

²O tópico “Por quê as entrevistas?” explicita melhor este processo de elaboração. Ver página 50.

Benedito Medrado durante a banca de qualificação desta dissertação, levando em consideração um texto de Vale de Almeida (2008), desloca a pesquisa da centralidade do sujeito (e da compreensão deste como uma forma imutável). A partir desta reconfiguração do foco, a pesquisa (inicialmente centrada em performances consideradas estáveis), tornou uma “prática” o operador teórico-metodológico denominado “subjativação” e passou a considerar a fluidez dos processos e do jogo performativo de gênero atribuindo a este maior relevância.

Ao longo deste processo, a frequência aos espaços GLS de Belém pouco a pouco foi modulando as orientações iniciais da pesquisa. Deste modo, foram sendo agregados como marcadores importantes para a pesquisa sobre performatividade de gênero e processos de subjativação de mulheres com experiências de lesbianidade, outros marcadores (idade, classe, raça) de forma entrecruzada para a “seleção” de pessoas que seriam entrevistadas. Outro ponto que deve ser visibilizado neste processo foi minha participação, neste mesmo período, em uma disciplina denominada “Feminismos negro e pós-colonial”. Não tenho dúvida de que as discussões suscitadas e os temas abordados neste curso impactaram de maneira fundamental a minha sensibilidade para os referidos marcadores sociais no contexto desta pesquisa.

E, seguindo o duplo sentido de afetações, as entrevistas também forneceram elementos para reorientar a atenção em relação à sensibilidade das forças que compõem o plano em questão e deslocando meu olhar/atenção a respeito de quem “selecionar” para fornecer entrevista e sobre minha forma de “estar presente” nos espaços frequentados para a pesquisa. Assim, entre deslocamentos, encontros e acasos, também foram produzidas anotações no diário de pesquisa, mudanças em meu posicionamento enquanto Priscila-pesquisadora que não foram registrados por completo, mas que foram sentidos; além de conversas e encontros com mulheres e homens, amigos e desconhecidos, sobre a questão da performatividade de gênero entre mulheres com experiências de lesbianidades. Dentre às quais, as sete mulheres que me forneceram entrevistas, encontros estes que, acredito, as entrevistas constituam apenas uma parcela dos efeitos gerados e que não se pode mensurar de maneira tão sistemática.

Recordo que, em conversa com minha orientadora de mestrado, Maria Lúcia Lima, as principais observações diziam respeito ao uso de alguns conceitos (centrais para a pesquisa em curso) e o aprofundamento do estudo sobre cartografia. Além disto, o principal para aquele momento seria “se jogar” no “campo”; leia-se: frequentar os espaços de sociabilidade GLS de Belém com maior frequência de mulheres (de acordo

com o primeiro objetivo específico elaborado) e me “deixar afetar” pelo fluxo: de pessoas, de relações, de lugares, de objetos, sentidos etc.

O projeto inicial, que intencionalmente abarcava certa “falta de projeto”, no sentido mais trabalhado dentro da academia, foi seguido, mas não sem sofrer alterações. A estratégia inicial de ir a lugares GLS de maior frequência de mulheres pouco a pouco foi apresentando outros caminhos e tensionando a pesquisa, em suas estratégias e em meus pressupostos enquanto pesquisadora e também participante da pesquisa, ao mesmo tempo em que também foi fazendo surgir um “objeto” para a pesquisa.

A partir do critério de selecionar lugares com uma frequência de mulheres proporcionalmente significativa (acrescente-se que estes critérios também sofreram mudanças), escolhi os seguintes estabelecimentos: Café com Arte, Veneza, Refúgio dos Anjos e Fuxico. Comecei a frequentar estes estabelecimentos, com a atenção majoritariamente voltada para os objetivos da pesquisa, entre os meses de abril e agosto de 2015. Minha experiência pessoal de ir a esses lugares me ajudou bastante, mas também utilizei as páginas destes estabelecimentos nas redes sociais como um filtro neste sentido. Avaliava as publicações, a quantidade de confirmações de presença às festas, bem como comentários das pessoas nestas páginas, especialmente os de mulheres. Ao longo destes meses, nos quais as entrevistas também ocorreram de forma simultânea, as mulheres com quem conversei para a entrevista também colaboraram no sentido de indicar lugares e em quais dias da semana.

Um exemplo de experimentação interessante diz respeito a estar nestes espaços ao mesmo tempo estranhos e familiares, ou familiares e estranhos. Havia selecionado onde ir, mas de fato minha frequência já não era a mesma nestes espaços.

Assim, foi com grande espanto que me deparei ao entrar no estabelecimento Café com Arte, com a sensação incômoda de deslocamento de meu lugar preconcebido. De fato, havia mais de dois anos que não ia a este lugar, mas em minhas lembranças havia o claro sentimento de ser um local onde me sentia à vontade e integrada. A Priscila-pesquisadora teve de interrogar a Priscila-festeira-desinteressada no sentido de estar atenta a elementos antes não percebidos, ao menos não com a mesma intensidade. É neste sentido que apresento alguns “deslocamentos”. Chamei desta forma aqueles momentos da pesquisa, fossem nos estabelecimentos GLS, nas entrevistas, na leitura de um texto, em conversas de mesa de bar, escrevendo sozinha em meu diário de pesquisa etc.; uma diversidade de momentos gerados neste processo que culminaram por efetuar

mudanças na forma como vinha me posicionando na pesquisa, ou seja, que possibilitaram o “reposicionamento subjetivo” (BARROS; BARROS, 2013).

Foram realizadas um total de 7 entrevistas para esta pesquisa, todas foram gravadas em áudio e iniciadas/realizadas a partir de um roteiro de perguntas previamente elaboradas e do uso de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As entrevistas foram transcritas de forma sequencial para que se pudesse ter uma visão de sua dinâmica e dos principais temas abordados (SPINK; MENEGON; MEDRADO, 2014). A partir deste primeiro procedimento, foram selecionados trechos das entrevistas que foram transcritos de forma integral, a fim de possibilitar uma análise mais detalhada destes (MEDRADO; LYRA, 2015).

As entrevistas, bem como todo o processo de pesquisa, foram analisadas utilizando como principais referências o aporte teórico-metodológico de Michel Foucault e Judith Butler, além de algumas pistas do método da cartografia. Ao longo do processo de pesquisa, buscou-se estar atenta aos fluxos dos discursos e estratégias de poder existentes, bem como das práticas das mulheres atravessadas em seus processos de subjetivação por múltiplas experiências de lesbianidade. Isto significa dizer que não se partiu de uma classificação ou procedimento de categorização, pois, o que se pretendia era exatamente investigar as minúcias (microfissuras) e, a partir de um foco local, as maneiras como articulavam a proliferação discursiva sobre gênero em nossa sociedade e faziam uso destes discursos no processo de produção de sua subjetividade. Além disto, toma relevo neste processo de seleção dos trechos para transcrição integral e análise mais detalhada o problema produzido para esta pesquisa.

É importante ressaltar que a processualidade na pesquisa cartográfica se mostra inclusive no momento da escrita. A utilização de diário de pesquisa se mostra uma prática muito importante, pois a anotação de fragmentos de observações, frases, e quaisquer outros tipos de elementos presentes no contexto de “campo” podem e devem constituir partes do texto final produzido. Esta é uma das estratégias utilizadas para manter a polifonia do texto e explicitar sua produção coletiva, tomando o cuidado para não tentar reduzir suas arestas ou apresentar as observações feitas em “campo” como uma totalidade homogênea.

Em contrapartida, acredita-se que a análise destes discursos e práticas possuem o potencial de expor a conjugação das formas atuais das linhas de força, fazendo com que possam surgir deste empreendimento também as possibilidades de resistência e de singularização. Ou seja, de transposição destes modelos prévios de indivíduo (e por

extensão de gênero) que se voltem para um movimento de composição destas forças sob um modelo fluido em suas manifestações.

Desta forma, os subtópicos que se seguem dizem respeito ao processo de construção do diagrama de forças (mais especificamente nos espaços GLS de Belém) e dizem respeito a diferentes momentos deste processo que foram registrados no diário de pesquisa. Tenho a intenção de dar relevância a outros elementos do processo de pesquisa para além das entrevistas; apontando os sucessivos deslocamentos e problematizações ocorridas, bem como seus efeitos sobre meu posicionamento como pesquisadora, os objetivos de pesquisa e a produção de conhecimento.

1.3 Da frustração e dos passos desviantes: relatos do diário de pesquisa

Passado o momento de qualificação do projeto de pesquisa (ocorrida em março de 2015), como já parece ser de praxe na academia, percebia-me com um misto de dúvidas sobre como proceder dali por diante e ao mesmo tempo com a sensação, naquele momento mais corpórea que racionalizada, de ter uma orientação mais nítida para o percurso a ser seguido no tempo restante de pesquisa. Até aquele momento, havia dedicado-me muito mais a questões de ordem “teórica”, como: que autoras/es ler? Em que conceitos aprofundar meus estudos? Qual deve ser a abrangência de meu estudo? Assim, reconheço que estava muito ansiosa para o momento de “entrada em campo” da pesquisa. Este reconhecimento foi ampliado quando do retorno às primeiras páginas do Diário de pesquisa para fins de escrita do texto final da dissertação. Havia planejado inserir alguns trechos do que fora escrito neste caderno com a finalidade de exemplificar as nuances de deslocamentos ocorridos ao longo da pesquisa. Contudo, foi surpreendente para a Priscila-escritora constatar que todas as nuances que gostaria de exemplificar já constavam no texto original do diário. Deste modo, ao reconhecer as anotações produzidas em diário de pesquisa como uma parte fundamental deste processo, pois boa parcela da narrativa final da pesquisa *ad hoc* cartográfica pode ser encontrada escrita em suas páginas, apresento o trecho de minhas primeiras páginas sem alterações. Além de contribuir para a publicização e possibilidade de análise dos múltiplos vetores implicacionais presentes no processo de pesquisa (BARROS; PASSOS, 2014), creio que este procedimento favoreça também a explicitação da relevância do diário de pesquisa.

Neste sentido, minha utilização deste “companheiro-instrumento” que constitui o diário de pesquisa foi realizada como uma mescla dos usos de diários como atuantes em pesquisa (MEDRADO; SPINK; MÉLLO, 2014). Ou seja, o diário foi utilizado como um instrumento descritivo; como uma plataforma de inscrição de sensações, dúvidas, afetos, como uma “carto-grafia”, um meio de comunicação de intensidades; e também o próprio conteúdo do diário foi tomado como material a fazer parte das análises produzidas na pesquisa. Segue o trecho do diário produzido no processo desta pesquisa que trata do momento inicial de “entrada em campo”:

06/04/15- Ângela (04/04/15) “Fail”

Esta é a primeira vez que descrevo um acontecimento em meu “diário de campo” cuidadosamente escolhido para esta pesquisa. E esta descrição não está acontecendo de forma simultânea ou logo em seguida à minha “primeira ida a campo”. Eu gostaria agora de problematizar um pouco este fato e estas expressões entre aspas.

Minha primeira orientação após a qualificação ocorreu no dia 02/04. Foi uma excelente conversa com minha orientadora, ela é uma pessoa maravilhosa, e saí desta conversa cheia de ideias e de boas expectativas para a pesquisa. Combinamos que este primeiro mês seria algo exploratório, uma experimentação. Então, imaginei que este seria o mês mais divertido da pesquisa. Basicamente, eu deveria “me jogar” nesta experiência e, para tanto, o elemento do diário de campo seria essencial neste início de trabalho.

Creio que eu já pressentia isto e, este caderno fora comprado desde janeiro. Entretanto, permanecia praticamente vazio até este momento.

Alguns poderiam acreditar que este seria o mais lógico a ser feito, afinal, eu ainda não tinha ido aos lugares GLS. A questão é que cada vez mais eu tenho certeza de que minha pesquisa não trata de lugares, e isto se confirmou nesta minha “primeira ida à campo”. Novamente, utilizo esta expressão entre aspas, pois, ao ter certo que esta não é uma pesquisa sobre lugares, entendo que esta pesquisa não se faz por um movimento de ida e volta a determinado estabelecimento ou campo.

Ainda não li o texto sobre campo-tema, mas creio cada vez mais que meu foco nesta pesquisa não está concentrado em “ir e voltar”, mas acho que de algum modo essa pesquisa é um momento de “estada”. Eu sou e estou nesta pesquisa.

Eu sou porque trato de mulheres que sentem desejo e amam outras mulheres, e que por conta disto acabam sendo socialmente representadas/significadas de forma

diferente de mulheres heterossexuais. Eu sou, sei e sinto tudo isto. Bem antes de qualquer ideia sobre pesquisa ter surgido em mim. Mas também sou esta pesquisa porque hoje em minha vida ela é um dos pontos mais importantes. É objetivo que guia meus dias atuais. Esta pesquisa é o elemento que direciona a organização do meu tempo, do que leio, do que assisto, onde vou nos finais de semana, com quem converso. Não é apenas o fato de ser lésbica que me aproxima do processo de subjetivação tema desta pesquisa. É neste sentido que “estou na pesquisa”. Esta pesquisa não é algo sobre o qual trato/falo/escrevo. Esta pesquisa é um estado de coisas nas quais estou imersa. Esta pesquisa jamais poderia ser sobre alguns lugares, pois ela está em todo lugar à todo momento. Também estou no sentido de “estadia”.

Exatamente por isto, não faria o menor sentido começar este relato, que promete ser extenso, falando sobre a “ida a campo”. Pois este diário de campo-tema deve retratar também um pouco deste não-lugar que sou eu.

Nascida em 09 de Abril de 1988, contemporânea do mesmo ano de nascimento da “constituição cidadã”, cresci me achando um tanto quanto estranha e estranhando o fato de pessoas serem discriminadas, violadas e até mesmo mortas em função de sua orientação sexual. Lembro muito bem de minha pré-adolescência, momento no qual admiti para mim, com espanto, que sentia atração por garotas. Também lembro do quanto sofri sozinha e calada por não ter um/a amigo/a próximo/a suficiente para dividir tal segredo, pela certeza de reprovação de meus familiares, caso soubessem desta notícia. Sofrimento por não poder expressar meus sentimentos em uma sociedade que certamente me discriminaria. Finalmente, o sofrimento causado por não me reconhecer em nenhum dos meios de comunicação, em nenhum dos ícones dos quais dispunha à época, em nenhum dos espaços que frequentava: escola, cinema, colegas, igreja, família, jornais, livros. Naquele momento eu achava estar sozinha.

Do mesmo modo, também lembro da imensa alegria que senti ao compartilhar este “segredo” pela primeira vez. E também pela segunda vez e pela terceira, quarta, quinta, sexta, sétima... Até chegar o momento no qual percebi que não havia mais o que contar. E, o interessante foi que isto ocorreu por motivos muito distintos.

O primeiro era o fato de – passados os anos, as crises e o encontros – já haver me identificado com uma representação de mim enquanto uma mulher lésbica. Deste modo, quase todos que me conheciam já sabiam a respeito de minha orientação sexual. Eu fazia parte de um Movimento Universitário em Defesa da Diversidade Sexual (Grupo Orquídeas), eu lia e escrevia meus trabalhos acadêmicos abordando esta

temática. Não era mais tão necessário proclamar a estrondosa frase: “eu sou lésbica”. Ou como passei a gostar de dizer depois de algum tempo: “eu sou sapatão!”.

Em: 13/04/15 – (cont.)

O segundo motivo é que, com o tempo e a vivência advinda do primeiro momento, passei a perceber que eu era muito mais do que minha escolha de viver livremente minha orientação sexual. Sem dúvida, este elemento permaneceu importante e continua interligado de forma mais ou menos intensa a todas as outras áreas de minha vida. Entretanto, dizer que sou lésbica ou sapatão não contempla a diversidade de outros adjetivos que me definem como pessoa. Eu sou muito mais que isto. Não que eu queira “me esconder”, mas acontece que minha sexualidade não simboliza mais um “centro” para mim. Será que isto acontece com as outras garotas? Será que está diretamente ligado à idade/geração? Não sei.

Vou parar de falar sobre mim um pouco, pois não lembro mais qual era meu objetivo ao começar a fazer isto na última vez que escrevi aqui. Por sinal, este é um lapso metodológico que andei notando: estou fazendo muito pouco uso deste diário de campo. Tenho que passar a escrever mais aqui, pois venho percebendo que estou perdendo algumas ideias. Ah, ta! Lembrei porque comecei a falar sobre mim antes.

Acontece que este “instrumento” de diário de campo me lembra muito um tempo no qual eu costumava ter diários pessoais, também me lembrou que quando minha irmã ficou sabendo “textualmente” sobre minha homossexualidade foi através de um bilhete entre amigos, uma conversa na qual utilizava este tom confessional que utilizo agora para escrever aqui. Do mesmo modo, também me lembra bastante o que falo sobre a confissão em meu projeto de pesquisa – e sua articulação realizada por Foucault em relação à forma como foi construído o dispositivo de sexualidade. Esta pesquisa teria também este mesmo “tom confessional”?

Creio que não, ao menos a princípio. A intenção inicial é perguntar: quem somos nós neste presente histórico em relação à nossa sexualidade e subjetividade?

Por isto não falo sobre mim, esta não é uma pesquisa autobiográfica. Eu quero falar sobre nós/sociedade, sobre o que estamos fazendo com sujeitos que não se encaixam em nossas atuais normas de sexo e gênero. A pesquisa não é autobiográfica, mas ao mesmo tempo eu também sou o campo. Ainda estou tentando conciliar estas duas ideias. A solução deste problema seria dizer que “a pesquisa se faz em mim”? Talvez. É, acho que realmente tenho que ter esse caderno sempre em mãos... Parece

que ganho muito ao escrever sobre a pesquisa aqui, a pesquisa acontece em mim, a pesquisa como criação...

Mas voltemos a falar agora sobre a primeira tentativa de ir à Ângela³.

Eu cometi uma série de erros, acho. O primeiro, o principal, foi não me informar direito sobre a programação do lugar para aquele final de semana nas redes sociais. Tenho que ficar mais ligada nestas coisas. Mas, então. Eu também acho que fiquei presa ao fato de querer ter um suporte do Rodrigo⁴ sobre como me comportar na pesquisa de campo, acabou que ele mais atrapalhou do que ajudou. O Fabrício também atrapalhou pra caralho! Acho que eu não vou mais pro campo acompanhada. Tenho realmente que me lançar sozinha nos lugares. Afinal, eu não estou querendo saber da dinâmica dos lugares, do comportamento dos nativos ou coisas do tipo, eu quero saber das pessoas. Acho que isto marca muito bem a diferença de minha pesquisa em relação a uma pesquisa etnográfica. Neste sentido, tenho que estudar mais cartografia para saber distinguir uma coisa da outra. Tenho que saber como é que se adentra no tal “território existencial”. Por isso acho que ainda estou muito fraca/mole nessa minha iniciativa. Por exemplo, nesse mesmo dia que eu havia planejado fazer pesquisa de campo na Ângela, aconteceu de ir antes ao Fuxico. Era um dia de sábado e eu havia combinado de ir ao Fuxico e depois Ângela com o Rodrigo. Eu falei para ele que ia fazer campo na Ângela. Porém, lá pelas 22h, aproximadamente, eu fui encontrar com ele no Fuxico. Eu meio que estava esperando ter certeza de que ele estava por lá para poder sair de casa. Não sei por que fiz isso. No fim das contas isso só me fez perder tempo. Enfim... daí eu fui e encontrei com ele. Rodrigo estava com outros amigos por lá, dentre eles o Fabrício. Acontece que eles já estavam meio porres e ficavam me cobrando que eu bebesse, dançasse e interagisse com eles de modo geral, uma interação típica de contexto de festa. Acontece que no meu caso particular eu não estava ali necessariamente para festejar. Eu até fui com a intenção de me divertir um pouco antes de ir para o campo. Mas acontece que não poderia me exceder, tinha que me divertir com moderação. Obviamente, não foi uma boa idéia, não existe isso de “se divertir com moderação”, ou você se diverte ou não. Passar por isto foi bom para me fazer perceber que o momento de pesquisa de campo, embora ocorra no contexto de festa, é um momento muito diferente de interação nestes lugares. É estranho para mim

³ Modo corriqueiro que as/os frequentadoras/es usam para se referir ao estabelecimento Refúgio dos Anjos.

⁴ Os nomes das pessoas mencionadas no diário de pesquisa foram modificados neste texto.

ter que estranhar estes espaços GLS. Porque em grande parte são espaços muito comuns e frequentes para mim. Acho que eu poderia tentar ler aquele texto “Observando o familiar” que o Bene me indicou.

Acho que estou começando a produzir algumas regrinhas para a minha pesquisa de campo:

- 1- Informar-se bem sobre as atrações e funcionamento do espaço que você pretende visitar para determinado dia.*
- 2- Reservar um dia específico para isto. Não dá para misturar meu divertimento pessoal com a pesquisa, ou dá? Pelo menos ainda não estou conseguindo.*
- 3- Não ir à campo com amigos, a menos que elxs tenham a intenção expressa de colaborar com minha pesquisa.*

Sobre os últimos dois pontos é necessário estabelecer algumas considerações. Por que eu não consigo conciliar meu divertimento com a pesquisa de campo? Seria desejável que isto ocorresse? Eu não sei ainda como responder a isto.

Tal dúvida pode ser expressa por meio de uma situação ocorrida neste dia. Quando estava no Fuxico, local no qual fui para meu divertimento pessoal, ocorreu em determinado momento de ficar, junto com meu grupo de amigos gays e bêbados, próximo a um casal de meninas cuja performatividade de gênero se apresentava a mim como marcadamente diferente. Uma delas tinha o cabelo cortado bem curtinho, tipo “Joãozinho”, vestia uma bermuda ‘masculina’ e camiseta, era um pouco mais gorda para os padrões estéticos da moda. A outra garota tinha cabelos longos, usava vestido e bolsa de lado, era mais magra também. Enfim, o fato é que eu notei esta diferença, notei que eram um casal (ao menos estavam se beijando) e não fiz nada. Sequer fiz menção de falar com elas. Acho que por dois ou três motivos principais. Primeiro, os meus amigos estavam atrapalhando, me puxando para dançar e tal. Segundo, porque no momento eu pensei “não, deixa pra lá. Ainda não estou fazendo o campo”. Esse pensamento idiota me fez perder a única chance da noite. E terceiro, e talvez o mais importante, pensei: “o que eu vou falar pra elas?”, “como abordar as mulheres?”, “devo começar falando logo sobre a pesquisa?”. Todos estes pensamentos juntos me paralisaram e foi por isto que não fiz nada e por isto que estou achando que ainda estou muito mole em relação à pesquisa de campo. Parece que ainda não me toquei de que esses 3 meses são todo o tempo que tenho disponível para fazer isto. Ainda estou patinando.

Resultado: minha primeira tentativa de “ida a campo” trouxe algumas lições, mas trouxe principalmente o sentimento de frustração. Pois quando finalmente o Rodrigo aceitou sair do Fuxico e ir para a Ângela já era 1h da madrugada e quando chegamos de taxi ao local, a Ângela estava fechada. O local não abriu no referido final de semana. Havia um aviso no portão de entrada explicando. Terminou que dei meia-volta e fui dormir na casa do Rodrigo.

O trecho a seguir é a transcrição de um pequeno texto que escrevi na casa do Rodrigo antes de dormir. Escrito no bloco de notas de meu celular:

“Frustração. Acho que isto resume esta minha ‘primeira’ ‘ida a campo’. A Ângela, lugar onde eu havia planejado fazer as primeiras observações e contatos, estava fechada. Fiquei triste devido ao fato de ter percebido que ainda estava muito presa e acabei perdendo oportunidades por isso. Fiquei me prendendo ao lugar. Eu estava pensando: “ah, quando eu chegar na Ângela eu começo o campo”. Que nada. Acabou que deu tudo errado. Eu poderia muito bem ter feito alguns contatos no Fuxico. Acontece que eu estava pensando: “não, aqui eu vim pra me divertir. Não estou pesquisando. Só depois”. Acabei perdendo a chance de entrar em contato com algumas possíveis entrevistadas por causa disso...realmente, tenho que me tocar que este é um campo-tema e não um lugar. No fundo, tudo é campo”.

Passado o momento inicial de frustração em relação à minha postura durante as primeiras “idas a campo”, comecei a me sentir mais à vontade com minha condição de pesquisadora dentro de espaços que eram tidos como familiares até aquele momento. Ou seja, já havia me acostumado a uma forma de pesquisa que não se realiza “sobre”, mas “com” as pessoas envolvidas. Foi a partir deste momento de “reposicionamento subjetivo” na pesquisa que passei a desenvolver uma atitude mais crítica de análise em relação a minhas escolhas de pesquisa e também se tornou mais fluido o transitar nos espaços GLS, sem o incômodo inicial de não possuir uma descrição “passo a passo” sobre como proceder.

A aposta na inversão metodológica cartográfica, de uma pesquisa que constrói seu percurso no próprio ato de caminhar, foi muito importante para desenvolver uma forma diferente de relação quanto às frustrações de pesquisa. Neste sentido, passei a avaliar os efeitos das escolhas no percurso de pesquisa para além do alcance de metas ou expectativas, mas considerando também os momentos desviantes como elementos

constituintes das análises e dos dados produzidos. Foi a partir deste momento que me senti devir a “Priscila-cartógrafa-aprendiz”.

Em: 18/06/2015 – Diário de Pesquisa

[...] Estou adorando fazer cartografia. Não consigo me perceber tão bem na pesquisa com outro método, pois na verdade este é um hodos-meta. E acho, sinceramente, que este caminho que venho traçando, que traçam junto comigo e vem sendo traçado a passos incertos, mas dispostos, vêm mostrando uma série de boas novidades. De novos pensamentos e perspectivas. De novas experimentações em pesquisa e em minha vida. Muita coisa aconteceu nas últimas semanas, mas é agora que a pesquisa parece “estar começando”, ao menos a fase de “campo”. De repente tenho a sensação de que ela já estava em andamento faz um tempo, mesmo quando eu imaginava “não estar fazendo nada”.

Desta forma, fui criando os procedimentos de “pesquisa de campo” a partir do próprio fazer da pesquisa. Após frequentar diferentes espaços durante os finais de semana no período aproximado de dois meses e da indicação de minha primeira entrevistada, decidi que nos meses seguintes iria priorizar o local nomeado Espaço Fuxico. Tal escolha se procedeu a partir da combinação de uma série de fatores: era um dos lugares GLS de Belém com maior frequência de mulheres; eu já possuía certa familiaridade com o local e sua dinâmica; observei que havia maior diversidade de raça, idade, classe, e performances de gênero entre as mulheres que o frequentavam em relação aos outros espaços; além de ser um local com programação que iniciava de tarde (com entrada gratuita até certo horário) e terminava por volta de 1h da madrugada, facilitando meu acesso em termos de gastos com transporte e ingressos.

A cada final de semana frequentava o Espaço Fuxico e, além de estar atenta a seus fluxos, buscava entrar em contato com mulheres com performances de gênero consideradas mais masculinas ou femininas e também variava minhas abordagens de forma aleatória em relação a outros marcadores como idade ou cor da pele. Paralelamente a este período de frequência aos espaços GLS, eu marcava e realizava as entrevistas com as mulheres que aceitaram colaborar com a pesquisa. Ao longo de todo o período dedicado à “pesquisa de campo”, criei uma lista de contatos com um total de 96 mulheres abordadas nos espaços que se dispuseram (ao menos no primeiro momento) a colaborar com a pesquisa. Contudo, apesar do número relativamente alto de contatos fornecidos, foi difícil conseguir realizar a primeira entrevista: algumas

mulheres forneciam o número errado; outros não atendiam; quando conseguia falar havia incompatibilidade de horários e também ocorreram desistências em relação à disponibilidade em fornecer entrevista.

A partir disto, passei a reconsiderar minhas escolhas quanto aos critérios de convite de mulheres para colaborar com a pesquisa. Este poderia ser considerado um “passo desviante” em contextos de pesquisas sob outras orientações epistemológicas, porém, o encontro com a cartografia proporcionou exercitar a fluidez no processo de pesquisa e o redirecionar do caminho. Além disto, considerar que a pesquisa não se realiza em um campo ou local específico me deixou confortável para explorar outras possibilidades e estratégias de convite para colaboração na pesquisa: minha rede pessoal de amigadas (que é em parte constituída por amigos que também pesquisam temas relacionados a gênero e sexualidade), grupos em redes sociais de meio virtual, outros espaços de sociabilidade frequentados por mim (sem relação restrita a espaços GLS).

Desse modo, dentre as sete mulheres entrevistadas, “cheguei” em três delas por meio de minha rede de contatos de amigadas: Carmen (Parceiro), Débora e Cristina. O encontro e convites feitos para Carolina e Margoth ocorreram a partir do processo de “pesquisa de campo”. O acaso foi quem me apresentou a Luiza, que conheci em um bar da cidade de Belém que enfrentava um momento de sanção político-criminal em relação a seus donos. E Renata⁵ fazia parte de minha rede de amigadas, porém nossa aproximação e o convite para a pesquisa ocorreu somente com a divulgação da pesquisa no grupo de uma rede social na internet.

1.4 Por que a entrevista?

Embora possa parecer um tanto quanto “desnecessária”, esta pergunta começou a ressoar em mim de forma mais intensa a partir do momento no qual necessitei elaborar um roteiro de entrevista. Além disto, a leitura de alguns textos referentes a este momento de pesquisa também contribuiu para realçar a importância da pergunta “por que a entrevista?”. Pois, confesso que durante a elaboração do projeto de pesquisa não havia refletido de forma mais detalhada sobre este tema. A escolha feita por inserir entrevistas no processo desta pesquisa ocorreu inicialmente como um gesto automatizado. Como um “procedimento padrão” que estava “de acordo” com o delineamento acadêmico já conhecido em todos os manuais metodológicos de pesquisas

⁵ Os nomes citados de mulheres entrevistadas são fictícios.

nas ciências humanas, uma escolha que seguia o caminho sem pensar muito sobre seus motivos e efeitos específicos.

Entretanto, a tarefa de formular perguntas específicas que buscassem contemplar os objetivos expressos da pesquisa em curso se transformou em um desafio. Primeiramente, ao elencar os temas que eu gostaria que fossem contemplados. O objetivo geral e os objetivos específicos estipulados para orientar o processo desta cartografia traziam alguns indicativos de tópicos cruciais a serem tratados nas entrevistas, eram eles: performatividade de gênero, padrões heteronormativos (principalmente os discursos hegemônicos sobre sexualidade e binarismo de gênero) e processos de subjetivação. Contudo, estes ainda pairavam em meus pensamentos de maneira muito desconectada e como conceitos muito abstratos, que ainda careciam de maior materialidade. Deste modo, antes de formular perguntas para as mulheres a serem entrevistadas, cabia indagar estes conceitos, torcê-los em relação à pergunta “Como mulheres com diferentes experiências de lesbianidade performam seu gênero frente aos discursos normalizadores de gênero e sexualidade e, desta forma, produzem seus modos de subjetivação?”. Ou seja, foi criada a necessidade de formular perguntas dirigidas ao problema de pesquisa do trabalho em curso, e a primeira delas foi: o que eu quero saber?

O processo de burilar conceitos, revisar o trabalho escrito e traduzir objetivos de pesquisa em perguntas mais palpáveis, fez surgir outro conjunto de questões mais localizadas e consideradas importantes para o momento das entrevistas, sejam elas: Como as entrevistadas viveram e vivem alguns aspectos de sua sexualidade relacionados à performance de gênero? O que elas percebem em seu território existencial (sociedade, mídia, vizinhança, família etc.) em termos de normas de gênero e sexualidade? Elas pensam da mesma forma sobre estas normas? Como lidam com eventuais discordâncias entre o que pensam e as normas sociais? Existem algumas questões que interferem em suas performances de gênero em termos de fluidez na vivência do gênero? Quais? Elas se sentem em algum momento “quebrando” o padrão? Elas acreditam que exista algum tipo de padrão a ser seguido? Creio que estas são perguntas que se desdobram a partir da pergunta de pesquisa mais ampla.

Contudo, estas perguntas ainda me pareciam excessivamente formais e ligadas ao **meu** interesse de pesquisa, o que se mostra um problema ao se pensar a respeito da orientação cartográfica da pesquisa em andamento. Seguindo algumas pistas da cartografia, principalmente a questão do acompanhamento de processos e a postura

ético-política em relação à produção de conhecimento, comecei a problematizar ainda mais a inserção da entrevista nesta pesquisa. Valorizar a experiência da entrevista seria um redirecionamento deste caminhar.

O desafio seguinte foi elaborar um roteiro de entrevistas aberto, que ao mesmo tempo pudesse abarcar as questões consideradas importantes para os objetivos de pesquisa, mas que também fosse sensível às questões consideradas importantes para as entrevistadas. Ou seja, um direcionamento flexível, tal como a atenção aberta e concentrada exigida na cartografia, que estivesse aberto às indeterminações do novo e valorizasse o momento do encontro intersubjetivo da entrevista tomada como uma experiência, como uma conversa que proporciona o cruzamento de diferentes perspectivas e posicionamentos.

Tedesco e colaboradores (2013) argumentam que a entrevista sob uma perspectiva cartográfica deve considerar as variações da expressão e ter como foco a experiência da entrevista e não a entrevista sobre uma experiência. Neste sentido, o objetivo principal de uma entrevista que busca seguir a trilha das pistas cartográficas não deve ser a mera obtenção de informação. Isto, de acordo com o artigo, seria uma forma de estar ainda presa/o ao plano representacional da linguagem, que parte do pressuposto da existência de uma realidade que pré-existe aos sujeitos e, deste modo, caberia a/ao entrevistadora/or meramente vislumbrar, na forma de uma fala organizada pela entrevistada/o, os elementos que traduziriam esta realidade para nosso entendimento. No texto, parte-se da noção da linguagem como prática, como ato de fala, que não faz meramente referência a um mundo pré-existente, mas que estabelece um jogo performativo no momento de sua enunciação; pois contribui para a criação de um mundo novo, ressignificado a partir da experiência do dizer.

Partindo deste processo de problematização da pesquisa em curso, o roteiro de pesquisa elaborado buscou conectar conceitos, especificações dos objetivos de pesquisa, a aproximação ao formato e às indeterminações de uma conversa e abertura à experiência da entrevista. Neste sentido, cabe dizer que o crucial não estava nas perguntas em si, nem em sua ordem. Pois cada pergunta e mesmo o comentário inicial poderiam suscitar uma série de respostas não imaginadas, que “desordenariam” o roteiro, acrescentariam elementos, rejeitariam outros; colaborando para a construção coletiva de conhecimento a respeito de processos de subjetivação, sempre flexíveis e diversos. Enfim, o roteiro se mostrou aberto à multiplicidade de variações que pudessem ocorrer. Pensei neste como um início de conversa ou como uma linha que

estabeleça certa continuidade ao momento da entrevista, que pudesse nos guiar para retornar ao tema caso a conversa caminhasse para muito longe deste.

1.4.1 Roteiro de entre-vistas

1. Para começar nossa conversa, eu gostaria de conhecer você um pouco melhor. Gostaria que você falasse livremente sobre você. Gostaria que você se apresentasse para mim a partir das coisas que você acha que são importantes em você como pessoa e na sua vida de forma geral, pode seguir a ordem que vier na sua cabeça.

O objetivo desta apresentação é realmente conhecer a entrevistada a partir daquilo que ela considera importante em sua vida. Além de contribuir para iniciar a conversa de forma mais descontraída, tentando minimizar possíveis receios, também estabelece uma parceria entre mim e a entrevistada. Além de fazer referência à sua experiência direta desde o início e não a uma opinião mais geral e comprometida com discursos mais abstratos.

Acredito que este início também seja importante para saber se temas relacionados à sexualidade, performatividade de gênero (e outros considerados importantes para a pesquisa) são relevantes ou não para a entrevistada a ponto de serem mencionados em sua apresentação. Existe a possibilidade de que esta apresentação inicial se conecte com uma ou todas as perguntas subsequentes, ou que acrescente outros aspectos do processo de subjetivação da entrevistada não contemplados pelas perguntas formuladas; ou ainda que suscite em mim novas perguntas. Pretende-se seguir este fluxo de variações da experiência da entrevista.

2. Nos espaços, grupos e relações com pessoas que você falou e com quem você se relaciona no seu dia-a-dia, as pessoas sabem sobre o fato de você sentir desejo e se relacionar com mulheres? Se sim ou não, detalhar. Como o assunto é tratado ou escondido? Isso interfere na forma como você age em relação à sua sexualidade?

Caso o tema da sexualidade não seja abordado pela entrevistada em sua apresentação, esta pergunta será feita. Ela objetiva abrir um espaço para tratar do tema da relação entre a sexualidade e performance/performatividade de gênero no cotidiano da entrevistada, de modo a abarcar diversas possibilidades de conexões entre os espaços e relações em sua complexidade de nuances.

3. Você sente ou já sentiu alguma forma de preconceito ou discriminação relacionado ao fato de sentir desejo por mulheres nesses ou em outros espaços?

Esta pergunta objetiva abordar questões referentes a outro tema importante, no que tange a questão da diversidade sexual, e que a literatura aponta como um fator relevante para se pensar a performance de gênero nos diferentes espaços. Pois, em muitos casos o receio em ser discriminada ou sofrer algum tipo de violência, pode fazer com que as mulheres entrevistadas se sintam mais livres ou não para performar.

4. Alguma vez você sofreu alguma outra forma de preconceito e/ou discriminação não relacionado à sexualidade? Por ser mulher, preconceito de classe social, racismo ou algum outro tipo de preconceito?

Esta pergunta tenta abrir espaço na conversa para outros temas e formas de preconceito apontadas na literatura como marcadores sociais que apresentam intersecções com a temática da diversidade sexual.

5. Agora eu gostaria de saber um pouco mais sobre a sua história pessoal de como foi que você começou a perceber que sentia desejo por mulheres e como você começou a se relacionar com mulheres nesse sentido?

Esta pergunta aborda de maneira mais específica a questão do homoerotismo na história de vida das mulheres entrevistadas, busca ser o mais ampla possível para estar aberta a diferentes formas de vivenciar as relações de desejo entre mulheres. Além disto, acredita-se que esta pergunta tem o potencial de apontar possíveis mudanças na experiência de vida das entrevistadas na forma como pensam e lidam com a sexualidade e sua performance de gênero.

6. Em relação a essa sua história de relacionamento com mulheres, seja em algum envolvimento mais rápido de “ficar” apenas uma vez ou em um relacionamento mais longo, eu gostaria de saber se existe algum tipo de garota/mulher que te atrai mais? Por quê?

Esta pergunta busca estar aberta a “reprodução” de padrões de binarismo de gênero nas preferências de relacionamentos homoeróticos entre mulheres, ou a aspectos que apontem formas singulares de lidar com este binarismo, que negociem estes padrões na forma de uma repetição produtora de diferença.

7. E existe algum tipo de garota/mulher que não te atrai ou com qual você nunca ficaria/ se relacionaria? Por quê?

De forma semelhante à pergunta anterior, esta busca abarcar a possibilidade de reprodução de padrões heteronormativos nas preferências homoeróticas das mulheres entrevistadas, bem como a reprodução de formas de preconceito embasados na intersecção entre gênero e raça, gênero e classe social, gênero e geração, ou outras. Além disto, esta pergunta também tem o potencial de expor possíveis contradições na fala das entrevistas e fornecer a oportunidade de debater a respeito destas contradições no manejo da conversa, buscando abarcar as variações em suas experiências e fugir de uma perspectiva homogênea sobre esta.

8. Agora eu gostaria de convidar você a pensar em algumas coisas mais gerais, ou seja, que dizem respeito ao que você enxerga na nossa sociedade. Você acha que existe algum tipo de padrão para ser mulher e para ser homem? Se sim, quais? Como você se relaciona com esses padrões? Se não, explicar sua perspectiva.

Caso não tenha ocorrido ao longo do delineamento da conversa empreendida a partir das perguntas anteriores, esta pergunta será feita com o objetivo de compreender de forma mais detalhada como as entrevistadas se relacionam com o tema gênero. Busca visualizar a existência ou não da referência ao binarismo oposicional de gênero em suas concepções sobre as relações na sociedade, em seu território, em sua performance de gênero e no seu posicionamento no processo de subjetivação movimentado a partir das interseções entre estes temas.

9. Você acredita que existe algum padrão (na forma de vestir, falar, nos relacionamentos, etc.) para ser uma mulher que sente desejo por mulheres? Se sim, como você se relaciona com esses padrões? Se não, qual a sua visão sobre essa experiência de ser uma mulher que sente desejo por mulheres?

De maneira semelhante à questão anterior, esta pergunta visa abrir espaço para a construção conjunta, na conversa, de um discurso mais específico a respeito de presenças, ausências ou diferenças de articulação de padrões de gênero e sexualidade na experiência de mulheres que sentem desejo por mulheres. Além disto, acredita-se que pode abrir espaço para a visualização e debate de possíveis mudanças de concepções e formas de experimentar processos de subjetivação a partir de diferenças explicitadas

entre os padrões expostos como requisitos para “ser mulher” e aqueles elencados para “ser mulher lésbica” ou “ser mulher que sente desejo por mulheres”.

Capítulo II – Hetero? Lésbica? Bi? Sapatão? Entendida? Ou o *queer* você quer?

2.1 Considerações ético-políticas sobre a análise de entrevistas

Heliana Rodrigues (2013), em texto escrito de forma muito interessante, bela e até mesmo literária e pessoal, examina dois artigos fundamentais para o debate contemporâneo acerca da utilização do método biográfico. Sejam eles: *a ilusão biográfica*, de Pierre Bourdieu e *Usos do biográfico*, de Giovanna Levi; ambos constantes à coletânea *Usos e abusos da história oral*. A autora tece de forma hábil uma argumentação que sinaliza ponto a ponto as potencialidades e cristalizações entre as diferentes concepções a respeito do método biográfico elaboradas pelos referidos autores.

A partir da utilização em forma de metáfora do título do livro *O zero e o infinito*, Rodrigues (2013) realiza um contraponto entre visões discordantes a respeito da inserção do sujeito na história. Na verdade, uma argumentação que busca deslocar uma perspectiva globalizante de história a fim de construir uma noção da biografia para a história e para a psicologia, não apenas como um problema, mas como uma possível solução, no que tange à disputa longínqua e infrutífera traduzida no esquema indivíduo *versus* grupo ou sociedade.

O artigo apresenta uma linha de fuga possível para escapar aos aprisionamentos teórico-epistêmicos que apontam para a biografia como “o zero sujeito”, concepção bourdieiana na qual o sujeito seria apenas um passageiro que transita por estações de trem previamente determinadas pelas estruturas sociais. Como assinala Rodrigues (2013):

Qualquer pesquisador certamente encontrará, nos relatos dos entrevistados, o que o *habitus* dominante engendra: maximização de lucros/minimização de perdas via uma identidade caracterizada por constância, previsibilidade e inteligibilidade (BOURDIEU, 1996, p. 186-189, apud RODRIGUES, 2013).

Em contrapartida, para escapar a outro aprisionamento tentador à disciplina psicológica, tal como “o sujeito *infinito*”, visível em concepções da biografia nas quais o contexto aparece como mero pano de fundo imóvel, como apontado por Levi (apud RODRIGUES, 2013), algo como uma “psicologização” da história; a autora aposta na escolha de uma estratégia teórica de imanência entre sujeito e história, para ser mais exata, na noção de uma “subjetivação processual”. Neste sentido, a biografia seria

imprescindível para a escolha epistemológica de tomar ambos, história e sujeito, como devir (ou multiplicidade de conexões?).

O texto estabelece conexões com vários outros autores que problematizaram a questão da biografia, ou da relação entre subjetividade e história. Dentre eles, Shimidt (2000 apud RODRIGUES, 2013) estabelece uma interessante linha de fuga para esta questão ao explorar as relações entre história e literatura. O autor define biografia como “narração da vida de um indivíduo”, para sinalizar que tanto *narração* quanto *indivíduo* são termos a serem reexaminados com cuidado. Neste sentido, Rodrigues (2013) nos oferece um exemplo muito interessante de deslocamento de perspectivas cristalizadas de narração e indivíduo presente no artigo supracitado de Bourdieu (FERREIRA; AMADO, 1997 apud RODRIGUES, 2013). O autor cita o exemplo da nomeação como uma das primeiras estruturas sociais a guiar a vida dos indivíduos pela via da manutenção de uma identidade constante. Entretanto, o mesmo autor aponta para a perspectiva de deslocamento na originalidade literária de Proust ao utilizar o artigo definido antes do nome próprio como em “a Albertina de então” ou “a Albertina encapotada dos dias de chuva”, estratégia que conseguiria fazer ao mesmo tempo o indivíduo e sua fragmentação. Particularmente, esta perspectiva da biografia como articulação entre literatura e história me atrai bastante.

Creio que este ponto se liga a algumas críticas fornecidas no texto de Geovanni Levi (FERREIRA; AMADO, 1997 apud RODRIGUES, 2013). Ao classificar os diferentes *usos do biográfico*, o autor se refere a: prosopografia e biografia modal; biografia e contexto; biografia e casos extremos e biografia e hermenêutica. Tanto Levi quanto Rodrigues elegem a biografia-hermenêutica como o uso da biografia que apresenta maior potencialidade problematizadora. Isto ocorre a partir de algumas críticas em relação aos outros usos da biografia. Além da crítica ao uso da biografia como uma espécie de comprovação para explicações globalizantes e da referida crítica à biografia que toma o contexto como uma realidade unificada e imóvel, outras críticas também fornecem este paralelo com a literatura.

Embora Levi não mencione Geertz, Heliana Rodrigues não deixa de visualizar sua presença na argumentação sobre biografia e hermenêutica. A autora lembra dos princípios de dialogicidade e multiplicidade interpretativa em sua antropologia cultural (relativista?) e vai além ao se remeter a Clifford que radicaliza esta noção de uma antropologia interpretativa ao questionar a *autoridade etnográfica* e postular que o “Outro é a *representação antropológica* do outro; ou seja, a *escrita antropológica* (Cf

RABINOW, 1999apud RODRIGUES, 2013)”. Neste sentido se torna indispensável pensar em nossas “decisões textualizantes na qualidade de opções estratégicas” (RODRIGUES, 2013, p. 281).

Além disto, outra crítica pertinente de Levi (FERREIRA; AMADO, 1997 apud RODRIGUES, 2013) diz respeito à forma de racionalidade limitada utilizada na maioria das vezes que se referem a um ato histórico. Pressupõe-se que todos os atores são igualmente informados, possuem as mesmas disposições cognitivas e obedecem às mesmas normas para tomada de decisões, buscando atingir as mesmas metas uniformes de normalidade. Assim como o contexto é também muitas vezes pensado como uma estrutura absolutamente coerente e imóvel, não contemplando a existência de incoerências estruturais entre estas mesmas normas sociais.

Por fim, este uso da biografia pareceria solucionar esta tensão premente entre *o zero e o infinito*, pois na interpretação de Rodrigues (2013):

... fala-se em um social habitado não por grandes entidades (mentalidades ou culturas de classe, de categorias sócio-profissionais, etc.) e sim por inúmeros grupos em luta, o que faz emergir uma problemática ligada ao modo de constituição desses grupos, à apreciação de sua solidez, de sua durabilidade, de sua amplitude, etc. Tais grupos não se apresentam pré-formados, qual um pano de fundo, para uso do historiador: de certo modo, este deve gerar a emergência e ação dos mesmos mediante o trabalho de pesquisa e escritura.

Para Rodrigues (2013), este uso da biografia seria a forma de fugir da “racionalização de objetos naturais” como: *o histórico, o social, o indivíduo, o grupo*. Gostaria de tornar evidente o fato deste trabalho não se debruçar sobre biografias. Entretanto, também é evidente que as problematizações empreendidas pela pesquisadora reverberam na forma como optei trabalhar nesta pesquisa, na forma como escolhi narrar este processo e falar sobre as mulheres (“sujeitos”) que me concederam entrevistas. Deste modo, gostaria também de tornar evidente para a/o leitor/a desavisada/o que não encontrará nestas páginas algo como “a” lésbica.

O que você é? Em diferentes momentos históricos e em distintos contextos atuais a resposta a esta pergunta parece ser a tônica fundamental a partir da qual se erguem muitos discursos e práticas relativas às experiências de lesbianidades. Eu não gostaria aqui de proceder uma especificação sobre as experiências de lesbianidades. Mulheres que sentem desejo por mulheres, que se relacionam sexualmente apenas com mulheres ou com homens e mulheres, que se vestem e performam trejeitos considerados femininos e/ou masculinos, não constituem subclassificações de uma espécie distinta de

ser humano e de mulher. Deste modo, o presente capítulo será dedicado ao debate envolvendo as diferentes formas de construção de mulheres lésbicas encontradas a partir do levantamento de literatura realizado. Em confronto com esta forma instituída, serão realizadas problematizações visando deslocar a fixidez da identidade lésbica a partir de fragmentos das entrevistas realizadas.

Neste sentido, saliento que não busco nas análises das entrevistas algo como uma forma de dissecação da experiência individual das mulheres com as quais conversei. Ou seja, não realizo uma análise de “casos” que busca recortar nas menores unidades a experiência para fins de comprovação da validade das afirmações produzidas; não tratarei neste capítulo de traçar um “perfil psicológico” de cada uma das mulheres entrevistadas, tampouco almejo proceder comparações que busquem representar o que é mais ou menos frequente em seus relatos tomados como uma unidade, como algo homogêneo. Deste modo, não busco me debruçar sobre as entrevistas como quem busca proceder uma “análise do discurso”, como esta é mais comumente conhecida e praticada em algumas correntes da psicologia social que privilegiam a fala de colaboradores de pesquisas (NOGUEIRA, 2008), como se existissem enunciados individuais. Se recorro a fragmentos de histórias de vida não o faço para ajustá-los linearmente segundo uma lógica de causalidade. O pressuposto é exatamente oposto: desordenar; tornar visível as múltiplas linhas sem início, meio ou fim.

No que tange a processos de subjetivação tensionados por múltiplas experiências de lesbianidades, esta cartografia não se propôs a criação de ramificações e subespécies. O objetivo constante foi conectar experiências tão diferentes na produção de um plano comum, ou seja, no qual as experiências de lesbianidade se comunicam e fazem comunicar (KASTRUP; PASSOS, 2013). De acordo com esta prerrogativa, gostaria de explicitar que cada trecho de entrevista selecionado interessa no sentido em que compõe, juntamente com os outros, um plano de consistência no qual o jogo performativo de gênero nas experiências de lesbianidade podem comunicar e produzir realidade e subjetivação. Neste sentido, cada trecho será exposto como uma intensidade constituinte de linhas do diagrama de forças, como um elemento potencializador na construção do mapa que emergiu do processo de pesquisa. Uma infinidade de outras conexões de linhas seria possível de serem traçadas, de modo que o exposto nos tópicos seguintes não tem como ideal a representação exata do significado de tais encontros. E com esta afirmação, assumo o caráter de fabricação inerente a toda pesquisa, posto que

se produz no espaço entendido como a linha tênue que separa objetividade de subjetividade.

2.2 Lésbicas são mulheres?

Luiza: [...] Será que eu tinha que seguir essa definição do que era mulher? Eu não me sentia mulher, nesse sentido, e até hoje não me sinto. Uma mulher. Tu falou que tu sofreu um espanto né? Mas as pessoas brincam muito comigo: "égua, Luiza, tu é um sapatão!"

Priscila: Risos.

Luiza: Falam pra mim, sabe? Minhas amigas da universidade. Porque se tu for conviver comigo direto, eu sou muito moleque.

Priscila: Aham.

Luiza: Eu sou, eu brinco, eu também, eu não gosto de me definir.

Priscila: Sim.

Luiza: Eu sou mulher também, sou homem também. Gosto de mulheres e gosto de homens também. Já tive, me relacionei com ambos os sexos. E aí elas ficam me encarnando, que dizem que eu não arrumo namorado porque eu sou muito sapatão.

Priscila: Hum.

Luiza: Mana! Saca? E eles meio que também não entendem essa minha forma de ser, de me assumir enquanto mulher e de...eu tenho sexo feminino, eu posso gerar uma criança, no sentido feminino da palavra, mas eu me sinto uma pessoa livre! Eu também carrego um pouco do sexo masculino, acho que tá formado dos dois né? Acho que separa um pouquinho, tem uma certa especificidade por questões reprodutivas, mas que, na verdade, os dois possuem um pouco dos dois mesmo.

Priscila: Unhum.

Luiza: E aí foi dentro da arte, assim, que eu fui me conhecendo, fui entrando em contato. Eu senti atração desde criança por mu... mais por meninas do que por meninos. Eu demorei a me relacionar com homens. Até hoje eu tenho mais dificuldade pra me relacionar com homens. Assim, relações mais sérias e tudo mais. Tenho esses problemas porque eles me vêem muito como: "ah, quem é essa doida aí?", sei lá. "Ela anda de bicicleta, ela fala isso, ela tem esse discurso".

Priscila: Sei.

Luiza: Ficam assim, meio neurados.

Priscila: Como se... não sei se é isso. Mas como tu mesmo falaste, não cabe nesse padrão de mulher que vai casar, ter filhos e lá, lá, lá...

Luiza: É! Exatamente, exatamente. [...]

Os questionamentos de Luiza a respeito do modelo de mulher pré-formulado para si e sua recusa a se “encaixar” em tal modelo nos fazem atualizar a pergunta de Monique Wittig que intitula este subtópico. A unidade da categoria “mulher” passou a ser questionada a partir de muitos pontos: feminismo negro, feminismo pós-colonial e também do feminismo lésbico, por exemplo. Butler (2012) questiona a suposta necessidade de regularidade e coerência da categoria “mulheres” (mesmo assim no plural) como essencial para o alcance dos objetivos políticos do movimento feminista.

Primeiramente, a partir da própria noção que orienta a busca de um sujeito jurídico uno e coerente, a noção de representação. Ou seja, quando se admite previamente a representação como fundamento para a legitimação de um sujeito jurídico, e quando a existência deste é condição *sine qua non* para o empreendimento de ação política. O apelo a uma identidade unificadora das demandas e opressões vividas pelas “mulheres” é uma estratégia política que se encontra atrelada à obrigação da representatividade. Quando a política é tomada nestes termos, tem-se que, desde o momento de partida, as regras do jogo estão limitadas por princípios de uma formação discursiva que tem por base mecanismos de exclusão. Deste modo, para que se possa ser representado, é necessário que se atenda às exigências requeridas para ser reconhecido enquanto sujeito.

De acordo com Butler (2012), a recorrência a esta política representacional foi importante para o movimento feminista em um momento histórico no qual a condição das mulheres em relação aos homens era mal representada ou simplesmente não representada. Entretanto, a autora, partindo de críticas dirigidas a este modelo de estratégia política, aponta para algumas consequências problemáticas da adoção de uma busca de identidade como fundamento para o movimento feminista.

Butler (2012) recorre à noção de poder desenvolvida por Foucault, o que significa dizer que a autora admite que as relações de poder operam não apenas em nível repressivo, mas também produtivo. Ou seja, a política representacional não traduziria em termos políticos sujeitos pré-existentes, mas ao delimitar as exigências de formação e reconhecimento de sujeitos, ocorre que estes apenas podem existir em conformidade com estas exigências. Portanto, os sujeitos são produto destas regras.

Butler alerta para a função normativa da linguagem de estabelecer aquilo que é verdadeiro ou não a respeito da categoria das mulheres. Depreende-se que se torna um grave problema político para o movimento feminista recorrer às mesmas regras de formação de sujeito daqueles sistemas que lhe excluem em outros âmbitos. Neste ponto encontramos a referida radicalidade crítica empreendida pela autora:

Não adianta inquirir como as mulheres podem se fazer representar mais plenamente na linguagem e na política. A crítica feminista também deve compreender como a categoria das “mulheres”, o sujeito do feminismo, é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais busca-se a emancipação (BUTLER, 2012, p. 19).

O segundo ponto problemático encontrado nesta perspectiva de gênero advém do interior do próprio discurso feminista. A referida busca por uma identidade unificadora na categoria "mulher" mostrou que – mesmo quando tomadas no plural, ou seja, "mulheres" – não se poderiam estabelecer características que a um só tempo e do mesmo modo pudessem representar a multiplicidade de correlações entre gênero e raça, gênero e classe social, gênero e etnia, gênero e sexualidade, além de outras identidades regionais. Não seria viável construir uma identidade que aglutinasse estas interseções de forma universal e nos diferentes contextos históricos.

O terceiro problema, talvez este o mais grave, pode ser exposto por meio dos seguintes questionamentos: existiria mesmo algo essencialmente feminino em oposição ao mundo masculinista? Ou tal oposição e binarismo de gênero apenas fariam sentido dentro de uma perspectiva epistemológica presumivelmente heterossexual? Até que medida esta estratégia de política representacional adotada pelo movimento feminista não traria consigo a controversa consequência de reificar as normas de relações de gênero até então instituídas? Butler (2012) responde estas perguntas da seguinte forma:

Se a noção estável de gênero dá mostras de não mais servir como premissa básica da política feminista, talvez um novo tipo de política feminista seja agora desejável para contestar as próprias reificações do gênero e da identidade - isto é, uma política feminista que tome a construção variável da identidade como um pré-requisito metodológico e normativo, senão como um objetivo político (p. 23).

De acordo com a análise de Butler (2012), o conceito de gênero formulado no interior do feminismo apresenta uma circularidade problemática que varia entre perspectivas que assumem o gênero como um atributo substancial do que a pessoa – ou o sujeito – é; e outras que afirmam que os próprios meios pelos quais a noção

substancial de pessoa se constrói está imersa em um sistema de significação falocêntrico. Algo que desde o ponto de partida anularia qualquer possibilidade de representação do gênero feminino.

2.3 Mudança de performance e autoconfiança

Priscila: Você já tinha vontade de te vestir com roupas tidas como masculinas, né?

Carolina: Sim, tinha.

Priscila: De cortar o cabelo e tal, mas tinha medo da reação dos amigos...

Carolina: Da reação dos meus amigos, da reação da minha família. Porque, é engraçado, quando eu tinha o meu cabelo grande a minha mãe era bem preconceituosa, sabe? Quando ela podia ela me alfinetava ou então ela jogava uma indireta ou então era bem direta mesmo.

Priscila: Unhum.

Carolina: E desde o momento que eu cortei o meu cabelo...

Priscila: E ela já sabia da tua sexualidade?

Carolina: Já sabia de tudo. Que eu era, que eu gostava de menina, já sabia que eu tinha um relacionamento, conheceu algumas das minhas namoradas. mas a partir do momento que eu cortei o meu cabelo ela começou a me respeitar. E eu acho que eu comecei a me respeitar e ela também, conseqüentemente. E eu fiquei mais segura de mim. Eu fiquei mais feliz. Eu comecei a me sentir atraente. Eu parei de procurar gente na balada pra ficar e as pessoas começaram a me procurar. Tipo, eu acho que não foi nem a questão da beleza, entendeu? Acho que foi uma questão de segurança.

Priscila: De segurança com a tua forma estética de se apresentar?

Carolina: Sim. Eu, tipo, eu tô tão segura do que eu sou agora... Do que eu me tornei, que eu acho que eu fiquei mais atraente por isso. E antes eu, não que eu era infeliz, mas eu era, sei lá, me sentia desconfortável. Mas, independente disso tudo...

Priscila: Mas mesmo assim tu continuava... me fala um pouco mais. Tu te sentia desconfortável... mas mesmo assim continuava usando um estilo que não era aquele que tu te sentia segura...

Carolina: Me sentia desconfortável... eu era... é assim, eu sempre usei...

Priscila: Como era estar nesse momento? Tipo "eu não to me sentindo bem, mas eu continuo com cabelo grande, continuo com..."

Carolina: Era isso, era só desconforto. Não que eu era uma pessoa infeliz. Me sentia desconfortável, por exemplo, às vezes eu ia pra festa, não era de tênis, era de sapatilha

ou então ia de salto. Eu fui pra uma formatura de vestido e salto. Eu me senti, tipo um estranho no paraíso, sabe? Como um E.T., assim, me sentia uma outra pessoa. Olhava pra mim e não me reconhecia. E foi... foi desconfortável! Às vezes eu me divertia me arrumando feminina. E outras vezes não, eu achava bem chato. Porque eu queria ser uma coisa e por causa da minha família, principalmente, eu era outra. Mas, eu acho que depois que eu amadureci mais a minha... o meu Eu mesmo, sabe? Por isso. Enfim.

Priscila: Tem a ver então, pelo que tu me disse, me diz se é isso, se tiver errado tu me corriges. Mas pelo que tu tá falando parece que é um pouco de... é... junto com esse lance do estilo de gênero mais masculino ou feminino, tem a ver também com o teu amadurecimento pessoal. Assim, parece que essas coisas andam juntas.

Carolina: Sim! Andam, andam. Eu tinha muito medo da reação dos outros. E quando eu amadureci a ideia e quando eu amadureci o que eu sou, eu fiquei pensando: "ah, dane-se os outros! Quem tem que ficar feliz comigo sou eu".

Outra linha importante na composição deste mapa traça a performance como uma forma de autossatisfação ou de reconhecimento de si mesmo. É uma nuance diferente deste jogo performativo que faz modular a aparente impermeabilidade das fronteiras entre feminilidade e masculinidade nas experiências de lesbianidade. Embora esta assunção de uma performance de gênero cause uma frequência maior de conflitos e episódios de discriminação, principalmente ao se tratar de performances consideradas masculinas, esta não é tão somente uma invenção para os outros, mas principalmente uma invenção para/de si.

Foucault (2010) ressalta, no texto *O sujeito e o poder*, que seu maior tema de pesquisa não foi a questão do poder, mas sim a questão do sujeito. O autor nos remete a três formas predominantes de lidar com a questão do sujeito em nossa sociedade, que teria encontrado a partir de suas diversas pesquisas. Chama estes de modos de objetivação, pois são as formas por meio das quais os seres humanos são transformados em objeto de diferentes estratégias discursivas, um objeto cujo nome é “o sujeito”. Estes modos de objetivação seriam, portanto: os modos de investigação do tipo científico, as práticas divisoras e, finalmente, a transformação de si mesmo efetuada por e sobre si.

Entretanto, Foucault (2010) reconhece que não se pode tratar das formas por meios das quais nos transformamos em sujeitos sem tratar das relações de poder, pois somos atravessados por nossas produções econômicas e políticas de nosso presente histórico. Desta forma, o autor propõe levar estas dimensões do poder em consideração,

isto significa não nos limitarmos às representações do poder em sua forma jurídica ou institucional formuladas, respectivamente, como as questões: “o que legitima o poder?” ou “o que é o Estado?”. Foucault propõe uma aproximação maior entre teoria e prática para estabelecer a análise das relações de poder. Para o autor, esta analítica do poder seria:

Mais do que analisar o poder do ponto de vista de sua racionalidade interna, consiste em analisar as relações de poder através do antagonismo das estratégias. Por exemplo, para descobrir o que significa, na nossa sociedade, a sanidade, talvez devêssemos investigar o que ocorre no campo da insanidade. E o que se compreende por legalidade no campo da ilegalidade. E, para compreender o que são as relações de poder, talvez devêssemos investigar as formas de resistência e as tentativas de dissociar estas relações (FOUCAULT, 2010, p. 276).

Para exemplificar esta análise das relações de poder, Foucault nos remete a algumas lutas sociais mais recentes, como as ocorridas em relação às questões das hierarquias de gênero e da doença mental. O autor elenca algumas características que estas lutas possuem em comum e, dentre estas, aquelas que acredita serem suas críticas mais originais: crítica ao estatuto do indivíduo, aos efeitos de poder-saber e às técnicas de poder de submissão da subjetividade, ou formas de sujeição. Estas lutas recentes contestam, sobretudo, o que Foucault denomina como o “governo da individualização”; são lutas que reivindicam o direito à diferença, direito a ser um indivíduo “verdadeiramente individual” e não apenas uma existência obrigada a se reconhecer nos limites da noção de identidade ou da representação abstrata de um sujeito universal cognoscente. Para Foucault, as lutas de seu tempo estabeleceram uma crítica fundamental a determinadas relações de poder que articulam immanentemente saber-poder-subjetivação e possuem como efeito a nossa invenção enquanto “sujeitos”. Entendendo este último termo na dupla acepção indicada pelo escritor: sujeitados ao controle do outro e ao controle de nós mesmos pela obrigação da identidade e do autoconhecimento (FOUCAULT, 2010).

Para Foucault (2010), a análise das relações de poder para além das perspectivas jurídica e institucional revela uma dimensão de poder que não possui o Estado como figura crucial, mas que o coloca como articulador prioritário destas relações. De acordo com suas análises, existe uma articulação muito próxima entre as formas de submissão de nossa subjetividade e a consolidação do Estado:

Não acredito que devêssemos considerar o “Estado moderno” como uma entidade que tenha se desenvolvido acima dos indivíduos,

ignorando o que eles são e até mesmo sua própria existência, mas, ao contrário, como uma estrutura muito sofisticada, na qual os indivíduos podem ser integrados sob uma condição: que essa individualidade fosse moldada em uma nova forma e submetida a um conjunto de modelos muito específicos (FOUCAULT, 2010, p. 281).

Deste modo, para realizar seu projeto de estudo sobre a forma como nos transformamos em sujeitos, Foucault realiza também o estudo a respeito das relações de poder que agem neste processo de subjetivação. Pois, como exposto no trecho supracitado, nossa individualidade é condicionada a modelos estabelecidos por uma estrutura de poder político de amplo alcance; nossas existências são moldadas para garantir, manter, aprimorar (dentre outras questões) a melhor forma de nosso governo.

Neste sentido, Foucault (2010) nos remete à relação entre o poder pastoral e o Estado moderno, e argumenta a respeito da forma de utilização do primeiro por este último. Se no poder pastoral, surgido simultaneamente ao cristianismo, tratava-se da questão do governo das almas para sua salvação futura; no século XVIII o Estado utiliza e atualiza o poder pastoral, pois introduz algumas mudanças estratégicas, dentre as quais a mudança da salvação para o tempo presente. Tal mudança produz uma série de efeitos a respeito da maneira como é exercido o poder pastoral em relação com a instituição do Estado. A antecipação do momento da salvação para a vida na terra introduz uma série de objetivos “mundanos” para sua realização: “saúde, bem-estar (isto é, riqueza suficiente, padrão de vida), segurança, proteção contra acidentes” (p. 281). Além disso, a articulação entre poder pastoral e Estado amplia o raio de ação deste tipo de poder pela via dos diversos aparelhos estatais e organizações públicas, bem como através da mobilização de outras instituições para o exercício de funções pastorais. Finalmente, esta ampliação possuía a característica de produção de conhecimento sobre a humanidade tanto ao nível global da população quanto ao nível individual.

Entretanto, ao se tratar desta estrutura de poder consagrada nas teorias políticas e econômicas que é o Estado, cabe uma ressalva realizada por Foucault (2010, p. 284):

Pois não devemos nos enganar: se falamos do poder das leis, das instituições ou das ideologias, se falamos de estruturas ou de mecanismos de poder, é apenas na medida em que supomos que “alguns” exercem um poder sobre os outros. O termo “poder” designa relações entre “parceiros” (entendendo-se por isso não um sistema de jogo, mas apenas – e permanecendo, por enquanto, na maior generalidade – um conjunto de ações que se induzem e se respondem umas às outras).

Para o autor, umas das principais formas de exercício do poder em nossa sociedade seria a utilização de um sistema de “disciplinarização”. Esta seria uma forma de ampliar o conceito usual do termo, pois não remete apenas a um sistema de maior obediência, mas a um ajustamento entre as formas de poder exercidas sobre nossos corpos, as formas de circulação dos saberes produzidos a partir deste exercício e as formas como nós mesmo aplicamos estas formas de poder e de saber. Entretanto, a disciplina constitui apenas uma das características das relações de poder emergidas na sociedade europeia após o advento da expansão do Estado. De acordo com Foucault, existe outra forma de exercício do poder, mais sutil, e por este motivo mais potente. Diferentemente da disciplina, este exercício não agiria por meio da ação direta sobre o corpo, marcando-o, aprisionando-o, moldando-o. A complementaridade do exercício das relações de poder seria remetida a um modo específico de “ação sobre ações”:

É um conjunto de ações sobre ações possíveis: ele opera sobre o campo de possibilidades em que se inscreve o comportamento dos sujeitos ativos, ele incita, induz, desvia, facilita ou dificulta, amplia ou limita, torna mais ou menos provável; no limite, coage ou impede absolutamente, mas é sempre um modo de agir sobre um ou vários sujeitos ativos e o quanto eles agem ou são suscetíveis de agir. Uma ação sobre ações (FOUCAULT, 2010, p. 288).

Desta forma, Foucault (2010) estabelece uma crítica às formas instituídas de subjetividade, tanto em relação ao fato de estarem aprisionadas à noção de identidade quanto ao fato de estarem ligadas a um tipo de racionalidade de Estado, de governamentalidade, que possui, atualmente, profunda relação com a forma neoliberal do “indivíduo-empresa”. Esta governamentalidade tem nos corpos o seu ponto fundamental de “ataque”, à medida que age sobre estes no âmbito individual, por meio das disciplinas e suas técnicas, e também no âmbito da população ou da espécie, controlando estes corpos em um nível biopolítico.

Contudo, este controle não ocorre pura e simplesmente em nível repressivo, mas principalmente em nível produtivo. Isto significa dizer, na tentativa de articulação entre a crítica de Foucault e as questões de Judith Butler, que as formas de controle pela via da limitação das possibilidades de ação, ou seja, pelo governo das condutas, nos atrela desde o início – ou mesmo antes deste – ao surgimento de vidas situadas pelo limite da fronteira binária do feminino e do masculino. Nossas possibilidades de existência e, portanto, as possibilidades de nos elaborarmos como sujeitos, são delimitadas por um modelo de sexualidade que opera por e para a legitimação dos mesmos termos destas

relações de poder que nos produzem como sujeitos inevitavelmente atrelados a um tipo de individualidade do tipo empresa. A sexualidade, entendida como um dispositivo histórico e político de saber-poder-subjetivação, constitui em nossa atualidade um dos meios principais de exercício deste tipo peculiar de controle que se exerce sobre e através de nossos corpos.

2.4 Espaços, performatividade e diferenças

Priscila: Nesse mesmo espaço, tu já chegaste a sentir outras formas de preconceito relacionado? Assim, não só por ser lésbica e te assumir com essa identidade. Mas preconceito de raça, de classe, sei lá, por ser mulher... que tu consiga...

Renata: Cara, sempre tem uma coisa que é assim, ser lésbica, negra e pobre já é... enfim, foda, entendeu? Então, tipo, já rola um certo preconceito bem escroto. Primeiro que tem aquela coisa, querendo ou não, tem estereótipos em todos os meios. No meio lésbico tem estereótipo tipo assim: existe aquela lésbica que é boyzinho, que quer ser igual a Shane do The L Word⁶.

Priscila: Risos.

Renata: Risos. Ela acha que tem que ser ao menos isso. E tem a mulherão que tem que ser a Carmem, no máximo. Tipo a Tina e tal. Então, rola uma certa...se tu for perceber, nessas festinha de Café Com Arte meio que parece que é todo mundo igual! Assim, cara, sabe?

Priscila: Sei...

Renata: É, meio que vestido parecido assim. De vez em quando rola alguma coisa diferente. São mini-Shanes.

Priscila: Risos.

Renata: Risos. Mas... cara, é complicado né? Por exemplo, assim, existe uma diferença bem grande, se tu for ver, eu tenho amigas que são lésbicas e que elas...não tem esse contato de universidade ou de debates sobre isso. E tu percebe que elas tratam a sexualidade ou a orientação sexual delas de uma maneira assim, entendeu? Ou elas vão pra espaços que são bem diferentes. Entendeu?

Priscila: Como?

Renata: Por exemplo, não sei se tu já ouviu falar da Ângela?

⁶Seriado de TV norte-americano famoso nas redes de sociabilidade gays e lésbicas. A personagem Shane é caracterizada por uma performance de gênero “masculinizada” e por uma postura hipersexualizada. A personagem Carmen reproduz o estereótipo fetichista e colonizador de mulheres com construção de performances a partir do modelo de um feminino sensual e latinoamericano.

Priscila: Sim, claro. Risos.

Renata: Risos. Pois é, então, aquele é o espaço delas. Assim, mais ou menos, pra onde elas vão ou aquelas festas de aparelhagem, entendeu?

Priscila: Sei...

Renata: E tem aquela, o espaço da galera que é mais ou menos a galera cult, que é aquela galera que vai pro Café Com Arte, que vai pro Veneza ou que vai pro... pra li pro Fuxico. Não sei se ainda existe. Que é uma galera que parece que tem mais dinheiro, assim, é uma diferenciação social, entendeu? E eu consigo perceber isso também numa forma de... eu tava até conversando ontem com as meninas, porque a gente tava conversando sobre...ativas e passivas.

Priscila: Ah!

Renata: Tal.

Priscila: Debate clássico(risos).

Renata: Tipo, perguntando qual a porcentagem... enfim, a gente tava falando sobre isso. A gente tava falando que mais ou menos, a gente chegou numa conclusão geral que hoje em dia não existe mais isso. Assim, existir, existe, mas não existe mais aquele papel de homem e de mulher numa relação lésbica, entendeu?Existem duas mulheres. Só que assim, eu vejo isso um pouco na galera que mora lá perto de casa e que não tem muito esse debate ou que nunca participou desse debate. Existe, tipo assim, eles mais ou menos que determinam: "eu faço papel de homem... e ela faz o papel de mulher". É uma coisa meio que pra poder encaixar na sociedade, entendeu? Então, rola um certo preconceito com a galera de lá por eu não ter esse tipo de visão, entendeu?

Priscila: Sei. Deles contigo?

Renata: Isso. Deles comigo e rola um preconceito, obviamente, das minhas amigas em relação a elas, entendeu?

Priscila: Então, não sei se eu tô te entendendo, mas tu achas que tem uma interferência também dessa questão do lugar que elas frequentam e da classe social pra maneira como elas lidam com a sexualidade?

Renata: Na verdade, não sei se é influência, mas eu acho que a falta de conhecimento, a falta de debate, a falta de...sei lá, não sei te dizer. Talvez o ambiente ajude...

Priscila: Pois é, não sei se influência, mas existe uma relação aí que tu consegues perceber.

Renata: Sim, mas eu acho que é aquela coisa mais fechada, por exemplo, eu vejo com as meninas lá do bairro, é mais ou menos assim. Elas não gostam muito de debater sobre isso. Por exemplo, elas acham que Parada Gay é pra ir beber.

Muitas diferenças e disputas internas locais estão mencionadas neste trecho de entrevista. Contrapostas em termos de oposições, como se não tivessem qualquer tipo de conexão. Butler (2012) questiona a suposta necessidade de uma unidade da categoria de “mulheres” para o empreendimento de ação política. Que tipo de política exigiria esta unidade? A autora acredita que uma política de coalizão poderia abrir mão desta busca por unidade e abrigar as contradições e dissidências em seu potencial mobilizador. Porém, mantendo sempre uma análise crítica a respeito das relações de poder que condicionam o diálogo e marcando as diferenças de posições presentes neste. Ou seja, sem o recurso a uma unificação excludente ou a uma identidade previamente dada que devesse ser preenchida por estas diferenças. Acredito que poderíamos partir da mesma proposta para pensar a respeito das experiências de lesbianidade.

Nesta política de coalizão, a busca de uma identidade não seria a finalidade última, ao contrário, a impossibilidade de uma definição completa da categoria das “mulheres” constituiria seu vigor político próprio de abertura permanente à contestação. Assim, tem-se que, em termos políticos:

O gênero é uma complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada, jamais plenamente exibida em qualquer conjuntura considerada. Uma coalizão aberta, portanto, afirmaria identidades alternativamente instituídas e abandonadas, segundo as propostas em curso; tratar-se-á de uma assembleia aberta que permita múltiplas convergências e divergências, sem obediência a um *telos* normativo e definidor (BUTLER, 2012, p. 37).

Ao tomar por base esta visão política sobre o gênero, pode-se acreditar que o tema da visibilidade ou invisibilidade lésbica e bissexual está longe de ser novo no interior do Movimento LGBT brasileiro. Entretanto, creio que também está longe de ser finalizado. E com esta afirmação não estou me remetendo diretamente às disputas por espaços de representação específica para cada identidade coletiva desenvolvida para fins de representação política, embora estas ocorram com alguma frequência – situação vivenciada por muitas mulheres lésbicas e bissexuais que possuam algum nível de aproximação e participação junto ao movimento LGBT ou grupos de militância de

cunho acadêmico que centrem suas pesquisas em temas relacionados a gênero e sexualidade.

Creio que o debate sobre visibilidade/invisibilidade de lésbicas e bissexuais ultrapassa a disputa política em seu modelo representativo. Ou seja, diz respeito a uma noção de política menos restrita a espaços considerados oficiais e mais próxima do cotidiano de nossas vivências, noção esta muito bem expressa na clássica máxima do movimento feminista “o pessoal é político”. Pois, não podemos nos esquecer que mulheres lésbicas tiveram e ainda tem muito a contribuir para o movimento feminista.

Outros aspectos importantes para o entendimento de uma sexualidade discursivamente constituída dizem respeito à noção de poder e a uma de suas consequências. A sexualidade funcionaria a partir de relações de poder entre seus variados elementos, porém aqui as relações de poder não são entendidas como relacionadas apenas à repressão, a uma negativa ou exclusão. As relações de poder são também produtivas, pois possuem o potencial de criar novos elementos, novas formas de organização entre eles, novos usos estratégicos. Gosto de citar o exemplo de Foucault sobre a criação do personagem homossexual:

A sodomia – a dos antigos direitos civil ou canônico – era um tipo de ato interdito e o autor não passava de seu sujeito jurídico. O homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade (FOUCAULT, 2011, p. 50).

Um dos principais efeitos do dispositivo de sexualidade seria a criação de sujeitos, ou de modos de subjetivação. Através de uma diversidade de mecanismos e técnicas, este dispositivo surgido no século XVIII vem se formando, mantendo e atualizando a partir da articulação saber-poder-subjetivação.

Este debate sobre sujeitos, subjetividade ou processos de subjetivação é particularmente interessante para os saberes psi (psiquiatria, psicologia e psicanálise). Em grande parte, só foi possível para a psicologia surgir como uma disciplina científica a partir do surgimento de uma subjetividade com determinados atributos: coerência interna, persistência ao longo do tempo, unidade, estabilidade. Boa parte dos conceitos fundamentais para as teorias psicológicas estão baseadas nestes pressupostos epistemológicos. Entretanto, acredito que as teorizações de Foucault sobre a história da sexualidade em conexão com as críticas empreendidas por Judith Butler, no livro

“Problemas de gênero”, nos forçam a um deslocamento de nossas bases conceituais e epistemológicas, a fim de pensá-las também a partir da perspectiva ética e política.

2.5 O policiamento da sexualidade

Algumas questões sobre o armário

Priscila: A gente sabe que preconceito e discriminação podem ser demonstrados de diferentes formas. Não só assim mais explícita, mas outras coisas que de repente tenha tido...

Renata: Deixa eu lembrar agora.

Priscila: Que tenha te ofendido, te chamado a atenção.

Renata: Então, cara... não sei assim, não lembro. Tinha umas coisas, antes de me assumir, antes de eu me assumir eu tava meio que em crise, meio que as pessoas já me intitulavam assim: "não, Renata, tu é sapatão por causa do teu jeito". Ou porque eu jogava futebol ou porque eu treinava esporte de luta, então, são características bem masculinas, assim.

Priscila: Ah!

Renata: Esportes bem masculinos. Então, tipo assim, antes mesmo de eu saber se eu gostava ou não de meninas, eu meio que já era taxada de lésbica, entendeu? E até porque, desde pequena...

Priscila: As outras pessoas já falavam ao redor de ti?

Renata: Sim, sim! E quando eu me assumi todo mundo: "ah, eu já sabia".

Priscila: E tu ainda não tinha nem noção?

Renata: É, eu não tinha noção ainda, assim, não tinha uma certa noção que era isso. Realmente, se era isso mesmo e tal. Mas aí desde pequena eu sempre gostei de coisas mais masculinas, por exemplo, jogar futebol... esportes mais é, como eu posso dizer? Tipo...

Priscila: Força?

Renata: É, mais de força. E aí isso meio que já chamava atenção. Então a galera já brincava, já me chamava de... fazia aqueles bulliyng: "ah, maria-macho", saca?

Priscila: Sei.

Renata: E aí isso foi até a minha adolescência, até que depois eu fui mudando um pouco, namorei com um menino e tal, aí entrei na universidade...

Priscila: Namorou com um menino?

Renata: Namorei e tal. Mas era um... foi na época que eu treinava luta, tava, acho que no convênio, mas foi só esse namoro mesmo.

Priscila: Mas por conta do que falavam de ti ou...?

Renata: Na verdade... também! Acho que pode-se dizer que influenciou bastante. Sabe aquela coisa de tu querer provar que tu não eras? Mesmo tu não sabendo se tu era ou se tu não era? Então, na verdade era mais ou menos assim. Aquela pressão: "poxa, tu tá com 17 anos e até agora tu não conseguiu namorado". Ou tipo, todo mundo já ficava perguntando: "cadê o namoradinho?". Aí tinha aquelas piadinhas: "e a namoradinha?". Aí: "sim, como assim?".

Priscila: A tia né? No final de ano é fatal.

Renata: Também, até a minha mãe também perguntava. Aí tinha esse meu amigo que a gente treinava luta com ele, então eu ia sempre pra academia com ele e voltava da academia, que era longe. Aí ele me levava, a gente voltava junto, ele morava perto de casa. Aí meio que começou a ter uma pressão pra gente, que ele gostava de mim, começou a ter uma pressão pra gente namorar. E aí o meu mestre falava isso, a minha mãe falava isso, todos os meus amigos falavam isso. E aí acabou que, tipo, a gente acabou namorando por causa disso. Aí eu: "vou namorar, não tenho namorado mesmo. Todo mundo tá enchendo o saco", aí fui namorar.

Priscila: Sei.

Renata: Aí durou alguns meses e tal, e aí eu percebi que eu não gostava, tipo, eu gostava, mas eu percebi que eu não era apaixonada por ele. Aí foi que a gente terminou. E aí depois eu, acho que eu fiquei um tempão assim sem ninguém e tal, tava bem em crise. E foi que eu fiz cursinho, passei no vestibular, conheci uma galera que já era do Movimento e tal. Conheci minha melhor amiga que...

Priscila: Movimento?

Renata: É, Movimento Estudantil. E já tinha um debate já na cena LGBT. Eu conheci uma amiga minha que foi mais ou menos assim, foi a primeira pessoa que eu conheci que era... assumida. Que é minha melhor amiga hoje. E aí a partir disso, meio que eu me senti à vontade de falar em relação às minhas crises, entendeu? Depois disso eu comecei a andar com ela e tal, e fui começando a ver que isso era uma coisa natural. Comecei a ficar com meninas ali na UFPA e tal. E foi mais ou menos isso.

O título da pesquisa “Cartografando lesbianidades: jogos performativos de gênero e subjetivação nas experiências de/entre mulheres” contém algumas noções

importantes que me ajudam a pensar sobre as conexões possíveis entre heteronormatividade e lesbianidades. Quando você não “se assume”, corre-se o risco de ser “empurrada do armário”. As expectativas de gênero forçam uma tomada de posicionamento diante do esquema de modelamento subjetivo exemplificado pela matriz heterossexual.

É necessário que se diga, o conceito de heteronormatividade é uma ferramenta teórica não homogênea em suas formas de utilização. Richard Miskolci (2009) assinala que o termo heteronormatividade foi criado em 1991 por Warner, um dos principais autores dos chamados “estudos *queer*”. Miskolci (2009) afirma que a heteronormatividade:

Não se refere apenas aos sujeitos legítimos e normalizados, mas é uma denominação contemporânea para o dispositivo histórico de sexualidade que evidencia seu objetivo: formar todos para serem heterossexuais ou organizarem suas vidas a partir do modelo supostamente coerente, superior e “natural” da heterossexualidade. (p. 7,8)

Esta definição do conceito é muito importante, pois assinala que a heteronormatividade é mais abrangente que a naturalização de uma determinada orientação sexual, ou seja, ela diz respeito a uma ordem social de gestão das vidas, seja essa vida hetero, homo ou bissexual. Entretanto, tenho dúvidas se esta gestão heteronormativa das vidas poderia ser identificada como “a denominação contemporânea para o dispositivo de sexualidade”, dada a heterogeneidade de elementos e estratégias políticas que constituem este dispositivo tal como exposto por Michel Foucault.

Aliás, grande parte dos trabalhos produzidos por autoras e autores *queer* e/ou feministas fazem referência ao dispositivo de sexualidade exposto por Foucault em seu livro História da sexualidade volume I, nem que seja para discordar do exposto no livro. Isto se deve ao fato de Foucault apresentar uma discussão sobre sexualidade que foge da noção de sexualidade como essência ou instinto. E eu gostaria de enfatizar alguns aspectos dessa discussão.

As pressões identitárias

Priscila: Tu sentia uma diferença nesse preconceito das pessoas? Depois que tu passaste a se maquiar e tal?

Débora: Era bem... engraçado, enquanto, digamos, eu tinha esse jeito. Aí quando eu fiquei mais feminina no meu meio é... trabalho, essas coisas, ficou mais... mais aceitável, mais condizente com a Débora né? Eu tinha é... assumido um modo de vestir diferente do que eu costumava. Então, pra aquela, pra sociedade, eu tava num padrão mais aceitável.

Priscila: Sim.

Débora: Né? Mas, por exemplo, a minha ex-namorada, quando ela viu: "ih, tu tá de...", aí eu sofri discriminação pelas pessoas que me conheceram daquele outro jeito.

Priscila: Sei.

Débora: É, como essa minha ex-namorada fala: "viadinho, via...". E eu: "sim? Não posso? Quer dizer que agora eu não posso? Não posso mais pintar unha, não posso mais me maquiarmos?"...De vez em quando ela...

Priscila: Não era mais do geral. Tava mais aceitável.

Débora: Por exemplo, uma amiga minha que... ela teve presente em vários momentos da minha vida e... ela me chama de pai: "ô, pai", não sei o que. E... as vezes a gente vai sair. Ela tava, em alguns momentos ela ficou dois meses na minha casa e tal. Aí ela: "ai, pai, porque que tu tá te maquiando?". Eu disse: "sim, Sheila!". Porque ela é bem... menino né? Ela é toda, se veste igual um meninozinho. E ela: "ai, pai! Por quetu vai te maquiarmos?". Eu disse: "sim?!".

Priscila: Risos.

“Provem que são lésbicas!”

Priscila: E esse tipo de coisa, tu já sentiste? De cochicho, de... de olhares e coisas...

Margoth: Não, não. Já, ah, já quando eu tô com alguém e as pessoas vêem que estamos juntas e ficam, tipo, olhando assim... Mas cochicho, não. Só vi uns olhares. Quando é um lugar muito, uma festa assim que não é gay, por exemplo. Aí você vai com a sua namorada, aí as pessoas ficam te olhando diferente. Ou então, já cheguei, teve uma vez que a gente tava...foi lá nessa viagem que eu fiz com ela. A gente foi pra Angra. Pra São Paulo e pra Angra. Aí lá em Angra a gente tava lá, indo pra uma festa de Rêveillon. Aí uns caras começaram a mexer com a gente e tal. Aí ela foi falar com eles: "não, pô, para! É a minha namorada. A gente tá junto". Aí o cara falou assim: "ah, sempre escuto isso. Quero ver esse beijinho aí". Tipo "oi?!", muito ridículo. Muito, muito, muito.

No fragmento “Pressões identitárias” ocorre algo muito parecido com a questão anterior de ser empurrada do armário, só que nesta situação o movimento de policiamento das atitudes, no sentido de manter-se a mesma em relação a uma identidade previamente assumida, é a cobrança de compromisso em relação à sua fixidez. Acredito que o fragmento “Provem que são lésbicas!” seja também uma variação deste referido policiamento da sexualidade, ou polícia da performance, que exige uma prova, instaura um mecanismo de exame da sexualidade para conformá-la ao modelo da matriz heterossexual. É como se o sentido estranhamento dos rapazes mencionados no fragmento fosse: “Como mulheres desejáveis podem ser lésbicas?”. Novamente, a matriz heterossexual e seu suposto esquema de continuidade de atributos se torna limitador do jogo performativo e dos processos de subjetivação.

Butler (2012) elabora a questão do debate ontológico sobre a categoria do gênero, porém, de forma mais aproximada às questões práticas de tensões na realidade social que os “problemas de gênero” suscitam. Em outros termos, a autora passa a refletir sobre estes problemas de gênero a partir de algumas noções comumente aceitas e usadas para embasá-las ou, quando não, para eclipsar seu processo de produção. Trata-se da questão da metafísica da substância e das formas de sua transposição acrítica para os campos de discussão ontológica, epistemológica, linguística, política e cultural, no que tange ao tema de gênero.

Se os próprios conceitos que alicerçam determinada visão que prima pela construção de uma “identidade de gênero”, tais como sexo e gênero, não se mostram mais tão fixos e estáveis quanto se imaginava e podem ser pensados como uma coalizão aberta, talvez seja o momento de ampliar novamente a crítica feminista em direção às noções e regulações estratégicas que produzem esta necessidade de identidade.

Neste sentido, seria o momento de efetuar uma “virada” na direção do questionamento sobre a identidade e, ao invés de perguntar sobre quais características internas formariam a identidade, perguntar que regulações externas, estratégicas, políticas, sobre as noções de sexo e gênero produzem a identidade com tais e tais características? Deste modo, para Butler (2012), a própria noção de “pessoa” se veria questionada, pois esta é tomada no interior do discurso filosófico como uma constância que independe do tempo, lugar e contexto social; porém, como demonstrado, só possui sua completa significação a partir de uma associação não admitida com relação ao padrão de inteligibilidade de gênero. Então, como conceber “pessoas”, cujo padrão em relação ao gênero não se mostra “idêntico a si mesmo”, “persistente ao longo do

tempo”, “unificado” e “internamente coerente”? Deste modo, para Butler (2012, p. 38, 39):

A noção de que pode haver uma ‘verdade’ do sexo, como Foucault a denomina ironicamente, é produzida precisamente pelas práticas reguladoras que geram identidades coerentes por via de uma matriz de normas de gênero coerentes. A heterossexualização do desejo requer e institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre ‘feminino’ e ‘masculino’, em que estes são compreendidos como atributos expressivos de ‘macho’ e ‘fêmea’.

A persistência e proliferação de composições de gênero, corpo e identidade que não se enquadram na norma de inteligibilidade escancara a função reguladora desta norma e lhe denuncia de forma a mostrar seu caráter ficcional: “o rei está nu”. A existência de um padrão de linearidade e coerência interna entre sexo, gênero, prática sexual e desejo apenas pode existir (e persistir) baseando-se em uma visão do sexo enquanto substância. Entretanto, de acordo com Butler (2012, p. 40) “essa aparência se realiza mediante um truque performativo da linguagem e/ou do discurso, que oculta o fato de que ‘ser’ um sexo ou um gênero é fundamentalmente impossível.”

Novamente, uma crítica à gramática e à linguagem tomadas como referência em relação às questões de gênero, desta vez no que tange a seus limites fundados no ideal da representação. Mais uma vez, a linguagem como traidora da ontologia do gênero. Esta traição nos remete a um questionamento muito relevante e desestabilizador para a psicologia em suas bases epistemológicas. Ao discutir a temática da metafísica da substância e sua origem nietzschiana, Butler (2012) nos apresenta o seguinte comentário de Michel Haar:

A destruição da lógica por meio da genealogia traz consigo a ruína das categorias psicológicas fundamentadas nessa lógica. Todas as categorias psicológicas (ego, indivíduo, pessoa) derivam da ilusão da identidade substancial. Mas essa ilusão remonta basicamente a uma superstição que engana não só o senso comum mas também os filósofos – a saber, a crença na linguagem e, mais precisamente, na verdade das categorias gramaticais. Foi a gramática (a estrutura de sujeito e predicado) que inspirou a certeza de Descartes de que “eu” é o sujeito de “penso”, enquanto, na verdade, são os pensamentos que vêm a “mim”: no fundo, a fé na gramática simplesmente traduz a vontade de ser a “causa” dos pensamentos de alguém. O sujeito, o eu, o indivíduo, são apenas conceitos falsos, visto que transformam em substâncias fictícias unidades que inicialmente só têm realidade linguística (BUTLER, 2012, p. 43).

Esta citação causa incômodo aos pressupostos filosóficos e epistemológicos sobre os quais a psicologia foi erguida como um saber científico. Falando enquanto

psicóloga, sinto-me provocada e sou também impelida a provocar: como nos constituímos enquanto sujeitos nos discursos que marcam nossos corpos a partir de uma noção generificada, binária e oposicional? Que atos performativos são postos em prática na produção de corpos e sexos objetivados entre o cabo de força do feminino e do masculino? Como realizamos a dobra destas forças? Esta luta binária seria tão rígida a ponto de impedir o trânsito entre feminilidade e masculinidade? Ou seriam nossos olhos viciados pela norma de gênero que nos cegariam em relação a outras experiências de gênero mais plurais e flexíveis? Estas questões extrapolam os objetivos desta pesquisa. Porém, considero que seja necessário que reverberem em outras e nas práticas de psicólogas/os em todos os seus contextos de atuação profissional. Assim, considero que o capítulo seguinte seja a tentativa de contribuição deste trabalho para a problematização que realizamos nas pesquisas em psicologia.

Capítulo III – Confusões, encrencas e anedotas

Este capítulo será dedicado a acontecimentos relatados pelas mulheres entrevistadas para a pesquisa, na frequência aos estabelecimentos GLS ou outras conexões, afetações e problematizações produzidas por mim no processo de pesquisa. Aqui pretendo explorar de forma majoritária o que venho chamando, a partir dos objetivos estabelecidos para a pesquisa, de “momentos de resignificação, desestabilização ou desesquemática das normas hegemônicas de gênero e sexualidade”. Deste modo, não recorrerei a uma narrativa linear das histórias contadas e dos encontros intersubjetivos empreendidos, tampouco pretendo apresentar as mulheres com quem conversei como se fossem um sujeito uno ou como se as experiências surgissem no campo histórico a partir de um foco individual.

Butler (2012) elabora uma crítica radical e contundente à formulação de um conceito fundamental para a história do movimento feminista, qual seja, o próprio conceito de gênero. Contudo, Butler não o faz com fins de dissolver o movimento feminista, ao contrário, sua contumaz crítica interna é realizada exatamente na perspectiva de potencialização política do movimento. Em contraposição ao seu processo de cristalização pautado pelo enraizamento de suas ações em determinadas formulações essencialistas do conceito de gênero. Sim, um paradoxo, porém absolutamente plausível. Creio que, em sua genealogia da ontologia do conceito de gênero, Butler (2012) realiza aquela que talvez seja a real característica do movimento feminista, ou seja, a criticidade radical. A radicalidade aqui se liga ao sentido de raiz, uma das principais características do movimento feminista, seja qual for a fase que analisemos, é não se contentar com as explicações prévias e superficiais fornecidas, fossem elas a respeito da divisão sexual do trabalho ou da hierarquia simbólica entre feminino e masculino.

Neste sentido, Butler (2012) retoma a questão da cisão introduzida à noção de sujeito a partir da elaboração do conceito de gênero diferencialmente ao de sexo. Inicialmente elaborada como forma de contraposição política à máxima de que “a biologia é o destino”, o conceito de gênero quando compreendido como interpretação cultural do sexo, traz alguns problemas se o levarmos à sua radicalidade lógica. Em seu extremo, ao ser compreendido como interpretação cultural sobre um corpo sexuado binariamente, nada garantiria à priori que esta interpretação devesse se manter limitada ao número de dois; podendo haver tantos gêneros quanto a diversidade cultural humana

ensejasse. Do mesmo modo, se este gênero guardasse a liberdade interpretativa, poderia ocorrer de que os termos “mulher” e “feminino” se remetessem tanto a corpos femininos quanto masculinos, bem como os termos “homem” e “masculino” poderiam ser aplicados a qualquer corpo independente do sexo com o qual fosse designado (BUTLER, 2012).

Contudo, sabe-se que não vivenciamos tamanha pluralidade em nossas classificações de gênero. Permanecemos presos à norma binária, em uma espécie de mimetismo do sexo. Isto nos remete a uma série de outros problemas apontados por Judith Butler a respeito do conceito de gênero: “Podemos referir-nos a um ‘dado’ sexo ou a um ‘dado’ gênero, sem primeiro investigarmos como são dados o sexo e/ou gênero e por que meios?” (p. 25). A crítica feminista se encarregou fortemente em produzir estudos no campo da história, antropologia e epistemologia que questionam as bases políticas sobre as quais é construído o conceito de sexo no interior do discurso científico e as estratégias de poder que estabelecem sua divisão binária enquanto dado natural. Para Butler (2012, p. 25):

Se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado “sexo” seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma.

No fabuloso artigo de Joan Scott (1995), a autora nos brinda com uma análise criteriosa da utilização do conceito de gênero em seu campo de produção de conhecimento, a história. Mais que isto, interroga como as construções e usos deste conceito em seu período poderiam ser utilizados de forma articulada com demais conceitos e subáreas da história, considerados mais relevantes ou fundamentais, quando comparados com as discussões sobre gênero, família, mulheres ou sexualidade. Creio que este tipo de análise criteriosa se faz necessária nas produções em psicologia. Ou seja, questionar: como nossas produções estão implicadas em noções de gênero? Quais noções de gênero são estas? Que efeitos de mudança ou fixação da ordem política tais adoções relegam? Pois, gênero não constitui apenas um elemento descritivo de nossas ações ou elemento secundário em relação outras a construções teóricas, mas pode nos informar bastante a respeito de outros aspectos destas mesmas construções. A autora, em seu esforço analítico, produz uma formulação do conceito de gênero bastante didática e clara. Entretanto, em sua formulação de gênero como baseado nas “diferenças percebidas entre os sexos” (p. 21), ela deixa de questionar o status naturalizado do sexo.

Este continua a ser tomado como o fator último de referência para a ordem social, permanecendo intacta a questão de que “ele, o corpo, também é uma construção.”

Deste modo, questionado em suas bases naturalizadas e descortinado em sua perspectiva política de construção, tem-se um sexo também desconstruído em sua binariedade e em sua falácia pré-discursiva e apolítica. Foucault (2011) já havia argumentado a respeito deste jogo “performativo” do discurso que advoga como causa algo que seria efeito. Para o referido autor, o sexo seria, talvez, o elemento mais fictício do dispositivo de sexualidade. Laqueur (2001), ao pesquisar a respeito das mudanças ocorridas entre as concepções de sexo uno e sexo binário também chega a uma afirmação semelhante: a de que “talvez o sexo sempre tenha sido gênero”.

Butler (2012) afirma que em muitos momentos a concepção de gênero construído, quando posta em prática, demonstra ares de certo determinismo cultural em relação a esta construção. Como se a explicação de um gênero construído, ao permanecer acoplada a uma concepção não problematizada de sexo binário, culminasse por permanecer enrijecida neste modelo ao ponto de que “nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino” (p. 26). Para a autora, isto se deve a uma visão do corpo como mero instrumento passivo de inscrição cultural. Contudo, partindo da afirmação de Beauvoir de que “o corpo é uma situação”, Butler (2012) se contrapõe a esta visão sobre o corpo e afirma/questiona:

Mas o “corpo” é em si mesmo uma construção, assim como o é a miríade de “corpos” que constitui o domínio dos sujeitos com marcas de gênero. Não se pode dizer que os corpos tenham uma existência significável anterior às marcas do seu gênero; e emerge então a questão: em que medida pode o corpo *vir a existir* na(s) marca(s) do gênero e por meio delas? Como conceber novamente o corpo, não mais como um meio ou instrumento passivo à espera da capacidade vivificadora de uma vontade caracteristicamente imaterial?(p. 27).

3.1 Sobre cópias e paródias

3.1.1 Espaços, performances e estratégias de gênero

Carmem (Parceiro): Tinha a Ângela também. Aí ela começou a me levar nesse... nesse bregaço lá que eu me esqueci o nome. Aí eu cheguei lá... só que eu era muito feminina! Tinha um cabelão...

Priscila: Como era? Me explica.

Carmem (Parceiro): Eu tinha um cabelo grande. Meu cabelo ele era assim, mas o meu cabelo era bem cheio todo enrolado. Eu usava vestido...

Priscila: Eu não sei se... eu vou levantar pra gente conversar porque eu não sei se tá pegando a tua voz. Vou deixar aqui assim. (colocando o gravador de áudio sobre a bancada da recepção)

Carmem (Parceiro): Tá. Eu usava vestido, eu usava saia, eu usava decote assim que eu tenho, eu gostava muito de ir pra Algodal e o sol, eu tenho muito sarda aqui. E eu era feminina! Só que eu gostava de mulher feminina. E só pintava pra mim mulher machuda.

Priscila: Ham (risos).

Carmem (Parceiro): Tá entendendo? Aquelas mulheres horríveis. (falando e sorrindo)

Priscila: Entendo (risos).

Carmem (Parceiro): Na primeira vez que eu fui lá...olha essas mulheres horrível (sic). Eu digo: “não, não!”. E a minha amiga querendo ficar comigo. Eu falei: “não”. Aí até que eu fiquei com ela pra poder as moleca ficarem (rever 2’ 10’)... fora que até ela era bonitinha. Aí depois eu conversei com ela e falei: “olha, não é o que eu quero. Eu só quero... na verdade, eu to sendo sincera contigo, eu quero só saber os lugares legal.” “Ah, então tudo bem. Eu vou te levar.” (simulando fala da amiga). Aí me levava na Ângela e tal e só dava essas mulheres!

Priscila: Ah, e você não, não curtia?

Carmem (Parceiro): Eu não gostava, eu não curtia, e ficava só. Aí eu dizia: “não, eu sou hetero. To aqui só pra conhecer...”

Priscila: ah, então tinha um tipo. Tipo, você não ficou com nenhuma...

Carmem (Parceiro): Como?

Priscila: Machu... nenhuma machuda, como você diz?

Carmem (Parceiro): Não, eu não fiquei com nenhuma dessa. Eu fiquei sozinha, só conversei (?) (2’ 38’’).

Priscila: Ficava só olhando... (simultaneamente à fala anterior)

Carmem (Parceiro): Aí depois eu comecei a beber nesse tempo. Aí eu digo: “não, tá ok. Eu briguei com meu namorado e tal. Eu sou hetero, entendeu?”

Priscila: Aah... (simultaneamente à fala anterior)

Carmem (Parceiro): “E eu não gosto.” “Égua, mas você é tão...” (simulando fala de outras mulheres). Porque na época eu era também bonitinha né! Porque agora eu já tô... eutava com meus 25 anos, 24, 25, 23 por aí. “Não, não, mas...” (simulando fala de outras mulheres). Não dá! Sabe? Uma coisa que tu... é tipo assim, um cara ficar a fim de ti e tu não gostar do cara. Não é legal! Aí eu digo: “não, não, não.” Aí eu digo:

“égua! Já sei o que eu tenho que fazer! Eu vou ter que me transformar. Vou ter que mudar radicalmente!”. Aí a minha amiga: “tu é doida?!”. Aí eu digo: “é, porque assim... aí vai pintar as mapô também, as meninas bonitas que eu quero.”

Certamente, a construção de si a partir da performance de *boy* contém muito de subjetivação, muito de molaridade identitária em relação aos estereótipos relativos às experiências de lesbianidades. Contudo, também podemos visualizar a fluidez existente na adoção de performances de gênero sob um ponto de vista estratégico. Esta suposta repetição acionada por Parceiro mostra a inventividade dos trânsitos.

A partir do conjunto de críticas anteriormente expostas, Butler (2012) desconstrói a base substantiva sobre a qual se erigiu grande parte das formulações feministas a respeito da categoria de gênero, bem como o apelo à lógica da representação como finalidade da política feminista. Ao inverter a ordem sobre a qual geralmente se formulam as indagações sobre gênero e abdicar a uma busca de sua origem/causa, a autora apresenta sua elaboração de gênero performativo. Ou seja, que não se apoia em um antes pré-discursivo, em uma estabilidade persistente ao longo do tempo ou uma unidade supostamente necessária. Reelaborando uma formulação nietzschiana, Butler (2012) afirma como corolário: “não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero; essa identidade é *performativamente* constituída, pelas próprias ‘expressões’ tidas como seu resultado” (p. 48).

Ao problematizar determinadas concepções políticas e teóricas sobre gênero, Judith Butler evoca a concepção de poder foucaultiana para argumentar a respeito da impossibilidade de existência de subversão das normas de gênero “fora” do jogo instituído destas mesmas normas. Bem como para questionar o status da norma a partir de outra característica fundamental na analítica de poder foucaultiana: seu caráter produtivo. Tomar esta característica como princípio para uma análise da sexualidade e do gênero faz com que se leve em consideração os efeitos inintencionais das normas e que se considere os esquemas predeterminados de inteligibilidade sexual para além de um movimento eterno e linear de repetição. Deste modo, abre-se espaço para que, “por dentro” das mesmas normas, possam surgir configurações de sexualidade e gênero que se apresentem como uma forma de repetição desesquemática; como repetições que produzam outros modos de inteligibilidade sobre sexualidade e gênero.

A partir do exposto até aqui caberia perguntar: o que significaria um casal de mulheres *butch/femme*, *caminhoneira/lady* ou, como escutei durante a fase de “pesquisa

de campo”, boy/putão? Seria a reprodução de uma ordem social heteronormativa ou seria esta mesma reprodução que desestabilizaria o esquema de inteligibilidade desta ordem social, por meio da exposição de sua arbitrariedade? Esta repetição não estaria criando algo novo e diferente?

Creio que nenhuma das propostas poderia ser apontada como equivocada. Pois o que está em jogo não são necessariamente as perguntas, mas a diferença de efeitos políticos que suas respostas podem produzir. Pois, lembrando que o dispositivo de sexualidade é também constituído a partir de saberes diversos, e considerando que a universidade representa uma forma institucionalizada de produção, regulação e concentração de saber, creio que seja necessário problematizar o saber que estamos produzindo sobre a sexualidade.

Neste sentido, reformuladas as significações e a solidez acriticamente atribuídas a noções fundantes da norma de inteligibilidade do gênero, sejam elas: sujeito, sexo, sexualidade, gênero e identidade; vemos emergir a reconfiguração desta norma. Não apenas no que tange à contestação “desviante”, mas também do modelo imposto de heterossexualidade. O gesto de repetição de normativas heterossexuais no interior de sociabilidades gay e lésbica (hierarquias entre as expressões de gênero, padrões monogâmicos de vinculação afetiva, por exemplo) expõe a fragilidade de interconexão dos elementos deste esquema prévio e linear de sexo/gênero/desejo. Destarte, mostra a arbitrariedade por meio da qual a própria heterossexualidade é constituída (BUTLER, 2012).

A partir desta problematização, temos que a homossexualidade não é para a heterossexualidade algo como uma cópia mal-sucedida de um modelo original, mas sim “o que uma cópia é para uma cópia” (BUTLER, 2012, p. 57). Em outros termos, a heterossexualidade nada mais seria que uma tentativa demasiado repetitiva de se aproximar de um esquema ideal – e, portanto, inatingível- de inteligibilidade cultural de gênero, que arbitrariamente estabelece continuidade a determinada montagem de atributos de gênero selecionados a partir de uma multiplicidade de relações de poder. Destarte, para Judith Butler, “heterossexualidade” e “homossexualidade”, “feminino” e “masculino”, “mulher” e “homem”, bem como suas respectivas oposições, possuem tanto o papel de *feitos* quanto de *efeitos*, pois de acordo com a formulação da autora:

O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser (BUTLER, 2012, p. 59).

Butler faz fortes críticas à noção representativa do sujeito. A autora parte da prerrogativa foucaultiana de uma sexualidade discursiva, das relações de poder como produtivas e da subjetividade como construída a partir do entrecruzamento destas relações. Portanto, em sua análise, uma das ideias fundamentais é que as bases do processo de produção de identidades (ou subjetividades) em nossa sociedade (e neste ponto deixo claro que é necessário problematizar que sociedade é esta) são reguladas por um modelo generificado, binário e oposicional. Neste sentido, não existe sujeito que não sofra a marca de gênero, isto seria da ordem do irrepresentável.

Butler (2012) aponta para a existência de um esquema de inteligibilidade que estabelece continuidade entre sexo/gênero/prática sexual/desejo. Assim, a partir deste modelo construído culturalmente e que oculta seu caráter de construído por meio da naturalização de seus termos, um corpo com uma vagina seria obrigatoriamente do gênero feminino e, portanto, uma mulher que teria práticas heterossexuais que por sua vez fariam referência ao desejo direcionado ao gênero masculino, considerado seu oposto.

Neste sentido, entende-se que *queer* seria um ponto de subversão e contestação que estaria para além de uma ingênua crítica à limitação da “liberdade” do prazer sexual ou da “expressão” do gênero. Entende-se que o ato de *queering* estaria além da busca individual de satisfação mais plena do desejo, pois performar corpos e gêneros seria uma ação que questionaria o arranjo de possibilidades previamente estabelecidas para nossos processos de subjetivação.

3.1.2 De “caco” em “caco”, do riso ao “rizo”

Ufa! Não sei como a Priscila consegue ficar aqui na frente do computador durante tantas horas escrevendo...

Prefiro seguir as indicações de Deleuze e Guattari (2011): tenha ideias curtas. “Esplendor de uma Ideia curta: escreve-se com a memória curta, logo, com ideias curtas, mesmo que se leia e releia com a longa memória dos longos conceitos.” (p. 35).

É com ideias curtas que se escreve. Pois o pensamento não funciona a partir do modelo de uma árvore com raízes que se remetem a um centro definido e localizável. O pensamento acontece por via de sinapses, por meio de *saltos* empreendidos em uma multiplicidade de direções. O modelo do pensamento estaria mais próximo de um

rizoma, uma haste subterrânea que se propaga em todas as direções e que não possui um centro definido como referência indispensável.

O rizoma: modelo de uma escrita da multiplicidade e não do múltiplo. Pois o múltiplo seria ainda uma referência ao uno, uma unidade que se multiplica em dois, três, quatro, cinco... são falsas multiplicidades. Tornar o múltiplo uma multiplicidade é subtrair dele o uno: “escrever a n-1.” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 21).

Outro dia, em um desenho animado infantil, alguém tentava explicar o funcionamento de um rizoma para crianças. Então, uma das personagens, estranhando o nome deste tipo diferente de sistema e também por não conseguir pronunciar seu nome de maneira correta, passa a chamá-lo de *risadona*. Foi muito engraçado ouvir o rizoma ser transformado em uma grande risada. Mas aos poucos fui acostumando os ouvidos, e além de achar engraçado passei a achar também muito pertinente.

É pertinente chamar o rizoma de *risadona* quando se trata de articulá-lo ao acompanhamento de processos de subjetivação atravessados por um debate que envolve o jogo performativo de gênero nas experiências de lesbianidades. Esta afirmação um tanto quanto curiosa surge do processo de pesquisa desta cartografia em sua consideração sobre performance e performatividade. Como apresentado no capítulo anterior, os processos de subjetivação atravessados por experiências de lesbianidades conformam ao mesmo tempo segmentações estereotipadas quanto à identidade “lésbica” (marcadas por diferenças de cor da pele, classe, escolaridade, idade, etc.) e tensionamentos em relação a diversos pontos que deslocam, questionam, flexibilizam e mesmo diluem tais segmentações ao descortiná-las como falsas multiplicidades. Ou seja, estes estereótipos ou subdivisões empreendidas a partir das distinções entre performances que variam em um gradiente que vai do maior grau de feminilidade ao maior grau de masculinidade, mesmo em sua diversidade, ainda fazem referência ao uno, a uma identidade “lésbica” abstrata, fundamentada em noções de sexo e gênero como substâncias naturais.

Contudo, mesmo sendo este jogo performativo regulado por uma estrutura que modela e unifica a identidade sexual e as possibilidades de subjetivação que estariam “de acordo” com as normas desta “estrutura”, ou dispositivo de sexualidade, existem possibilidades de fissura e ressignificação das normas de gênero e sexualidade. Neste sentido, rir pode se tornar uma excelente estratégia de desestabilização. Performances consideradas de forma isolada, dissecadas, segmentadas a partir de fronteiras rigidamente construídas, nada ou pouco podem dizer a respeito daquilo que extrapola

suas fronteiras. Se tomarmos as performances de gênero a partir desta perspectiva, o que produzimos como efeitos de nossas pesquisas são operações de contraposições entre sujeitos considerados unos. Em decorrência disto, o que colhemos como “dados” são múltiplas identidades ou subidentidades, raízes e radiculas.

Mas como considerar performances sem contextos? Atuações que não se direcionem a uma plateia? Atores e atrizes que possuam domínio total sobre os efeitos de seus atos? Que não esqueçam vez por outra o texto ou que não improvisem, criem “*cacos*”? Se a cartografia de performances de gênero se encontra ainda em condição de ligação estreita em relação a um sujeito que atua, mesmo sendo esse sujeito um múltiplo, a consideração de elementos que condicionam as atuações nos abrem para uma multiplicidade: a performatividade rizomática. Assim, considerar os contextos, as relações de poder em todos os níveis e direções, tanto em seus limites quanto em suas possibilidades produtivas, o acaso histórico, os efeitos das estratégias, nos descentram da análise de sujeitos (indivíduos) em relação às questões de gênero e sexualidade. Ou melhor, os sujeitos são descentrados. A performatividade rizomática inclui as performances de gênero e ao mesmo tempo as atravessa, cruza e desorganiza suas fronteiras. A performatividade entendida a partir do modelo do rizoma comporta dentro de um mesmo sistema momentos de enraizamento (performances de gênero dentro da matriz heterossexual) e momentos de produção de linhas de fuga (paródias de gênero).

Butler (2012) se refere à prática cultural do “travestismo” e à estilização das identidades sexuais *butch/femme* como exemplos de paródias de gênero. De acordo com a autora, tais exemplos, longe de significarem a repetição do mesmo, ou seja, a mera transposição das normativas da matriz heterossexual para as formas de sociabilidade gay e lésbica, seriam práticas, atos subversivos muito mais complexos do que indicaria esta avaliação inicial. A performance “da” *drag* e dos estilos *butch/femme* confunde a pretensa coerência interna subjacente aos elementos fundacionais da “identidade de gênero”. Estas performances tornam visíveis a arbitrariedade com a qual são unificados elementos como corpo, sexo, desejo, práticas sexuais, subjetividade; na verdade, esta desarticulação dos elementos fundantes desta lógica de inteligibilidade cultural do gênero que é a matriz heterossexual, expõe a fragilidade da articulação de seus termos constituintes, bem como seu caráter de fabricação.

Neste sentido, as performances de gênero nos exemplos citados acima mostram corpos que foram sexuados, investidos pela categoria unificadora de “sexo”, estes corpos sexuados sofrem a marca de gênero binário, permanecem a utilizar a

segmentação binária masculino/feminino que serve de fundamento para a matriz heterossexual. Entretanto, estas mesmas performances de gênero, empreendidas a partir do modelo binário, forçam uma desarticulação de seus elementos constituintes. Pois tais performances entendidas como “incoerentes” são produto de uma fabricação, de uma articulação contingente de elementos. A fabricação de performances de gênero que *visivelmente* ostentam “incoerências” entre corpos sexuados masculinos que atuam um gênero feminino, corpos sexuados femininos que atuam gênero masculino e voltam seus desejo e práticas sexuais para corpos sexuados femininos e constroem uma identidade sexual no espaço situado entre estas duas polaridades do gênero binário e oposicional, escancaram o processo de produção do gênero e o desnaturalizam.

As performances de gênero que ostentam a “incoerência” de seus elementos constituintes tornam visíveis processos de fabricação manufaturada do gênero. Deste modo, se gênero pode ser fabricado, não há nada de natural, essencial, interno, expressivo ou único que diga respeito ao gênero em si mesmo. Todos estes adjetivos só podem ser atribuídos ao construto “gênero” se o tomarmos como uma substância em si mesmo, um substantivo. Entretanto, “gênero” só parece ser uma substância em função de uma variedade de esforços produtivos, de discursos e práticas, que forçam a aparente “coerência” do modelo de inteligibilidade da matriz heterossexual. Resulta que as performances de gênero “incoerentes” deixam ver que a “coerência” da matriz heterossexual é forçosamente construída, instituída, mantida e reproduzida por meio de ações, atos performativos.

Desta forma, a heterossexualidade e a pretensa naturalidade do binarismo feminino/masculino são denunciadas como construções condicionadas por uma heterogeneidade de atos repetidos ao longo do tempo e que atendem a objetivos políticos. É neste sentido que as performances de gênero do/da *drag* e da estilização *butch/femme* funcionam como paródias de gênero: utilizam e subvertem os termos de inteligibilidade, apontando para o princípio eminentemente cômico de toda performance de gênero que prima pela manutenção da suposta coerência.

A performatividade rizomática leva em consideração a desconstrução de sexo e gênero como substantivos. Ou seja, admite que as performances de gênero que buscam manter as fronteiras rígidas dos binarismos feminino/masculino, heterossexual/homossexual, interno/externo, mente/corpo, psíquico/social, apenas adquirem sentido e podem funcionar em relação a contextos, discursos, saberes, fazeres,

geografias e histórias que às sustentem. Neste ponto, torna-se importante evidenciar que não existe binarismo e oposição entre performance de gênero e paródia de gênero.

Pois, são performances de gênero “incoerentes”, ou seja, fora de contexto, fora de corpos pressupostos, que fazem coisas diferentes daquelas que pressupostamente deveriam fazer; que por conta dessa desesquemmatização se tornam paródias de gênero, tornam-se uma potência cômica e incisiva que faz rir da performance tida enquanto “coerente”. Então, as paródias de gênero apenas são paródias porque são performances “fora de contexto”, mas esse “fora de contexto” expõe que as performances de gênero são, em todo caso, cômicas. Elas atuam, elas articulam elementos dispersos; e aí reside seu caráter cômico: acreditar que essa dispersão é uma substância.

Portanto, a performatividade rizomática toma forma, em alguns momentos, de performance e, em outros momentos, de paródia. Mas na performance existem elementos de paródia, ela pode funcionar desta forma; assim como as paródias também contém elementos de performance, podendo deixar de funcionar como linhas de fuga e assumir ares de enraizamento. Não existe o binarismo rígido/fluido ou permeável/impermeável. Na performatividade rizomática o que existe é o trânsito, o jogo. Além da consideração de que tais formas do rizoma (performances e paródias) não existem em si mesmas, senão em relação umas às outras, elas se pressupõem mutuamente e apenas surgem a partir de seus cruzamentos; elas existem em relação a contextos, em relação a uma série de outros elementos que às extrapolam, que as atravessam e que não podem ser reduzidas a elas, performance e paródia, de maneira unitária e isolada.

Após todas estas apropriações e redobramentos efetuados com os conceitos de performatividade e rizoma, volto a dizer que é pertinente tornar a performatividade rizomática em uma *risadona*. Pois, tomada em sua forma de paródia de gênero, a performatividade rizomática toma ares de uma grande risada, um deboche, em relação ao cômico que funda performances de gênero presas às regulações do modelo de inteligibilidade cultural da matriz heterossexual. Certamente, pode parecer piada transformar o rizoma em uma risadona na argumentação de um texto acadêmico. Mas acaso não parece piada (talvez de mal gosto) pensar na forma como somos levados a buscar no sexo e no gênero o elemento substancial de nossa subjetividade? Não parece piada a forma como muitos tentam a todo custo “encontrar” o fundamento “natural” da heterossexualidade, inclusive ao nível molecular? Não parece uma piada das mais sarcásticas chamar a homossexualidade de cópia se não existe modelo “original”?

Nesta pesquisa, a cartografia foi praticada, prioritariamente, como o acompanhamento de processos. Esta perspectiva conduziu a produção de dados a respeito da multiplicidade constituinte das experiências de lesbianidades. Como exposto no início do capítulo anterior, a seleção de trechos transcritos das entrevistas realizadas foi orientada pelos pressupostos teórico-metodológicos adotados, bem como pelos objetivos da pesquisa, buscando apresentar momentos de afetação e intensidades que contribuíssem para traçar o mapa cartográfico. Deste modo, o presente capítulo também elege como elemento principal de análise tais fragmentos selecionados a partir do mesmo critério. Entretanto, existe uma diferença entre os fragmentos do capítulo anterior e os fragmentos que serão apresentados no que tange as funções exercidas por estes, bem como em sua caracterização em relação à matriz heterossexual e as noções que a sustentam, reforçam e reproduzem.

De fato, a diferença entre os trechos selecionados não é tanto em relação a seu conteúdo. Diria que a divisão deste trabalho em capítulos não se faz por via de uma segmentação dos conteúdos expostos. Em todos os capítulos se trata da construção de um mapa de intensidades que acompanha processos de subjetivação atravessados por experiências de lesbianidades frente ao modelo de inteligibilidade cultural do gênero da matriz heterossexual. Assim, a divisão em capítulos se refere a diferenças de ênfase em relação aos componentes do referido plano cartográfico. Se no capítulo anterior a questão da identidade lésbica e seus tensionamentos e pressões tomaram relevo, no presente capítulo os fragmentos apresentados dizem respeito a partículas microfísicas que se movimentam com maior velocidade no sentido de se distanciar e desestabilizar o esquema de continuidade pressuposto entre sexo/gênero/prática sexual/desejo. Se no capítulo anterior a Priscila escolheu colocar em primeiro plano o debate sobre performances de gênero e subjetivação, neste capítulo prefiro tornar visíveis fragmentos mais próximos da forma da paródia de gênero e das linhas de fuga sem sujeito definido.

Na linguagem do teatro, o termo “caco”, em seu sentido amplo, designa momentos da atuação que fogem ao texto definido de uma peça, momentos que realizam algum tipo de acréscimo ou improvisado. Os cacos, em geral, causam algum estranhamento na plateia, pois são percebidos como pequenas rupturas em relação à continuidade de uma atuação pré-estabelecida. Na linguagem comum, o termo “caco” pode significar o mesmo que pedaço, parte ou *fragmento*. Então, vejamos agora alguns cacos de paródias de gênero:

“O macho na mulher”

A: Ela diz: “não, eu gosto de ti porque tu tem esse teu jeito de macho” (simulando fala de Fulana). Eu digo: “então porque tu não arranja um macho?”. “Não, eu gosto do macho na mulher”, ela fala pra mim, entendeu? “Porque tu tem um jeito feminino, mas tu tem também um jeito masculino que eu gosto quando tu sai comigo. Mas quando tu ta na cama comigo, tu é uma menina.” (simulando fala de Fulana). Porque da feita que eu tiro a roupa, né? Eu sou igual ela. Uma mulher.

Desejo preconceituoso

A: E fora as outras coisas. Um travesti teve preconceito comigo.

B: Gente, mesmo?

A: Eu tava no ônibus, eu tava pra descer aí ele falou: "olha que gatinho", não sei o que. Aí eu olhei pra ele, ele viu que eu era uma menina e disse: "meu deus, eu não acredito que esse menino é uma menina! Nossa! Credo! Sapatão". Sendo que olhando pela...

B: Gente!

A: Pela sociedade preconceituosa a gente é da mesma classe.

B: Aham.

A: Tipo, travesti é um homem que se veste de mulher e eu meio que me visto de menino. E às vezes rola um preconceito mesmo no mundo homossexual.

B: Dentro.

A: Dentro. que é meio assim, tipo "oi?".

B: Aham.

A: Enfim, fora as outras coisas.

B: É meio que cotidiano isso ou não?

A: Não. Outro dia eu tava na balada e um menino passou a mão em mim pensando que eu era um menino.

B: Um menino?

A: Um menino. Tipo, não foi preconceito, mas foi meio constrangedor.

Preconceito desejante

A: Legal. É... geralmente tem uma outra pergunta que eu também faço, tu já comentaste um pouco sobre isso, né, e...agora tu falaste nessa tua trajetória de vida,

uma coisa que a gente percebe também que é bem marcante, é...preconceito, discriminação. Acho que, infelizmente, é inevitável não comentar sobre isso.

B: Sim, sim.

A: É...tu já tiveste algum episódio na vida?

B: Eu acho que eu vivi coisas na adolescência assim, sabe?

A: Hum.

B: Uma das coisas que as pessoas não tomam como preconceito e eu tomo, que é outras mulheres, que sacam que tu és homossexual, então acham que tu comes qualquer boceta, e elas ficam sacaneando contigo né.

A: Sim.

B: Dizer, por exemplo, aconteceu na minha vida...

A: Fingir que tá...

B: Não, não é fingir, não. É dizer assim, por exemplo, eu fui fazer um curso... é absurdo tá? Mas vou falar...

A: Tudo bem.

B: Porque eu acho que às vezes a gente tem que prestar atenção. Eu fui fazer um curso e... tinha uma secretária no curso. Então ela me olhava... aí ela... começou a dizer "eu sei que tu gosta, eu sei do que tu gosta". E aí eu ficava assim... até que ela começou a fazer o seguinte, quando eu tava lá, que eu só chegava mais cedo, não tinha mais ninguém lá na escola, que era um escritório pequeno, era um curso livre de jornalismo. Ela simplesmente abria a blusa e dizia: "vem! Toma! Tu gosta. Vem aqui. Vou te dar o que tu gosta".

A: Nossa!

B: Isso pra mim é um tipo de preconceito. É agressivo!

A: Aham.

B: Porque ela é incapaz de dizer que ela quer comer uma mulher ou quer ser comida por uma mulher. Ela vai te dar porque tu gosta de boceta. Vai testar o teu... Isso pra mim é um dos preconceitos que eu sofri mais graves.

Estes fragmentos, ou cacos, de paródias de gênero expõem como um modelo de inteligibilidade cultural de gênero que força relações de continuidade entre elementos descontínuos é um modelo problemático. As paródias de gênero inventam linhas de fuga que confundem este modelo, criam encrencas e mesmo anedotas. Fazem rir desta ilusão de substância. Escancaram o cômico existente em um “original” que de fato é a

cópia de um ideal inalcançável. De acordo com Butler (2012), a paródia de gênero é uma “imitação sem origem” (p. 197). Por isto acredito que façam rizoma, ou melhor, *rizadona*. Tal qual uma grande risada, a paródia de gênero causa afetações e se propaga; muitas vezes não pode ser controlada e se liga a outras coisas criando conexões improváveis. Como conceber “um macho na mulher”? Que estranha forma de preconceito “heterossexual” que agride, força, a partir de um ato “homossexual” é essa? E que situação improvável, que beira ao cômico, é esta relatada em “desejo preconceituoso” entre uma sapatão e “um” travesti?

As confusões, encrencas e anedotas ocorrem a partir de performances de gênero de sujeitos definidos, mas não dizem respeito apenas a estas performances consideradas isoladamente. Pois elas se ligam a contextos, relações, signos, tempo, e à multiplicidade constituída pelas possibilidades de articulações e entrecruzamentos de todos estes fatores (vetores?), ou seja, não se molda a um telos direcionador. A performatividade rizomática em sua forma de paródia de gênero é composta por estas pequenas partículas de desestabilização que chamarei de *rizos*. Considerados isoladamente, os *rizos* são difíceis de apreender, movimentam-se com velocidade, deslocam-se constantemente. Contudo, se deixarmos de lado a lógica unitária e passarmos a considerar os *rizos* no plano coletivo, rapidamente podemos visualizá-los em sua multiplicidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: Mas por que acabou?

Como saber quais os efeitos gerados por este dispositivo pesquisa tomados em sua multiplicidade? Impossível, impossível. Retomando o percurso da pesquisa, esta seria mais uma forma de concluir não concluindo, reiterando que assim como não se pode delimitar seu início também se torna difícil estabelecer seu final. Pois a pesquisa reverbera nas experiências produzidas, nas questões levantadas que não puderam ser respondidas, nas linhas que não puderam ser seguidas etc. Ao considerar este ponto no qual estou atualmente, que muitos poderiam considerar um final, mas que para mim parece mais com um meio; muitas coisas que pareceriam conclusivas tomaram ares de recomeço, de um rearranjar dos pontos no diagrama de forças traçado nesta cartografia. Assim, eu não gostaria de (e nem faria sentido para esta pesquisa) terminar este trabalho com uma “palavra final”. Isto seria um grande contrassenso em relação à perspectiva histórica adotada ao longo de todo este percurso.

Cartografar é um desafio. E cartografar lesbianidades foi um desafio pessoal, um desafio epistemológico e um desafio político. A química curiosa que estabelece ligações entre estes elementos na cartografia causou interessantes confrontos, trocas e novas possibilidades de relações.

Dentre os efeitos que consegui capturar, destacaria a contribuição desta pesquisa e do método da cartografia como uma alternativa ético-política no acompanhamento de processos de subjetivação, em conexão com os temas de gênero e sexualidade, para a produção de conhecimento em diversas áreas da psicologia. Pois, acredito que a adoção acrítica ao modelo de inteligibilidade cultural da matriz heterossexual e seus constructos fundacionais como as categorias de “sexo” e “gênero”, tomadas como substâncias, coloca os discursos *psi* alinhados com a produção e manutenção do sofrimento psíquico e demais formas de violência exercidas em função desta lógica de segmentação dos corpos em barreiras binárias.

Em reconhecimento à relevância do desafio, admito que foi com muito receio que escrevi o texto final desta dissertação, pois a consideração da responsabilidade ético-política sobre os efeitos da produção de conhecimento na academia pesava sobre os dedos no teclado do computador. Por ter esta atitude cartográfica de análise sempre presente, a todo o momento busquei tornar evidentes minhas escolhas e assumir os pressupostos desta pesquisa, que não são apenas teórico-metodológicos, mas também políticos. São verdadeiras escolhas políticas sobre a vida.

Neste momento, na companhia de minha xícara predileta preenchida por uma dose generosa de café preto, dedico-me ao trabalho de síntese e (re) avaliação do que foi feito ao longo do processo de pesquisa, bem como desse relato/narrativa que constitui a dissertação. São muitos os cuidados que se tomam ao longo desse percurso, eram muitas as expectativas em relação aos efeitos desta pesquisa: pessoais, acadêmicas, políticas. Algumas declaradas e outras sequer percebidas de início. A química cartográfica foi capaz de misturar de maneira perspicaz estes elementos. Assim, escrever a partir do presente sobre este passado recente se torna um exercício curioso. É ao mesmo tempo interessante e estranho (re)ver o que foi produzido. Rer ler as páginas finais do diário de pesquisa traz consigo a dimensão da intensidade que a articulação entre pesquisa, vida, ética e política adquirem no fazer cartográfico; além de ser um interessante movimento de confronto com as modulações de Priscila: a “Priscila-pesquisadora”, a “Priscila-escritora”, a “Priscila-ativista”, a “Priscila-mulher-lésbica”, a “Priscila-cartógrafa-aprendiz”, “Priscila-que-quer-*queer*” e muitas outras.

Em: 23/10/2015 – Diário de pesquisa

Seria esse um “deslocamento” de pesquisa? Um problema de pesquisa que tenta relacionar performatividade de gênero e lesbianidade como forma de “visibilização” de “experiências” culmina por fazer outra coisa que tem, sim, profunda relação com a proposta inicial, mas que desloca o entendimento que tem destes termos?

Neste sentido, esse momento “final/meio” toma ares de rearranjo da “colheita” dos “dados” cultivados. Toda viagem envolve riscos e esta se aventurou a se posicionar de forma diferente, estar em uma perspectiva de coordenadas diferentes em relação ao tema pesquisado, não buscar a unidade, mas multiplicidade. Desta forma, estas considerações que faço agora não se caracterizam como o retorno ao mesmo. Embora tragam à baila as questões formuladas no começo desta viagem-pesquisa, ocorre que estas mesmas questões também foram deslocadas durante o caminho. De modo que não acredito que possam ser consideradas estritamente “as mesmas”.

Como descrito na introdução, o objetivo geral da pesquisa foi cartografar as nuances do jogo performativo de gênero no qual mulheres com múltiplas experiências de lesbianidade, simultaneamente, fazem uso e também são afetadas por construções

discursivas de gênero e sexualidade que constituem parte importante de seus processos de subjetivação; buscando identificar elementos e fragmentos que constituíssem possíveis resistências, ressignificações ou desesquematisações em relação aos padrões normativos de gênero e sexualidade. Para dar conta de tal objetivo geral, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: 1) observar e acompanhar as formas de sociabilidade de mulheres com experiências de lesbianidade em suas conexões com suas performances de gênero, em alguns espaços de sociabilidade GLS de Belém; 2) compreender os sentidos atribuídos por estas performances de gênero em suas experiências de vida e 3) identificar possíveis momentos de singularizações, ressignificações e resistências às normas de gênero binário e oposicional.

Como apontado em outros momentos deste trabalho, o objetivo geral de pesquisa sofreu modulações ao longo deste processo. O projeto inicial, que centrava o debate e as análises nas experiências pessoais de mulheres com diferentes performances de gênero, foi sendo modificado a partir de afetações tanto teóricas quanto práticas. A atitude analítica cartográfica, ou seja, a problematização dos caminhos da pesquisa, pouco a pouco foi traçando melhor o diagrama que estava sendo traçado. Primeiramente, uma provocação teórica: centrar a pesquisa na diferença entre performances de gênero e nas histórias consideradas como construções individuais não seria limitar os horizontes de pesquisa? Não seria reproduzir de forma acrítica a atitude de pesquisa em psicologia que volta sempre ao sujeito como elemento de importância última (ou única)? O conceito de performatividade não estaria mais próximo da noção de sujeito – e – processo e com a fundamentação teórica escolhida? A resposta a tais arguições foi afirmativa.

A provocação teórica se uniu à provocação da “pesquisa de campo”. Frequentar os espaços GLS de Belém para as finalidades de pesquisa fez ver tanto para a “Priscila-pesquisadora” quanto para a “Priscila-lésbica-frequentadora-de-espaços-GLS” que a sociabilidade não é um ente isolado e imóvel, bem como as performances e os espaços. Estes elementos todos atuam conjuntamente para a construção dos jogos performativos de gênero e para a aparente rigidez entre feminilidade e masculinidade nas experiências de lesbianidade. Como apresentado nas primeiras páginas do Diário de pesquisa, praticar a cartografia deslocou meus pressupostos e expectativas. De fato, colocar em prática uma atitude cartográfica me mostrou que, apesar de meus esforços, minha postura nos espaços GLS estava permeada por constructos teóricos dos quais demorei um pouco para me desprender durante o período de “campo”. O contumaz

questionamento da pesquisa cartográfica em relação às fronteiras entre sujeito e objeto de pesquisa, forçou-me a realizar o trabalho fundamental de análise de implicação e sobreimplicação sem o qual creio que seria impossível avançar nas problematizações empreendidas.

De provocação em provocação, a pesquisa foi reverberando, chegando a territórios imprevistos e permeabilizando cada vez mais as fronteiras. Deste modo, os objetivos específicos aqui enumerados possuem uma separação meramente para fins de explanação. No cotidiano de pesquisa, as provocações teóricas deslocaram minha postura nos espaços GLS, bem como o entendimento que tinha a respeito destes; que por sua vez ressignificou minha compreensão a respeito dos conceitos que norteavam o trabalho. Obviamente, tais mudanças impactaram diretamente minha compreensão a respeito do jogo performativo nas experiências das mulheres entrevistadas, pois não poderia mais analisar seus relatos a partir de uma perspectiva individualizante. A partir deste momento, foi possível visualizar uma série de linhas que atravessavam seus processos de subjetivação e que atuavam na construção de uma identidade lésbica e também em sua desconstrução.

Finalmente, visualizar as referidas linhas tornou possível a escolha de fragmentos de seus relatos que considerassem os diferentes níveis de intensidade e nuances do jogo performativo de gênero efetuado por mulheres atravessadas em seus processos de subjetivação por múltiplas experiências de lesbianidade. Apenas a partir destes vários deslocamentos de pesquisa foi possível escrever sobre suas vidas, considerando os vários processos envolvidos e problematizando o olhar psicológico. Escrever e analisar entrevistas sem recair na fórmula do “perfil psicológico” e da “especificação” de experiências não-heterossexuais. Assim, o entendimento inicial a respeito dos “momentos de ressignificação e desesquematização de gênero” também foi deslocado para dar visibilidade aos efeitos não intencionais deste jogo, considerando elementos outros para além de performances de gênero isoladas.

De acordo com as informações produzidas e compartilhadas, foi possível traçar um plano. No plano comum relativo a esta pesquisa, a experiência *comum* (de comunhão ou comunicação) construída, no que diz respeito às diferentes performances de gênero atuadas por mulheres cujos processos de subjetivação são atravessados por experiências de lesbianidade, é a desestabilização da matriz heterossexual a partir de formas singulares. Neste plano, tornou-se visível que as performances de gênero nas experiências de lesbianidade compõem, mesmo em suas estilizações corporais que

aparentam fronteiras mais rígidas, um potencial subversivo parodístico que não diz respeito, necessária ou exclusivamente, a ação de vontade das mulheres que atuam tais performances.

Nesta pesquisa, experimentou-se o posicionamento em uma perspectiva diferente da usual, diferente do pensamento arborescente, para falar sobre performatividade de gênero e subjetivação. Experimentei fazer rizoma, experimentei inventar *rizos*. Ou seja, existia o objetivo explicitado de fazer ressoar e dar visibilidade às linhas de fuga, aos fragmentos de subversão que compunham um diagrama de forças atravessado de lado a lado pelos padrões heteronormativos e por seus efeitos de subjetivação. Evidentemente, tal objetivo dialoga em termos de contraposição em relação a uma parcela das pesquisas sobre identidade sexual que busca identificar os elementos constitutivos de identidades consideradas fixas; pesquisas que realizam uma espécie de “taxonomia” das práticas não-heterossexuais, pois em suas descrições muitas vezes deixam escapar a impressão de que sujeitos identificados com estas práticas formariam um tipo de classificação distinta dentro da espécie humana.

Então, saliento que não existe aqui a atitude de negação das conquistas históricas do Movimento LGBT ocorridas por e para a construção das reconhecidas identidades coletivas. Contudo, admitiu-se que tais identidades possuem um contrafeito de individuação, ou seja, de limitação das possibilidades de existências por um modelo específico de representação de sujeitos identificados com práticas não-heterossexuais. Além disto, o objetivo traçado para esta pesquisa também buscou colocar em prática a crítica a respeito da forma como muitas pesquisas em psicologia se erguem a partir da vinculação a modelos heteronormativos, cujas premissas são responsáveis em âmbito social por ocasionar sofrimento psíquico para aquelas/aqueles que desviem da norma.

Deslocar os modelos pré-fixados, expor seu aspecto de fabricação, permeabilizar as margens que aprisionam em formas de individuação estanques as múltiplas experiências de vida e, assim, fazer com que devenham multiplicidade. Forçar as grades da existência! Creio que este poderia ser o grito de uma psicologia politicamente comprometida com a crítica do presente.

Pausa para mais uma xícara de café.

Contudo, a atitude de pesquisa que busca diluir a análise em todos os momentos de sua realização atribui relevância à consideração dos contrapontos dentro da própria pesquisa. Embora tenha me voltado para o caráter subversivo do jogo performativo de gênero, não poderia invisibilizar a existência de características marcadamente

reprodutoras de hierarquias e padronizações nas entrevistas com mulheres atravessadas em seus processos de subjetivação por múltiplas experiências de lesbianidade. Sem dúvida, seria possível realizar esta pesquisa a partir deste prisma, mas a aposta política da pesquisa foi experimentar a perspectiva não- globalizante, uma aposta na micropolítica. Entretanto, os trechos de entrevistas selecionados são propositalmente longos e possuem referência a momentos nitidamente reprodutores do padrão hegemônico como estratégia de possibilitar discordância da/o leitora/or.

Deste modo, como produto da pesquisa, segue também o indicativo para pesquisas futuras que tratem sobre o tema da reprodução dentro do jogo performativo de mulheres com múltiplas experiências de lesbianidade. Seria igualmente interessante inserir neste diagrama algumas linhas de análise que surgiram ao longo da pesquisa e que não puderam ser incorporadas neste trabalho, tais como: o desejo ou não de reproduzir padrões de relacionamento amoroso e sua articulação com contextos de sedução e a referida mudança de performance de gênero; a importância do medo de sofrer violência para a questão da performatividade de gênero.

Muitas linhas que compõem o plano pesquisado não puderam ser seguidas em função dos limites elaborados para este trabalho e daqueles inerentes ao trabalho acadêmico. Seria necessário dar mais atenção às funções exercidas pelos espaços GLS no contexto desta pesquisa, bem como aos recortes de raça, classe e idade. Um trabalho que se voltasse para a amizade entre mulheres com experiências de lesbianidade também seria interessante no sentido de fazer pensar sobre sua relevância para as performances de gênero.

É importante ressaltar que as estratégias de pesquisa sempre envolvem consequências para a produção das informações. Assim, caberia também salientar que as performances de gênero que compõem esta pesquisa estão ligadas ao contexto dos espaços GLS nos quais foram produzidas. Mas como limitar a sociabilidade e a performatividade a esses espaços? E as mulheres que não os frequentam porque não gostam, não querem, não tem dinheiro para tal ou porque sentem medo de encontrar pessoas conhecidas? Todas as mulheres que entrevistei assumem suas experiências de lesbianidade publicamente, mas o que dizer sobre mulheres que são atravessadas em seus processos de subjetivação pela vergonha, medo ou opção política de não tratar sobre este tema publicamente? Elas atuam de forma diversa em suas performances de gênero? Ou supor isto seria uma forma de dividir novamente as experiências de lesbianidade em subgrupos?

Assim, este processo chega ao final sem terminar de fato. Multiplica as linhas que poderiam ser seguidas, multiplica as perguntas e os problemas que direcionariam a produção de dados. Eis que nos vemos mais uma vez no meio de um rizoma. Por isto, se alguém porventura me perguntasse: “o que é uma lésbica?”. Eu não saberia explicar. Mas, parodiando um pouco Navarro-Swain (2004), talvez respondesse: “é uma excelente pergunta!”

REFERÊNCIAS

BARROS, Letícia Maria Renault; BARROS, Maria Elizabeth Barros de. O problema da análise em pesquisa cartográfica. In: **Fractal, Revista de Psicologia**. 2013, vol.25, n.2, pp. 373-390. Disponível em:<http://www.scielo.br/pdf/fractal/v25n2/10.pdf>. Acessado em 19/11/2015.

BARROS, Laura; KASTRUP, Virginia. Pista 3: Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. In: **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

BARROS, Regina; PASSOS, Eduardo. Diário de bordo de uma viagem- intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. In: **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. 3ª reimp. Porto Alegre: Sulina, 2014.

BUTLER, Judith. **Problema de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2012.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. v. 1. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. 2ª ed., rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 27 reimp. Rio de Janeiro: Graal, 2011.

_____. Sexualidade e poder. In: **Ditos e escritos V**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012a.

_____. **Microfísica do poder**. MACHADO, Roberto. (org.) 25 ed. São Paulo: Graal, 2012b.

_____. **Arqueologia do saber**. 8 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

FRY, P. H.; MACRAE, E. **O que é homossexualidade?** São Paulo: Abril Cultural/Editora Brasiliense, 1985.

RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. O zero e o infinito – reflexões sobre o método biográfico em pesquisa histórica. **Mnemosine**, Vol. 9, n 2, p. 271-288, 2013.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. In: **Fractal, Rev. Psicol.**, v. 25 – n. 2, p. 263- 280, Maio/Ago. 2013.

LAQUEUR, Thomas Walter. Da linguagem e da carne. In: **Inventando o sexo: corpo e gênero, dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relumê-Dumará, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. Viajantes pós-modernos. In: **Um corpo estranho**. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Entrevistas e outros textos: compartilhando estratégias de análise qualitativa. In: Charles Elias Lang, Jefferson de Souza Bernardes, Maria Auxiliadora Teixeira Ribeiro e Susane Vasconcelos Zanotti. In: **Metodologias: Pesquisas em saúde, clínica e práticas psicológicas**. Maceió: EDUFAL, 2015.

MEDRADO; SPINK; MÉLLO. Diários como atuantes em nossas pesquisas: narrativas ficcionais implicadas. In: SPINK; BRIGADÃO; NASCIMENTO; CORDEIRO (Orgs.). **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas**. Rio de Janeiro, 2014.

MEINERZ, Nádia. Entre mulheres. A constituição de parcerias sexuais e afetivas femininas. In: **Latitude**, v. 2, nº1, pp.124-146, 2008.

MISKOLCI, Richard. A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. In: **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, n. 21, Jan./ Jun. 2009, p. 150- 182.

NAVARRO – SWAIN, Tania. **O que é lesbianismo**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

NOGUEIRA, Conceição. Análise (s) do discurso: diferentes concepções na prática de pesquisa em psicologia social. In: **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. 2008, Vol. 24 n. 2, pp. 235-242.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides. Pista 1: A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. In: **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. 3ª reimp. Porto Alegre: Sulina, 2014.

PRECIADO, Beatriz. Entrevista a Jesús Carrillo. In: **Cadernos Pagu**. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, 2007. v.28. p.375-405

PRECIADO, Beatriz. Multidões queer: Notas para uma política dos “anormais”. In: **Estudos Feministas**, Florianópolis, 19(1): 312, janeiro-abril/2011.

RODRIGUES, Heliana. O zero e o infinito: reflexões sobre o método biográfico em pesquisa histórica. In: **Mnemosine**, Vol.9, nº2, p. 271-288 (2013) – Biografia.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, Jul./Dez. 1995, pp. 71- 99.

SPINK; MENEGON; MEDRADO. Oficinas como estratégia de pesquisa: articulações teórico-metodológicas e aplicações ético-políticas. In: **Psicologia e Sociedade**, 26 (1), 32-43, 2014.

TEDESCO, Silvia; SADE, Christian; CALIMAN, Luciana. A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. In: **Fractal, Rev. Psicol.**, v. 25 – n. 2, p. 299- 322, Maio/Ago. 2013.

TOLEDO, Livia Gonsalves. **Estigmas e Estereótipos sobre as lesbianidades e suas influências nas narrativas das histórias de vida de lésbicas residentes em uma cidade do interior paulista**. (Dissertação de mestrado). Unesp, Assis, 2008.

VALE DE ALMEIDA, M. **Do feminismo a Judith Butler**. Conferência, Ciclo Pensamento Crítico Contemporâneo, Le Monde Diplomatique / Fábrica Braço de Prata, 5 de Abril de 2008.